

Pedro Augusto de Oliveira Proença

O comportamento sexual dos protagonistas de *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, e de *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração Teoria e Estudos Literários, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes

São José do Rio Preto

2017

Pedro Augusto de Oliveira Proença

O comportamento sexual dos protagonistas de *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, e de *O Complexo de Portnoy*, de Philip

Roth

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a Dr^a Giséle Manganelli
Fernandes

São José do Rio Preto
2017

Proença, Pedro Augusto de Oliveira.

O comportamento sexual dos protagonistas de O amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence, e de O complexo de Portnoy, de Philip Roth / Pedro Augusto de Oliveira Proença. -- São José do Rio Preto, 2017
145 f.

Orientador: Giséle Manganelli Fernandes

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura - Séc XIX-XX. 2. Literatura comparada - Inglesa e americana. 3. Literatura comparada - Americana e inglesa. 4. Dialogismo (Análise literária) 5. Sexo na literatura. 6. Lawrence, D. H., David Herbert, 1885-1930. - O amante de Lady Chatterley - Crítica e interpretação. 7. Roth, Philip, 1933- O complexo de Portnoy - Crítica e interpretação. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 8.091

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Pedro Augusto de Oliveira Proença

O comportamento sexual dos protagonistas de *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, e de *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Giséle Manganelli Fernandes

UNESP – São José do Rio Preto

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Norma Wimmer

UNESP – São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Mail Marques de Azevedo

Universidade Federal do Paraná/Uniandrade

São José do Rio Preto

14 de fevereiro de 2017

Aos meus pais, Sandra e Álvaro.

À minha noiva, Camila.

AGRADECIMENTOS

Nas narrativas épicas, míticas e na literatura em geral, a personagem nunca está sozinha. Sempre há seres (divinos ou humanos) prontos a lhe dar um bom conselho, sugerir-lhe o caminho acertado ou simplesmente confortá-la nas agruras do percurso. Assim, Ulisses conta com o amparo e a sabedoria de Atena; Dante se arvora na proteção de Virgílio; e Riobaldo tem uma luz pelas veredas de um grande sertão em Diadorim.

Como pesquisador da área de Letras, felizmente, não é preciso enfrentar ciclopes; descer aos círculos do inferno ou duelar com jagunços. No entanto, todos temos nossas ansiedades e inquietações. Felizmente, durante essa jornada, tive pessoas em meu caminho que agiram como Atena, Virgílio e Diadorim.

Meus pais, Sandra e Álvaro, foram como Atena, pois me deram todo o amor e suporte para empreender essa jornada. Embora não sejam versados em Literatura, suas sugestões de como controlar o nervosismo, orações para que eu fosse bem-sucedido e o apoio necessário na hora de tomar decisões difíceis foram ensinamentos valiosos.

Giséle, minha orientadora, foi como Atena e Virgílio: sempre tinha um conselho sábio, uma ajuda providencial, uma disposição inabalável e um sorriso no rosto, mesmo diante de todas as tribulações de sua rotina. Ao longo de dois anos, ela fez tudo que podia para elucidar dúvidas acerca da pesquisa e para tornar menos desgastantes minhas idas a Rio Preto.

Já Camila foi como os três. Sou-lhe grato pela paciência em lidar com a minha ansiedade, pelo otimismo e pelo amor, sempre inabalável. Admiro a acurácia de suas palavras: sempre capazes de me mostrar quais eram, de fato, as coisas mais importantes da vida e de me acalmar.

Sou grato a todas essas pessoas. No entanto, há ainda outras. Trata-se de seres que o acaso coloca em nosso caminho que tornaram as seis horas de viagem que separam São Paulo de São José do Rio Preto menos cansativas. Utilizo o termo “acaso” porque, como certa feita escreveu Lobo Antunes, este é o pseudônimo que Deus usa quando não quer assinar. Assim, expresso, também, minha gratidão a Odair, Netto, Natália e Alexandre.

Palavra, palavra

(digo exasperado),

se me desafia,

aceito o combate

(O Lutador, Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho tenciona comparar como as personagens Lady Chatterley, protagonista de *O amante de Lady Chatterley* (1928), do inglês D. H. Lawrence, e Alexander Portnoy, protagonista de *O complexo de Portnoy* (1969), do norte-americano Philip Roth, lidam com seus comportamentos sexuais. A comparação será baseada no conceito de dialogismo, de Mikhail Bakhtin (2015). O dialogismo (ou as relações dialógicas) tem como premissa que um enunciado sempre é formulado por um ser humano situado histórica e socialmente e que está sempre em articulação com enunciados anteriores, com os quais estabelece uma relação tensa. Assim, o conceito supramencionado pode ser definido como as relações de sentido que os enunciados estabelecem entre si. Como as obras literárias estudadas tratam da temática da sexualidade e trazem duas personagens cujo comportamento sexual desafia discursos que oprimem a libido, é possível explorar o diálogo entre ambas as obras. Tentaremos demonstrar que a relação dialógica mais profunda entre as personagens não ocorre tão somente pelo tema da sexualidade, mas pelo seu aspecto transgressivo. Sendo a personagem do romance uma criatura social e histórica (BAKHTIN, 2014), produtora de enunciados, as épocas em que os enredos acontecem também serão investigadas, a fim de identificar quais discursos oprimiam as sexualidades dessas personagens e como estas os enfrentavam. Assim, estudaremos como a Revolução Industrial, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, o Antissemitismo nos Estados Unidos e na Alemanha se articulam com os romances. Dessa forma, este trabalho avalia as similaridades e as divergências da conduta sexual desses protagonistas bem como a relação que estabelecem com os discursos coibidores da sua libido e a dimensão transgressiva da sexualidade de cada um.

Palavras-chave: Portnoy. Lady Chatterley. Dialogismo. Bakhtin. Sexualidade.

ABSTRACT

This thesis aims at comparing how the characters Lady Chatterley, protagonist of *Lady Chatterley's Lover* (1928), written by D. H. Lawrence, and Alexander Portnoy, protagonist of *Portnoy's Complaint* (1969), by Philip Roth, deal with their sexual behavior. Our comparison will be based on the concept of dialogism, by Mikhail Bakhtin (2015). Dialogism (or dialogic relations) has as premise that an utterance is always formulated by a historical and social being and it is always related with previous utterances, with which has a tense relationship. Therefore, the concept mentioned above can be defined as the meaningful relations that utterances have among them. As both literary pieces bring the theme of sexuality and bring characters whose sexual behavior challenges discourses that oppress the libido, it is possible to explore the dialogue between these two books. This work shows that the deepest dialogic relation between Lady Chatterley and Portnoy occurs not only due to the theme of sexuality, but also because of its transgressive aspect. Once the novel's character is a social and historical being (BAKHTIN, 2014) who produces utterances, the epochs of those novels will be deeply investigated, in order to identify the discourses that oppressed the sexuality of those characters and how they faced them. Therefore, the Industrial Revolution, the First and Second World Wars, Anti-Semitism in Nazi Germany and in the United States and the Civil Rights Movement will be addressed in connection to these novels. This study reveals similarities and differences between the main characters' sexual behavior, as well their relationship with the forces that curbed their libido and the transgressive aspect of each one's sexuality.

Keywords: Portnoy. Lady Chatterley. Bakhtin. Dialogism. Sexuality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ENUNCIADO DIÁLOGO E ROMANCE.....	17
2.1. Considerações iniciais.....	17
2.2. O texto como ponto de partida; os discursos e os enunciados.....	17
2.3. Enunciados em diálogo.....	19
2.4. A personagem do romance.....	21
2.5. Embates discursivos de Lady Chatterley e Alexander Portnoy.....	23
2.6. A transgressão sexual: o ponto comum.....	26
3. SOCIEDADES INDUSTRIAIS EM GUERRA.....	27
3.1. Considerações iniciais.....	27
3.2. Um mundo integrado por ferro e carvão.....	27
3.2.1. A vida e o trabalho em uma era de industrialização.....	29
3.2.2. O universo burguês.....	34
3.3. Um inconveniente legado da Industrialização.....	38
3.3.1. A Era da Guerra Total.....	41
4. GUERRAS DISCURSIVAS.....	45
4.1. Considerações iniciais.....	45
4.2. Vidas Mutiladas.....	46
4.3. O casal Chatterley no povoado de Tevershall.....	49
4.3.1. Uma lady, um baronete e um empregado.....	55
4.4. Sexo e sexualidade na obra.....	64
5. OS ESPAÇOS FEMININOS EM UMA SOCIEDADE MISÓGINA.....	71
5.1. Considerações iniciais.....	71
5.2. Lar e família: casamento e divórcio na Grã-Bretanha.....	72
5.3. A moral cristã e a condenação da mulher.....	74
5.4. A Primeira Guerra Mundial sob a ótica das mulheres.....	77
5.5. Lady Chatterley: sexualidade e cidadania mediadas.....	79
5.6. Lady Chatterley e a moral religiosa.....	81
6. ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO DE CONTRASTES.....	84
6.1. Considerações iniciais.....	84

6.2. A imagem moral do povo eleito por Deus.....	85
6.3. A terra das desigualdades e da segregação.....	88
6.4. A terra das oportunidades.....	94
6.5. Uma nação em guerra.....	95
6.6. 1950-1960: estabilidade, contradições e rupturas.....	97
7. O PESO DO DISCURSO RELIGIOSO.....	101
7.1. Considerações iniciais.....	101
7.2. O judeu na legislação e no imaginário nazista.....	102
7.3. O horror dos campos de concentração.....	105
7.4. Os judeus e o antissemitismo nos Estados Unidos.....	107
7.5. Fatores que inibem a sexualidade de Portnoy.....	112
7.5.1. Discursos da Ciência e da Religião sobre a masturbação.....	115
7.5.2. Sexualidade impura.....	116
7.5.3. A conquista da América.....	119
7.6. O diagnóstico de Dr. Spielvogel.....	123
8. SEXUALIDADES TRANSGRESSIVAS.....	126
8.1. Considerações iniciais.....	126
8.2. Enfrentando discursos.....	126
8.3. Duas personagens obscenas.....	133
9. CONCLUSÃO.....	136
REFERÊNCIAS.....	138

INTRODUÇÃO

Este trabalho é norteado pela paixão por dois romances. O primeiro deles é *O complexo de Portnoy* (2004), escrito pelo norte-americano Philip Roth (1933 -), em 1969, e lido em 2013. O outro, *O amante de Lady Chatterley* (2010¹), publicado pelo britânico David Herbert Lawrence (1885-1930) em 1928, e lido no início de 2014. Conquanto possa parecer óbvio e não seja protocolar mencionar isso em uma dissertação de mestrado, fazemos questão de frisar: estudar esses romances nos dá imenso prazer.

O próprio Lawrence pensa que a Literatura é paixão; uma ferramenta capaz de conduzir nossa consciência por múltiplos caminhos. Para o autor, os romances “podem revelar os aspectos mais recônditos da vida²”, (LAWRENCE, In: LAWRENCE, 2010, p.34). São esses aspectos que nós, estudantes de Letras, buscamos quando, arrebatados por algumas palavras (uma rima, uma frase, uma metáfora...), nos debruçamos sobre um livro. Tentamos extrair um pouco mais de poesia dos contos, obter um tanto mais de prosa dos versos e quiçá uma porção maior de vida dos romances.

Assim, para investigar “os aspectos mais recônditos da vida” de Alexander Portnoy e Lady Constance Chatterley, lemos, com entusiasmo e atenção, não somente Philip Roth e D. H. Lawrence, mas também buscamos estudar interpretações acerca das obras dos autores em foco. Obviamente, não usamos tudo da fortuna crítica; afastamo-nos de alguns teóricos que não resolveriam questões prementes do nosso trabalho. Em suma, lemos, relemos e trelemos os romances, os historiadores e os estudiosos com paixão. Acertamos e erramos apaixonadamente. Não temos a pretensão de ter feito um trabalho irretocável, mas fizemo-lo com amor.

A paixão não é um método, mas um combustível capaz de nos conduzir a mais estudos sobre as duas obras. Contudo, sempre há algo fora do texto. Trata-se de elementos que podem nos ajudar a compreender esses aspectos a que Lawrence alude. As obras estavam embebidas de um contexto social e político que era preciso decifrar. Dessa forma, com o mesmo entusiasmo singramos do texto ao contexto, escrutinando diversos aspectos

¹ Utilizaremos a tradução de *O Complexo de Portnoy* feita por Paulo Henriques Britto, de 2004, e a de *O Amante de Lady Chatterley* de Sérgio Flaksman, datada de 2010. Sempre que citarmos um excerto, transcreveremos o original em inglês no rodapé. Muitos dos livros da fortuna crítica só estavam disponíveis em inglês. Nesses casos, quando citados em português no corpo do texto, a tradução será nossa.

²No original: “*Therefore, the novel, properly handled, can reveal the most secret places of life*”. (LAWRENCE, In: LAWRENCE, 2006, p.xxviii).

das sociedades nas quais surgiram esses romances, com o fito de estabelecer conexões entre Literatura e História.

Quisemos descobrir tanto quanto possível sobre a Inglaterra do Pós-Primeira Guerra Mundial e os Estados Unidos dos anos 1960, períodos e lugares nos quais se passam os romances, para termos um maior embasamento que nos habilitasse a discorrer acerca dos livros. E esse foi um desafio interessante, pois um período histórico nunca foi simplesmente algo dicotômico, separado entre preto e branco, mas um terreno nebuloso, marcado pela sobreposição de diversas camadas de cinza. Uma leitura ingênua do contexto histórico pode ocultar diversas e multifacetadas formas de opressão, preconceito e misoginia, por exemplo. Tentamos apreender a complexidade das épocas e analisar como se articulavam nas obras.

Vimos nos romances e nos momentos históricos campos de batalha nos quais diversos discursos se chocavam. Discursos liberalizantes, antirracistas, feministas e libertadores digladiavam-se, nos terrenos da História, com discursos conservadores, racistas, misóginos e opressivo. Esses terrenos poderiam ser as praças de Londres onde as sufragistas lutaram pelo voto; os teares de Manchester em que os operários exigiram melhores condições de trabalho; os tribunais americanos que criaram, aplicaram e aboliram leis segregacionistas; o púlpito onde um certo pastor do estado da Geórgia disse ter um sonho, na mesma nação na qual seus antepassados foram atormentados por pesadelos. Esses espaços poderiam também ser menos públicos: o leito conjugal de algum casal no qual a mulher não tinha direito a uma sexualidade ativa; um minúsculo banheiro onde um adolescente se masturbava de modo febril e sentia culpa pelo ato; os escritórios de alguma corretora de seguros da Costa Leste dos Estados Unidos que não permitisse a funcionários judeus chegarem ao posto de diretor de sucursal; a redação de um jornal comandado por judeus que, curiosamente, não contasse com editores judeus ou até mesmo um cinema em que os atores judeus do filme a que o cidadão acabara de assistir aparecessem nos créditos com pseudônimos anglicizados.

Essa investigação histórica foi fortemente motivada por um fato que muito nos surpreendeu: *O amante de Lady Chatterley*³ foi proibido por mais de trinta anos nos

³Lawrence escreveu três versões de *O Amante de Lady Chatterley*. A primeira de 1926; a segunda, de 1927 e a terceira, de 1928. Esta começou a ser escrita em novembro de 1927 e foi concluída em janeiro de 1928. Lawrence considerou a terceira versão como a definitiva; foi a esta a que ele decidiu imprimir na tipografia em Florença. As outras duas somente chegaram ao mercado depois da morte de Lawrence, negociadas por Frieda, viúva do autor (a primeira em 1944 e a segunda em 1954). A Grove Press e a Penguin Books, editoras da obra nos Estados Unidos e Inglaterra respectivamente, moveram processos para legalizar a terceira edição em seus respectivos países. Assim, como Lawrence decidiu publicar apenas a terceira

Estados Unidos e na Inglaterra. Lido com as lentes de hoje e norteados pelos valores atuais, não conseguíamos entender como uma obra com um enredo de adultério conjugal e descrições sexuais que, na maioria das vezes, eram mais idílicas do que pornográficas poderia ter sido censurada. A proibição nos deixou duas inquietações: o que havia nesse livro que poderia ser censurado? Que democracias e sociedades eram essas capazes de banir livros?

Tentaremos elucidar essas dúvidas ao longo do trabalho, mas queremos colocar aqui ao menos um vestígio de resposta. O livro escrito por Lawrence versa sobre uma mulher, Lady Constance Chatterley, cujo marido, um nobre, Sir Clifford Chatterley, volta paralítico e impotente da Primeira Guerra Mundial, e ela acaba por se envolver com Oliver Mellors, guarda-caça da propriedade dos Chatterley. Em suma, há um adultério como força motriz no romance. Porém, essa não é única nuance capaz de tornar o livro polêmico: a infidelidade conjugal envolve pessoas de classes sociais diferentes e o marido traído é também um dos inúmeros ingleses mutilados da guerra. Ademais, as descrições sexuais presentes no livro, tão singelas para os dias atuais, eram consideradas ardentes para uma época de absoluta ignorância anatômica e sexual – o próprio Lawrence desconhecia a função do clitóris (LESSING, In: LAWRENCE, 2010).

Dentre as cenas que causam espécie, sem dúvida se pode destacar aquela na qual Lady Chatterley corre nua pelo bosque com o amante, para depois deitar-se com ele na relva e fazerem amor ao ar livre. Também poder-se-ia citar quando Mellors estimula a vagina e anus da amante, quando ele louva a curvatura das nádegas da moça ou quando ela, encantada com a nudez do guarda-caça, beija-lhe o falo.

A intenção do autor era dar ao sexo uma dimensão sagrada, libertadora e purificá-lo da imundície com a qual a sociedade o conspurcara, conforme o próprio Lawrence afirma em texto intitulado *A propósito d' O amante de Lady Chatterley* (LAWRENCE. In:_____, 2010). No entanto, o governo inglês não estava interessado em se tornar mais tolerante em matéria de sexo. Ademais, o romance desagradava pelo fato de expor ao ridículo um nobre que também era veterano da mais sangrenta guerra jamais travada.

Assim, por considerar a obra obscena, nenhuma editora quis lançá-la no mercado inglês. Convém lembrar que a Inglaterra era a nação em que uma lei de 1864 determinava que mulheres suspeitas de portar alguma doença venérea deveriam fazer exames médicos

versão, avaliamos que este seja a que ele queria que fosse conhecida. Por isso, decidimos trabalhar com ela. Para não comprometer a comparação entre *O Amante de Lady Chatterley* e *O Complexo de Portnoy*, decidimos não ter contato com as outras versões da primeira obra.

e utilizar roupas amarelas até estarem curadas. Além disso, eram vendidos cintos de castidade, os quais os pais prendiam às pernas dos filhos à noite para evitar que se masturbassem furtivamente debaixo dos lençóis. Não era apenas o governo que coibia o comportamento lascivo dos súditos da rainha, mas também alguns cidadãos, que criavam agremiações contra a imoralidade e perseguiam prostitutas. Nos Estados Unidos, por sua vez, ocorreu, em 1815, a primeira condenação de um homem por obscenidade; seu crime fora colocar à venda o retrato de um casal ‘indecente’⁴. Em 1873, foi aprovada pelo Congresso Nacional uma lei que baniu dos Correios livros, panfletos, retratos, papéis, cartas de caráter obsceno (TALESE, 2002).

Lawrence também relata, em *A propósito d’ O amante de Lady Chatterley*, que a alternativa encontrada foi levar o manuscrito para a Itália e publicá-lo em uma tipografia de Florença. O livro foi impresso lá e chegou aos primeiros compradores em 27 de junho de 1928. O próprio Lawrence escolheu a encadernação em capa dura, a fênix (símbolo da imortalidade) que adornava a capa e o papel em tonalidade creme. No entanto, como a tipografia italiana era “uma pequena empresa familiar em que ninguém sabia uma palavra de inglês” (LAWRENCE. In: LAWRENCE, 2010, p.515), a primeira edição foi impressa com muitos erros de ortografia. Essa tiragem vendeu mil exemplares em capa dura, cada qual ao preço de dez dólares. Durante décadas, graças aos amigos do autor e a piratas literários, as edições foram contrabandeadas para a Grã Bretanha, Estados Unidos e países da Europa Ocidental e posteriormente distribuídas a leitores interessados.

Cumprе frisar que havia inúmeras pessoas ávidas pela leitura das obras. Assim, de acordo com o autor, edições pirateadas pulularam dos dois lados do Atlântico: algumas em fac-símile do original, produzidas com métodos fotográficos, e que poderiam ser compradas por 15 dólares (contra 10 da edição original impressa em Florença) nas ruas de Nova York ou da Filadélfia; outras, encadernadas em capa preta, com aspecto imponente, para lembrar uma Bíblia Sagrada. Uma edição parisiense chegou a ser feita com mais esmero, pois o editor-pirata teve o cuidado de corrigir os erros ortográficos do original. Um livreiro de Nova York enviou a Lawrence um telegrama com substancial soma de dinheiro, oriunda da venda de exemplares clandestinos de *O amante de Lady Chatterley* e com a constrangida justificativa de que o montante equivalia aos 10% do autor (LAWRENCE, 2010).

⁴No entanto, mesmo estando nos Estados Unidos, uma nação já independente à época, esse homem foi condenado por uma lei inglesa de 1663 (TALESE, 2002).

O comércio de *O amante de Lady Chatterley*, contudo, nem sempre foi marcado por anedotas e histórias engraçadas. O livreiro austríaco Samuel Roth, que residia nos Estados Unidos, foi encarcerado nas décadas de 1930 e de 1950 por comercializar obras obscenas, dentre as quais estava o romance de Lawrence. Somente em 1959, Barney Rosset, editor e proprietário da Grove Press⁵, representado pelo advogado Charles Rembar, moveu um processo contra o Departamento de Correios dos Estados Unidos, argumentando que a obra possuía mérito literário e que sua censura era contrária aos princípios da Primeira Emenda à Constituição. Em 20 de julho daquele ano, a Justiça deu ganho de causa a Rosset e a obra foi legalizada nos Estados Unidos (TALESE, 2002).

Na Inglaterra, no ano seguinte, a Penguin Books, representada por Michael Rubenstein, lutou também na Justiça para obter a legalização do romance. E logrou o feito em um julgamento que contou com a presença do romancista Aldous Huxley e do poeta Thomas Stearns Eliot defendendo a obra de Lawrence. Entre a legalização do livro, ocorrida em 2 de novembro de 1960, e o natal daquele ano foram vendidos mais de dois milhões de exemplares da obra. No ano seguinte, 1961, a Penguin comercializou mais de 1,5 milhão de edições do romance.

Sobre *O complexo de Portnoy*, livro que versa sobre um rapaz judeu de 33 anos, viciado em masturbação e que conta suas peripécias sexuais a um silencioso analista, não recaiu nenhum tipo de censura oficial. As aventuras e desventuras não são poucas: na adolescência, Portnoy se masturba com uma embalagem de chocolate, com uma maçã e com o bife de fígado que sua mãe prepararia para o jantar. Já adulto, aborda uma desconhecida na rua e propõe praticar sexo oral nela. Trata-se de Mary Jane Reed, a quem Portnoy chama de Macaca⁶, pelo fato de, antes de conhecê-lo, a moça ter comido uma banana enquanto assistia a um casal que fazia sexo diante de si. Posteriormente, Reed e Portnoy viajam à Itália e ele a convence a participar de um *ménage à trois* com uma prostituta em Roma.

No primeiro ano, a obra vendeu cerca de quatrocentos mil exemplares e transformou o autor em um homem rico. Uma das consequências do sucesso foi a ligação

⁵ Curiosamente, em entrevista à *The Paris Review*, publicada em 1997, Rosset declarou que, ainda que tenha considerado as descrições sexuais bastante explícitas para a época, ele não se sentiu tão atraído pelo livro. A obra, para ele versava bastante sobre industrialização. No entanto, Rosset decidiu publicá-la, pois pensava que a legalização de *O Amante de Lady Chatterley* ajudaria na de *Trópico de Câncer*, de Henry Miller, que aconteceria em 1961. A entrevista está disponível no link: <http://www.theparisreview.org/interviews/1187/the-art-of-publishing-no-2-barney-rosset>.

⁶ Embora não seja especificado por quanto tempo o casal esteve junto, trata-se do relacionamento mais marcante de Portnoy, pois este o menciona diversas vezes durante a terapia. A conturbada relação é uma fonte de dilemas e de dúvidas para o protagonista.

metonímica estabelecida entre autor e personagem. Não raro, quando Roth era reconhecido, diziam-lhe: “Ei, Portnoy, deixa isso quieto!”, ou alguém comentava que não comia mais fígado. O autor, em entrevista à *The New Yorker*, revelou ter achado graça nessas situações, nas primeiras sete mil vezes em que ocorreram. Jacqueline Susann, autora de *O Vale das Bonecas*, em entrevista ao programa *Tonight Show*, comentou que gostaria de conhecer Philip Roth, mas preferiria não apertar a mão dele (REMNICK, 2006).

Além dos episódios de traço cômico, o livro recebeu contundentes críticas. Uma das mais loquazes foi a do professor de misticismo judaico Gershom Scholem, para quem aquela era a obra pela qual os antissemitas tanto esperavam. Já o crítico literário americano (e judeu) Irving Howe, em ensaio publicado na revista *Commentary* de dezembro de 1972 avaliou o livro como vulgar e ainda afirmou que a pior coisa a ser feita seria lê-lo duas vezes. O escritor americano Saul Bellow, demônio literário de Roth⁷ e prêmio Nobel de Literatura em 1976, declarou à revista *The New Yorker* não ter certeza de que Roth percebia o quanto estava sendo ultrajante (IBIDEM).

A obra também recebeu críticas positivas, tendo ocupado o 52º lugar dentre as 100 mais importantes em língua inglesa do século XX, segundo a *Modern Library*.

Temos, portanto, dois livros que trazem protagonistas cuja sexualidade foge do padrão monogâmico-conjugal, o que os coloca na linha de frente contra diversos tipos de discursos de restrição à libido. Ambos, sucessos de venda e alvo de elogios apaixonados e de críticas ferrenhas, têm um apelo sensual muito forte.

Tencionamos comparar os comportamentos sexuais dessas personagens, levando em conta os fatores (discursos) que reprimiram suas respectivas sexualidades e os contextos históricos nos quais foram gestados. Nossa base teórica advém do teórico russo Mikhail Bakhtin, sobretudo de suas concepções acerca de texto, discurso, enunciado, dialogismo e de suas reflexões acerca do gênero romance. Os próximos capítulos versarão sobre os conceitos de Bakhtin, o contexto histórico que permeia cada obra e a relação de cada romance com a realidade social circundante.

⁷Deparamo-nos com a expressão demônio literário ao ler a autobiografia ficcionalizada do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Ele utiliza o termo para se referir ao norte-americano William Faulkner como um autor pelo qual nutre imensa admiração.

ENUNCIADO, DIÁLOGO E ROMANCE

1. Considerações iniciais

Para melhor estabelecer os pontos de comparação entre *O amante de Lady Chatterley* e *O complexo de Portnoy*, utilizaremos algumas obras do intelectual⁸ russo Mikhail Bakhtin. A base da nossa investigação provém, sobretudo, de *Estética da criação verbal* (2015) e de *Questões de literatura e estética* (2014). Também nos apoiaremos em estudiosos do teórico russo. Dessa maneira, textos contidos em *Bakhtin: dialogismo e construção de sentido* (2005), *Bakhtin: outros conceitos-chave* (2014), ambos organizados por Beth Brait, *Dialogismo, polifonia e intertextualidade* (2003), organizado por Diana Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, e *Dialogism – Bakhtin and His World*, do norte-americano Michael Holquist, vão nos ajudar a compreender melhor o teórico russo.

Os conceitos sobre os quais nos debruçaremos serão: texto, enunciado, discurso e dialogismo. Os termos possuem zonas de intersecção profundas e imbricadas. Após definirmos os conceitos, sempre norteados pelo estudioso russo, investigaremos como operam dentro do romance, tentando especificar as particularidades deste gênero.

2. O texto como ponto de partida; os discursos e os enunciados

Em primeiro lugar, para entender o pensamento bakhtiniano, convém destacar algo que parece óbvio: as ciências humanas são aquelas que estudam as especificidades do homem. Como investigamos estas? Por meio do exame da capacidade humana de exprimir-se, isto é, de produzir textos⁹. Para que não reste dúvida: a grande singularidade do ser humano é a capacidade de elaborar textos. Logo, eles são o ponto de partida das ciências humanas, conforme sugere Bakhtin (2015):

O objeto real [das ciências humanas] é o homem social (inserido na sociedade), que fala e exprime a si mesmo por outros meios. Pode-se encontrar para ele e para a sua vida (o seu trabalho, a sua luta, etc.) algum outro enfoque além daquele que passa pelos textos de signos criados ou a serem criados por ele? Pode-se observá-lo e estudá-lo como fenômeno da natureza ou coisa? A ação física do homem deve ser interpretada como atitude mas não se pode interpretar a atitude fora da sua eventual (criada por nós) expressão semiótica (motivos, objetivos,

⁸ Optamos pela palavra intelectual porque, conforme aponta Michael Holquist (2005), há dificuldade em definir Bakhtin. Seu pensamento e sua produção acadêmica se situam nas zonas limítrofes entre a Linguística, a Teoria Literária e a Filosofia. Em verdade, o que o estudioso russo faz é elaborar uma teoria do comportamento humano por meio do uso da linguagem.

⁹ Em uma acepção mais ampla, Bakhtin (2015, p.307) concebe o texto como qualquer conjunto coerente de signos.

estímulos, graus de assimilação, etc.). É como se obrigássemos o homem a falar...” (p.319).

Assim, em Bakhtin (2015, p.261), todos os campos da atividade humana são regidos pelo uso da linguagem; é o contato da língua com a realidade concreta que gera a centelha da expressão. As palavras, para o teórico russo, existem para registrar diferenças (HOLQUIST, 2005). As nossas ideias, concepções e pensamentos precisam dessa ferramenta para ganhar vida e produzir discursos. Estes, para Bakhtin (2015), estão sempre fundidos na forma de enunciação concreta. Logo, o enunciado pode ser concebido como a materialização de discursos.

Bakhtin foca nas relações entre linguagem, sociedade e história e também nas relações entre linguagem e ideologia. Assim, para ele, o discurso nasce do social, não pode ser dissociado do contexto geográfico, histórico e cultural no qual foi gestado. Ora, diferentes grupos sociais se valem do sistema da língua para produzir discursos que estabelecem relação de oposição ideológica (BARROS. In:_____; FIORIN, 2003).

Ademais, os discursos e enunciados não estão voltados apenas para seu respectivo objeto, mas para outros discursos e enunciados acerca desse objeto¹⁰. Assim, quando um ser humano produz algum enunciado sobre determinado tema, ele tem em mente um cabedal de outros enunciados sobre o assunto, com os quais mantém um vínculo mais imediato, conforme sugere Bakhtin (2015) nos excertos a seguir:

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta). (pp.296-297).

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um adão bíblico, só

¹⁰ Frisamos: relação com o objeto e com o falante importam. Bakhtin (2015) concebe uma tríade viva: enunciado, objeto e autor (p.329).

relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez. (pp.299-300).

Os fragmentos supracitados mostram outra característica fundamental do enunciado e do pensamento de Bakhtin: a presença da palavra do outro. Cumpre frisar: ao trabalhar com a língua, absorvemos as palavras de outrem e temos perante estas uma dimensão responsiva: concordamos, discordamos (total ou parcialmente), acrescentamos, subtraímos, expressamos nossas ressalvas, dentre outras reações. Essas atitudes implicam uma dimensão interativa dos enunciados, pois, como demonstra o estudioso russo, o falante é um respondente. Além disso, é inerente aos enunciados a ausência de neutralidade na relação com os que o antecedem, pois essa resposta sempre assume uma posição ideológica aderente a um ou mais discursos e contrária a outro ou outros.

Julgamos necessário salientar, ainda, outras características dos enunciados: eles têm endereçamento (dirigem-se a interlocutores presumidos), autor, ineditismo (não no sentido de originalidade, mas na concepção de que são únicos e irrepetíveis), conclusibilidade¹¹ (isto é, princípio e fim) e, ainda, são um elo na cadeia de enunciados. Ademais, são “cadeias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2015, p.275).

3. Enunciados em diálogo

Essa relação entre os enunciados nos conduz ao outro conceito de Bakhtin: o dialogismo, ou relações dialógicas, o que, para ele, são o princípio constitutivo da linguagem. Essas relações, embora ocorram dentro do sistema da língua¹², não são de ordem linguística. Afinal, esta ciência “estuda apenas as relações entre os elementos no interior do sistema da língua, mas não as relações entre os enunciados com a realidade...” (BAKHTIN, 2015, p.324). Fonemas, morfemas e sintagmas não podem estabelecer relações dialógicas. Discursos e enunciados, sim. Afinal, Bakhtin (2015) sugere que:

As relações dos enunciados com a realidade concreta, com o sujeito real falante e com os enunciados verdadeiros ou falsos, belos, etc., nunca podem tornar-se objeto da linguística. Signos particulares, sistemas da língua ou o texto (como unidade semiótica) às vezes não podem ser verdadeiros, nem falsos, nem belos (p.330).

¹¹ O fato de ter conclusibilidade não significa que o enunciado esgote o tema, mas que o seu autor, após refletir sobre outros enunciados acerca do tema que discorre, formulou o seu próprio juízo e expressou tudo aquilo que desejava. Isso feito, o enunciado espera as respostas vindouras.

¹² Sem palavra, não há linguagem; sem esta, não há dialogismo. Não é possível haver dialogismo fora da linguagem.

Assim, o enunciado, embora se valha da língua, não é uma unidade desta, mas da comunicação discursiva.

Em uma definição sucinta, Bakhtin (2015, pp.330-331) apresenta o dialogismo como um tipo especial de relação semântica entre toda espécie de enunciado integral da comunicação discursiva proferido por diferentes sujeitos do discurso. Se dois enunciados desconhecidos versarem sobre o mesmo tema, estabelecem relações dialógicas¹³. A responsividade, característica inerente ao enunciado, é uma instância de diálogo. As reações à palavra do outro, também o são. A concordância é uma forma de reação dialógica, assim como a discordância.

Em sua leitura de Bakhtin, Michael Holquist (2005) concebe o dialogismo como um exercício de teoria social, pois o diálogo está profundamente ancorado na sociedade e no sistema de valores desta no qual o indivíduo está inserido. O ser humano é impelido, obrigado a responder aos discursos e enunciados que o cercam; é necessário escolher. Ademais, isso implica coexistência e simultaneidade; em uma qualquer época, discursos diferentes e opostos se digladiam utilizando as mesmas armas: as palavras.

Fiorin (In: BRAIT, 2014) frisa que não há um dialogismo entre interlocutores e outro entre discursos. Afinal, a interação presencial é apenas uma das faces das relações dialógicas. Portanto, só existe dialogismo entre enunciados e discursos. O acadêmico brasileiro ainda menciona uma outra manifestação do dialogismo: quando múltiplas vozes são incorporadas no interior de um discurso. Essas vozes têm dimensão política e nunca circulam fora do exercício do poder, pois nem sempre há condições para se dizer o que quiser, como quiser e quando quiser.

Assim, as relações dialógicas são bem mais amplas e complexas do que as réplicas do diálogo cotidiano. A relação dialógica demanda alternância de sujeitos falantes, de enunciados e de posicionamentos interagindo entre si (BAKHTIN, 2015).

Vê-se, pois, como os conceitos de enunciado e diálogo se interpenetram. É impossível aludir a um e ignorar o outro. O enunciado possui uma natureza dialógica; e o diálogo vai ensejar sempre a produção de novos enunciados sobre os mais diversos temas, conforme sugere Renata Marchezan (In: Brait, 2014):

Diálogo e enunciado são, assim, dois conceitos interdependentes. O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma

¹³ Bakhtin, aqui, concebe enunciados de maneira bastante ampla. Pode tratar de artigos científicos, resenhas históricas, romances, entre outros (2015, p.331).

temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico. (p.117).

Frisamos: os enunciados e os diálogos que aqueles geram estão social, cultural e historicamente ancorados. O homem profere enunciados a partir de um lugar, época e valores. Assim, o dialogismo vai abordar, de um lado, as relações entre os diferentes discursos de uma sociedade/cultura/época e também as relações entre o Eu e o Outro nos processos discursivos (BRAIT, In:_____, 2005, pp.94-95).

No pensamento bakhtiniano, a Literatura é tratada com especial cuidado, por ser capaz de relatar, de fazer emergir as relações entre o indivíduo e a sociedade. Além disso, o romance é o gênero literário mais aberto ao diálogo, ao choque de vozes sociais e à interação de tensões de ideias no plano da linguagem (HOLQUIST, 2005).

4. A personagem do romance¹⁴

A principal particularidade da personagem do romance é a capacidade de falar e de agir. Enquanto a personagem da epopeia apenas age, a do romance age e fala: a ação dele sempre é iluminada ideologicamente por um discurso. O herói necessita da palavra, conforme frisa Bakhtin (2014):

A ação do herói do romance é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico (não apenas num mundo épico), ele tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e sua palavra

(...)

Não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem, sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras. Já que só estas palavras podem realmente ser adequadas à representação de seu mundo ideológico original, ainda que estejam confundidas com as palavras do autor. O romancista pode também não dar ao seu herói um discurso direto, pode limitar-se apenas a descrever suas ações, mas nesta representação do autor, se ela for fundamental e adequada, inevitavelmente soará junto com o discurso do autor também o discurso de outrem, o discurso da própria personagem (cf. as construções híbridas analisadas no capítulo precedente)” (BAKHTIN, p.137)

Além da capacidade de falar e de agir dentro de sua perspectiva particular, a personagem ocupa um lugar histórico e social que ajuda a moldar os seus enunciados

¹⁴É importante frisar que Mikhail Bakhtin também considera o gênero romance como uma espécie de enunciado que assume uma posição responsiva a outros enunciados e também espera algum tipo de resposta dos enunciados subsequentes. Em suma, de início, o gênero também é um elo na cadeia de enunciados, uma unidade da comunicação discursiva, que está em constante diálogo com outros romances (e outros tipos de enunciado) que o precedem e que manterá diálogo com os que o sucedem (BAKHTIN, 2015).

(BAKHTIN, 2014, p.135), os quais estabelecem relações dialógicas com os das outras personagens (e também com o autor). De acordo com Bakhtin:

O papel do contexto que enquadra o discurso representado tem uma significação primordial para a criação de uma imagem da linguagem. O contexto que enquadra, lapida os contornos do discurso de outrem como o cinzel do escultor, e entalha uma imagem de língua no empirismo fruto da vida do discurso; ele confunde e alia a aspiração interior da linguagem de outrem às suas definições exteriores objetivadas. O discurso do autor representa e enquadra o discurso de outrem, cria uma perspectiva para ele, distribui suas sombras e suas luzes, cria uma situação e todas as condições para sua ressonância, enfim, penetra nele de dentro, introduz nele seus acentos e suas expressões, cria para ele um fundo dialógico. (BAKHTIN, p.156).

O romance acaba por ser, pois, um campo de batalha discursivo, no qual diversos enunciados se chocam. Para Bakhtin, neste gênero, a polifonia, isto é, as diferentes vozes sociais que se articulam e que travam embates no texto, tem crescido desde Dostoievski. O gênero porta uma interação tensa com a palavra do outro, seja no plano da vida (o que o outro pensa a respeito de alguém), no ético (o julgamento do outro) e no ideológico (a visão de mundo das personagens) (BAKHTIN, 2014, p.149).

É necessário, aqui, fazer uma distinção entre dialogismo e polifonia. O primeiro conceito é o princípio constitutivo da linguagem; qualquer enunciado é dialogizado. Já o segundo é quando, na superfície do texto, conseguimos perceber diversas vozes sociais. Os textos monofônicos, por outro lado, escondem as vozes que o constituem, mas, ainda assim, continuam sendo dialógicos. A professora Diana Luz Pessoa de Barros elucidada:

Emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo o discurso.

Em outras palavras, o diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, segundo as estratégias discursivas acionadas. No primeiro caso, o dos textos polifônicos, as vozes se mostram; no segundo, o dos monofônicos, elas se ocultam sob a aparência de uma única voz¹⁵. Monofonia e polifonia de um discurso são, dessa forma, efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição, dialógicos. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, se faz ouvir” (PESSOA DE BARROS, In: PESSOA DE BARROS; FIORIN, 2003, pp.5-6).

¹⁵No caso de *O Complexo de Portnoy*, embora o romance tenha a estrutura de um monólogo no qual o protagonista relata as suas peripécias sexuais, o texto é internamente dialogizado e tecido polifonicamente. Ou seja: diversos discursos, diversas vozes sociais combatem na consciência da personagem. Portnoy, conforme veremos mais adiante, está dividido por discursos díspares e contraditórios.

Em síntese, no romance, os enunciados são plenos de tonalidades dialógicas e produzidos por um homem (ou mulher) social e historicamente situado. Trata-se de um gênero capaz de trazer discursos de diversos grupos sociais. Para Fiorin, a singularidade do gênero repousa no fato de este ser capaz de revelar os espaços discursivos de um determinado tempo:

O romance jamais foge a isso. Revela sua época, ao representar um dos espaços discursivos de uma formação social. Esses espaços são muitos: o papel da mulher, o das diferenças sexuais, o das relações entre classes, o do significado da vida e assim por diante. (FIORIN, In: BRAIT, 2005, p.233).

O discurso e os espaços discursivos são tão importantes no romance que são eles que nortearão as ações das personagens. O homem do romance, além de agir, *fala*. Afinal, não é possível descobrir o mundo ideológico de alguém sem dar a essa pessoa palavras para expressar-se, uma vez que nossa relação com o mundo é mediada pela linguagem.

O sujeito que fala no romance é um homem *essencialmente* social, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um dialeto individual. (...) O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são um *ideograma*. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. (BAKHTIN, 2014, p.135).

A personagem do romance vai agir sempre de acordo com a sua própria perspectiva ideológica, que é particular e pode ser muito diversa da de outras personagens. Temos, portanto, no romance, um enunciado situado em uma época histórica e que porta múltiplos discursos, proferidos por diversas e, muitas vezes, dissonantes vozes sociais. No entanto, o herói age de acordo com sua própria perspectiva, tendo duas ações iluminadas ideologicamente por um discurso.

Há, no gênero, o diálogo entre os enunciados das personagens e o diálogo entre os romances. Afinal, à luz do dialogismo pressupõe-se que todos os textos tenham alguma forma de conexão (HOLQUIST, 2005).

5. Embates discursivos de Lady Chatterley e Alexander Portnoy

Até aqui, vimos que, para Bakhtin, o discurso e o enunciado nascem no meio social. Além disso, a personagem do romance é um ser provido de concretude histórica e capaz de produzir enunciados a partir de sua perspectiva ideológica única e singular. Em nosso trabalho, então, para compreender os enunciados e os embates dialógicos de Lady

Chatterley e Alexander Portnoy procuraremos fornecer subsídios capazes de conferir concretude histórica e social a Lady Chatterley e a Alexander Portnoy. Em outras palavras: investigaremos o contexto histórico e social no qual as duas personagens estão envolvidas e que ajudam a produzir os discursos presentes em *O amante de Lady Chatterley* e *O complexo de Portnoy*.

Nosso propósito será o de avaliar contra quais discursos Lady Chatterley e Alexander Portnoy se insurgem e como, quando e onde o fazem. Para sermos mais precisos, escrutinaremos como esses discursos tentam tolher-lhes a libido e como as personagens respondem a isso, em um diálogo carregado de tensões.

Para isso, é imprescindível analisar diversos aspectos dos países e das sociedades das quais provieram esses livros. Assim, para estudar a Inglaterra de Lady Chatterley, recém-saída da Primeira Guerra Mundial, refletiremos acerca das transformações acarretadas pela Revolução Industrial, do sistema de classes sociais e dos conflitos a ela inerentes, do impacto da tecnologia no modo de fazer guerra, do papel da mulher na sociedade burguesa, entre outros aspectos. Para tanto, o material histórico tende a ser vasto. Parte substancial dessa base histórica advém do historiador britânico Eric Hobsbawm, cujas obras *A Era das Revoluções: 1789-1848* (2006), *A Era do Capital: 1848-1875* (2012), *A Era dos Impérios: 1875-1914* (2015) e *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1989*¹⁶(1994) serão de fundamental importância para entender as mudanças causadas pela Revolução Industrial e para pesquisar as condições de vida de diversos setores da população inglesa no período. A investigação acerca da condição das mulheres, ou melhor, das diversas formas de opressão às mulheres na sociedade industrial, provém do quarto volume de *História da vida privada* (1991) e o quinto de *História das mulheres no Ocidente* (1995), ambas organizadas pela historiadora francesa Michelle Perrot, sendo este um trabalho em parceria com outro afamado historiador francês, Georges Duby.

Para submergir no contexto dos Estados Unidos de *O complexo de Portnoy*, nos debruçaremos sobre: os aspectos racistas da formação dos Estados Unidos, o imenso afluxo de imigrantes para o país, o antissemitismo velado lá existente até a Segunda Guerra Mundial, o impacto do Holocausto na comunidade judaica dos Estados Unidos, o código de moralidade dos imigrantes judeus, a moral puritana, os discursos científicos acerca da masturbação (uma vez que Portnoy é um masturbador inveterado), e os

¹⁶ Esse também será utilizado no momento de aludir à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto.

movimentos pela liberalização dos costumes e pela luta por direitos civis nos anos 1950 e 1960. Nossa fonte para o estudo da formação dos Estados Unidos é o livro *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI* (2015), de Leandro Karnal, Luiz Estevam Fernandes, Marcus Vinícius de Moraes e Sean Purdy, obra que oferece visão panorâmica, mas não ingênua, dicotômica ou reducionista da nação. Outros livros, como *A mulher do próximo: uma crônica da permissividade americana antes da era da Aids* (2002), do jornalista norte-americano Gay Talese; e *America on Film: Representing Race, Class, Gender, and Sexuality at the Movies*¹⁷(2005), dos pesquisadores norte-americanos do cinema Harry Benshoff e Sean Griffin, também vão nos ajudar a traçar um retrato do país.

Para a questão do Judaísmo, empregaremos conhecimentos de diversos autores que abordam a questão sob focos distintos. Estudaremos o Holocausto e o os campos de concentração à luz de: *Os ditadores* (2009), do historiador britânico Richard Overy; *Eichmann em Jerusalém* (1999), da filósofa alemã Hannah Arendt; *A propaganda do crime em filmes policiais nazistas* (2009), do historiador brasileiro Luiz Nazário; *A moral nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler* (2013), do também historiador brasileiro Marcos Guterman; *É isto um homem?* (1998), relato de um sobrevivente de Auschwitz, o químico italiano Primo Levi. Também nos valeremos de informações disponíveis no site do *United States Holocaust Memorial Museum*, sediado em Washington. Para investigar as manifestações de antissemitismo nos Estados Unidos, retomaremos *História dos Estados Unidos* (KARNAL ET AL, 2015) e *América on Film* (BENSHOFF; GRIFFIN, 2004), além de trazer à baila *O reino e o poder*¹⁸ (2000), outra obra de Gay Talese. Também investigaremos como o legado de antissemitismo impactou a vida do menino Philip Roth. Para tanto, utilizaremos as obras *Roth libertado* (PIERPONT, 2015), *Os Factos: Autobiografia de um Romancista* (ROTH, 2014), a biografia e a autobiografia ficcionalizada de Philip Roth respectivamente, e o livro de ensaios e entrevistas *Reading Myself and Others* (ROTH, 2001).

Ao longo dos capítulos, aludiremos a outras obras que nos ajudam a compreender melhor essas instâncias de produção de discurso. Esperamos com a investigação histórica poder melhor avaliar o comportamento, a ação e os enunciados das personagens.

¹⁷ Filmes também são instâncias que produzem discursos. São, pois, enunciados. E, como tais, estão imersos em relações dialógicas com o contexto que os cerca.

¹⁸O livro versa sobre a história do *The New York Times*, o maior jornal dos Estados Unidos e que pertence a uma família de judeus. Assim como os filmes, jornais também são instâncias produtoras de discurso.

Convém ressaltar: não pensaremos apenas na história política dessas nações, mas muito mais na social e cultural. Tentaremos entender o que compõe a experiência de mulheres e operários na Inglaterra dos séculos XVIII, XIX e XX, bem como a de judeus nos Estados Unidos até a década de 1960 no século XX. Queremos, da maneira mais cuidadosa possível, retratar o meio social que engendrou os discursos presentes nos romances.

6. Transgressão sexual: o ponto comum

O outro ponto do dialogismo é externo aos romances. O gênero, pela presença de diversas vozes sociais, é internamente dialogizado. No entanto, o romance enquanto enunciado uno também pode estabelecer relações dialógicas com outros romances. O último capítulo deste trabalho versará sobre esse tipo de relação.

Vimos no primeiro tópico deste capítulo que enunciados distantes histórica e geograficamente podem estabelecer relações dialógicas, desde que se toquem no plano do tema ou do assunto em comum. À primeira vista, *O amante de Lady Chatterley* e *O complexo de Portnoy* podem ser vistos como romances cuja zona de intersecção é a questão sexual.

Ambos os protagonistas têm uma sexualidade acentuada. No entanto, a questão não se esgota com essa semelhança. Além de se tocarem no plano do tema e de terem a sexualidade pronunciada, outro fator que estabelece relações dialógicas entre os romances é que as personagens, por motivos diferentes, têm sua libido condenada. A sexualidade de Lady Chatterley e a de Portnoy são reprimidas por uma série de discursos: de preconceitos de classe, de gênero, de raça, religiosos e científicos, por exemplo.

Ainda assim, Lady Chatterley e Portnoy não renunciam aos prazeres do sexo. A escolha de dar vazão à libido é mais um ponto em comum, pois gera duas sexualidades transgressivas. Isso, contudo, não significa que sejam iguais. As personagens reagem a esses discursos de modo diferente e se comportam sexualmente de modo distinto. Se, por um lado, os protagonistas têm em comum a transgressão, por outro, diferem na dimensão desta e na maneira como se opõem aos discursos que lhes cerceiam os ímpetus da sexualidade. A esse tema nos dedicaremos no último capítulo da obra.

Neste trabalho, portanto, analisaremos: as respectivas épocas históricas dos romances, os discursos produzidos nesses períodos, como esses discursos inibiram a sexualidade das personagens, as respostas das personagens a esses discursos e a dimensão transgressiva da sexualidade de cada uma.

SOCIEDADES INDUSTRIAIS EM GUERRA

1. Considerações iniciais

Para melhor situar *O amante de Lady Chatterley* em seu contexto histórico, julgamos necessário escrutinar dois acontecimentos cujas consequências perpassam, transpassam e até mutilam a vida das personagens do romance: a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial. Nossa intenção é investigar o momento histórico, para que, no capítulo seguinte, possamos avaliar em que medida os desdobramentos de tais fatos influenciam a vida, o comportamento, as atitudes e o discurso daqueles que compõem o universo ficcional d'*O amante de Lady Chatterley*.

O norte da nossa investigação desses fenômenos será dado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (1917-2012). O material mais caudaloso advirá dos livros *A Era das Revoluções: 1789-1848* (2006), *A Era do Capital: 1848-1875* (2012), *A Era dos Impérios: 1875-1914* (2015) e *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1989* (1994). Em menor proporção, as obras *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo* (2000) e *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz* (2005) também ajudarão na tessitura desse contexto histórico tão denso.

Como a questão das consequências da Revolução Industrial está bastante presente no romance, entendemos que será necessário começar este estudo com um exame do acontecimento. Para isso, os próximos parágrafos deste capítulo avaliarão o impacto, a mudança, a riqueza e a miséria que a Industrialização legou à humanidade e, mais especificamente, à Inglaterra das primeiras décadas do século XX.

2. Um mundo integrado por ferro e carvão

Para Hobsbawm, a Revolução Industrial é, desde a invenção da agricultura e das cidades, o acontecimento mais significativo na História, cuja importância decorre de que:

[...]pela primeira vez na história da humanidade foram retirados os grilhões do processo produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes de multiplicação rápida, constante e, até o presente, ilimitada de homens, mercadorias e serviços. (2006, p.50).

A realidade dos homens foi transformada de tal maneira que surgiram novas experiências e formas de vivenciar a vida. A dinamização dos meios produtivos afetou todas as esferas do cotidiano dos habitantes do mundo à época. Os estilos de vida existentes antes da Revolução Industrial foram pulverizados e as pessoas tiveram a chance

de criar novos. O problema é que a Revolução Industrial não lhes explicou como fazer isso (HOBSBAWM, 2000, p.75).

O historiador identifica o início do processo em meados da década de 1780, na Grã-Bretanha. Àquela altura, o país já possuía boas estradas e uma vasta frota mercante, facilitando a integração econômica. Ademais, havia proprietários rurais com tino comercial, de modo que a agricultura estava preparada para suprir as demandas de uma era de industrialização: aumentar a produção e a produtividade para abastecer as cidades e suas populações em rápido crescimento; prover um excedente de força de trabalho para as indústrias e garantir um acúmulo de capital a ser reinvestido (HOBSBAWM, 2006).

Não foi, portanto, um sistema educacional avançado que garantiu o pioneirismo industrial britânico. As primeiras inovações tecnológicas da Revolução Industrial, a lançadeira, o tear e a fiandeira automática, ainda que fundamentais, foram bastante rudimentares, baratas e não demoravam a dar lucro (HOBSBAWM, 2006).

As máquinas da Revolução Industrial do século XIX necessitavam de uma velha conhecida fonte de energia: o carvão. O termo “velha” foi empregado porque, desde o fim do século XVI, graças à relativa escassez de florestas na Grã-Bretanha, o carvão era o principal combustível doméstico no país (HOBSBAWM, 2006). Com a industrialização, as máquinas a vapor demandavam esse combustível fóssil em larga quantidade. Haja vista que, em 1800, a Grã-Bretanha produziu, aproximadamente 10 milhões de toneladas de carvão, cerca de 90% da produção mundial. Em 1850, a produção quase quintuplicou: 49 milhões (HOBSBAWM, 2015).

Um dos principais motivos que ensejou esse salto está diretamente ligado ao processo de extração e transporte do carvão: a criação das ferrovias. As minas requeriam tecnologia capaz de transportar grandes quantidades de carvão das profundezas até a superfície. Assim, pequenas linhas férreas sobre cujos trilhos corriam os carrinhos que faziam esse transporte foram criadas. Como os custos do transporte terrestre do carvão eram demasiado onerosos, “[...]provavelmente os donos das minas de carvão localizadas no interior perceberam que o uso desse meio de transporte de curta distância podia ser estendido lucrativamente para longos percursos” (HOBSBAWM, 2006, p.72). Para Hobsbawm, portanto, a ferrovia foi uma herdeira da mineração do carvão. Além disso, cada milha de linha exigia 300 toneladas de ferro para os trilhos.

A ferrovia foi também a ferramenta que ajudou a impulsionar o turismo, o comércio, a migração, a imigração, a industrialização e a comunicação, e constituiu-se em importante fator de integração do continente, pois antes era mais fácil ir de Lisboa

para Salvador (graças à navegação) do que daquela cidade até Paris. No imaginário da época, a ferrovia e os trens representaram o triunfo do homem pela tecnologia (HOBSBAWM, 2006).

Outro meio de transporte, herdeiro da Revolução Industrial e extremamente dependente do carvão, que ajudou a integrar o mundo do século XIX, foi a navegação a vapor. Com um mundo tão integrado, não é surpreendente o fato de Hobsbawm ter identificado a segunda metade do século XIX como o início do maior período de migração de povos da história e também o do surgimento da indústria do turismo, conforme demonstram os seguintes excertos:

A metade do século XIX marca o começo da maior migração de povos na História. (...) Entre 1846 e 1875, uma quantidade bem superior a 9 milhões de pessoas deixou a Europa e a grande maioria seguiu para os Estados Unidos. Isso equivalia a mais de quatro vezes a população de Londres em 1851. No meio século precedente, tal movimentação não deve ter sido superior a 1,5 milhão de pessoas no todo. Movimentos populacionais e industrialização andam juntos, pois o desenvolvimento econômico moderno do mundo pede mudanças substanciais entre os povos e, por outro lado, facilita tais movimentos tornando-os tecnicamente baratos e mais simples através de novas e melhores comunicações, assim como, evidentemente, permite ao mundo manter uma população bem maior. (2012, p.295-296).

O capitalismo industrial produziu duas novas formas de viagens de prazer: turismo e viagens de verão para a burguesia, e pequenas excursões mecanizadas para as massas, em alguns países como a Inglaterra. Ambas eram o resultado direto da aplicação do vapor no transporte, pois pela primeira vez na História, viagens regulares eram possíveis para grandes quantidades de pessoas e bagagem, e por qualquer tipo de terreno ou água. (2012, p.310).

O século XIX foi, portanto, a época em que a burguesia começou a adquirir o hábito de tirar férias de verão e, também, o período no qual os trabalhadores pobres começaram a procurar melhores oportunidades de emprego, não importando onde residissem. Mineiros cruzavam o país ou os mares em busca de melhores postos de trabalho; operários das ferrovias rumavam para onde uma mina estivesse em construção e muitos camponeses migraram para a cidade com a esperança de uma vida melhor. Alguns migrantes chegavam a pensar que as calçadas das cidades eram feitas de ouro. Nada mais distante das cidades (fossem elas grandes ou povoados industriais) desse século do que um pavimento dourado (HOBSBAWM, 2012).

2.1. A vida e o trabalho na era da Industrialização

O homem da metade do século XIX que migrava para as cidades viu grandes conglomerados urbanos em constante processo de expansão. As grandes cidades e as pequenas vilas industriais cresceram com muita rapidez e sem o menor vestígio de planejamento. Haja vista que se, em 1830, apenas uma cidade no mundo possuía mais de um milhão de habitantes, Londres, em 1851, já tinha 2,5 milhões e, em 1881, 3,9 milhões. Outras cidades europeias também vivenciaram uma explosão demográfica: Paris, que em 1830 abrigava meio milhão de pessoas, viu a sua população dobrar em 1851 e chegar a 1,9 milhão em 1881; Berlim saltou de 378 mil em 1849 para quase 1 milhão em 1875 (HOBSBAWM, 2006, 2012).

Essas pessoas que saíam dos rincões de cada vila para onde houvesse indústria tinham um objetivo: trabalhar. No entanto, a forma de trabalho que a era industrial legou à humanidade tornou-se em absoluto diferente da que havia no passado. O cotidiano de uma fábrica demandava regularidade, pontualidade, controle rigoroso do tempo, especialização de funções, disciplina e opressões, uma realidade distinta da dos trabalhos sazonais agrícolas, regidos pelas estações do ano. Vejamos as considerações de Hobsbawm:

A indústria traz consigo a tirania do relógio, a máquina que regula o tempo, e a complexa e cuidadosamente prevista interação dos processos: a mensuração da vida não em estações (acerto de trabalho até a festa de São Miguel ou até a Quaresma) ou mesmo em semanas e dias, mas em minutos, e acima de tudo, uma *regularidade* mecanizada de trabalho que se choca não só com a tradição mas também com todas as inclinações de uma população não condicionada para ela. E como os homens não assimilavam espontaneamente esses novos costumes, tinham de ser forçados – por disciplina e multas, por leis de Senhor e Servo, como aquela de 1823 que os ameaçava com prisão por quebra de contrato (aos patrões cabia apenas multas) e por salários tão baixos que somente a labuta incessante e ininterrupta os fazia ganhar o suficiente para sobreviver, sem prover o dinheiro que os afastasse do trabalho por mais que o necessário para comer, dormir e – como se tratava de um país cristão – orar no Dia do Senhor. (2000, p.80).

As cidades que recebiam esse fluxo de trabalhadores, no início, eram caóticas e desorganizadas. As grandes evocavam as imagens de superpopulação e de cortiços. Na verdade, construir essas habitações coletivas e alugá-las tornou-se um ramo extremamente lucrativo. Hobsbawm qualifica o período que vai de 1848 a 1875 como "a primeira era mundial de expansão na construção e nos bens imobiliários - para a burguesia" (2012, p.323).

E as grandes cidades não eram a única forma de organização urbana do período. Muitas áreas que ficavam a uma curta caminhada de distância para o campo transformaram-se em centros industriais, cuja economia girava em torno da mina de ferro

ou de carvão ou da tecelagem, em geral comandadas por uma pessoa ou por uma família. Isso modificou, de forma gradual, a paisagem dos países, como demonstram os seguintes excertos:

A cidade industrial típica era nesse período uma cidade de tamanho médio, mesmo pelos padrões atuais, embora, como ocorreu na Europa central e oriental, algumas cidades (que tendiam a ser muito grandes) também se tornassem centros maiores de produção - por exemplo, Berlim, Viena e São Petersburgo. Oldham tinha 83 mil habitantes em 1871, Barmen 75 mil, Roubaix 65 mil. Mas as antigas cidades pré-industriais de maior reputação geralmente não atraíam as novas formas de produção e, conseqüentemente, a nova região industrial típica tomava em geral a forma de pequenas vilas crescendo juntas, que se transformavam em pequenas cidades, que depois se desenvolviam em grandes cidades. Ainda não eram as ininterruptas áreas construídas do século XX, embora chaminés de fábricas, ao longo de vales, linhas férreas, a monotonia do tijolo descolorido e a nuvem de fumaça trouxessem uma certa coerência. Poucos de seus habitantes estavam a uma distância do campo superior a uma caminhada. Até a década de 1870, as grandes cidades da Alemanha industrial do oeste, tais como Colônia e Düsseldorf, alimentavam-se com os mecanismos trazidos ao mercado semanal pelos camponeses das regiões circunvizinhas. Em certo sentido, o choque da industrialização residia precisamente no grande contraste entre as habitações escuras, monótonas, repletas de gente, e as fazendas coloridas circunvizinhas, como em Sheffield...(HOBSBAWM, 2012, p.320).

A indústria pesada produziu não tanto a região industrial, mas a cidade da companhia, onde o destino de homens e mulheres dependia da fortuna e boa vontade de um único dono, atrás do qual estava a força da lei e o poder do Estado, que via essa autoridade como necessária e benfazeja. (HOBSBAWM, 2012, p.325).

Fossem grandes ou pequenas, essas cidades levaram seus habitantes a lidar com problemas sociais típicos do industrialismo: sujeira nas ruas, falta de saneamento básico e de condições elementares de higiene, reaparecimento de epidemias de doenças contagiosas (sobretudo aquelas transmitidas pela água), poluição e jornadas de trabalho exaustivas, realizadas em condições insalubres. Outras nefastas heranças desse vertiginoso processo foram o infanticídio, a prostituição, o aumento da criminalidade e o alcoolismo, todos tributários das péssimas condições de vida dos trabalhadores. A ausência de métodos contraceptivos eficazes e salários de subsistência levavam famílias a matar os rebentos que não podiam sustentar; a prostituição e a criminalidade eram medidas extremas a que recorriam os desesperados moradores das cidades e o alcoolismo era uma das poucas ferramentas de fuga daquela vida sofrida e insalubre erigida por uma sociedade extremamente desigual (HOBSBAWM, 2012).

Somente em 1848, quando as doenças contagiosas oriundas dos bairros pobres começaram a matar os ricos, é que as condições sanitárias foram melhoradas e se consolidaram apenas no último quartel do século XIX (HOBSBAWM, 2012). Quando o planejamento urbano passou a fazer parte da agenda política das grandes cidades, largas

avenidas, amplos bulevares, parques e estações de trem foram construídas. Naturalmente, os pobres foram os mais afetados por esse processo, conforme avalia Hobsbawm:

Para os planejadores de cidades, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares não especificados, mas presumidamente mais sanitizados e certamente menos perigosos. Essa também era a política das estradas de ferro, que fazia suas linhas passarem pelo centro da cidade, de preferência pelo meio dos cortiços, onde os custos eram menores e os protestos negligenciáveis. Para os construtores e empreendedores, os pobres eram um mercado que não dava lucro, comparado ao dos ricos com seus negócios especializados e distritos de comércio, e também às sólidas casas e apartamentos para a classe média ou subúrbios em expansão. Quando os pobres não ocupavam os distritos centrais das cidades, abandonados pelas classes mais elevadas, suas habitações eram construídas por empresários especuladores ou pelos construtores dos grandes blocos desolados para aluguel, conhecidos na Alemanha como "barracões de aluguel" (*Mietskasernen*). Das casas populares construídas em Glasgow entre 1866 e 1874, 75% eram de um ou dois cômodos apenas, e mesmo assim foram rapidamente ocupadas. (2012, p.322).

Mesmo com o planejamento urbano, as condições de vida e de trabalho dos pobres permaneciam abjetas. Tanto que a expectativa de vida do homem do campo que trabalhava na agricultura era, pelo menos até 1848, maior daquele que a do que ganhava a vida como operário (HOBSBAWM, 2006). Esse quadro mudou no final do século XIX, quando as cidades já tinham condições sanitárias melhores e o planejamento familiar começou a ser valorizado. O controle de natalidade demonstrava uma mudança cultural. As famílias chegaram à conclusão de que ter mais filhos representava aumento nas despesas e passaram a gerar proles menos numerosas. Com uma criação e uma educação melhores, a probabilidade de que os filhos superassem os pais em conquistas materiais era maior (HOBSBAWM, 2015).

Após décadas de migração, expansão e de desenvolvimento tecnológico, nos últimos anos do século XIX e no início do XX, os trabalhadores assalariados já compunham a maior parte da população dos países que haviam sido atingidos pela onda da Revolução Industrial. Aproximadamente dois terços da população economicamente ativa das cidades com mais de 100 mil habitantes trabalhavam na indústria. Isso facilitou a formação de sindicatos e de partidos trabalhistas¹⁹ (HOBSBAWM, 2015) – ainda mais

¹⁹Hobsbawm (2000) informa que a classe trabalhadora recebeu o direito ao voto apenas nos anos 1884-5.

porque, no século XIX, praticamente inexistia uma previdência social sólida (HOBSBAWM, 2000).

E não eram apenas os homens que deixavam seu suor nas fábricas. As mulheres também o faziam. Mas elas sofriam mais, pois o trabalho feminino naquela época era desvalorizado e mal pago, graças à lógica de que cabia ao homem prover o sustento da casa. Logo, se a mulher tivesse um emprego, poderia receber um salário inferior ao de subsistência. No entanto, se elas buscassem vagas nas fábricas, por sua mão de obra ser mais barata, acabavam por ter mais chance do que os homens. Assim, para evitar essa competição, a mulher foi alijada do mercado de trabalho ou empurrada para ocupações com paupérrimos rendimentos. Dessa forma, para muitas mulheres do século XIX, o casamento e o cuidado do lar eram, respectivamente, a grande aspiração e função de suas vidas. O início da era industrial agravou a opressão às mulheres, corroborando a sua dependência econômica em relação aos homens, conforme analisa Hobsbawm:

Uma vez que os homens, mais bem pagos, teriam seus salários reduzidos pela competição das mulheres, mal pagas, a sua estratégia lógica era a de excluir, se possível, tal competição, compelindo ainda mais as mulheres à dependência econômica e aos empregos perenemente mal pagos. Ao mesmo tempo, do ponto de vista da mulher, a dependência econômica tornou-se ótima estratégia econômica. De longe, sua melhor chance de conseguir bons rendimentos era a de ligar-se a um homem capaz de os ganhar, uma vez que suas próprias chances de conseguir tal subsistência costumavam ser mínimas. Salvo nas mais altas esferas da prostituição, que não eram mais fáceis de atingir do que, no futuro, o estrelato em Hollywood, sua mais promissora carreira era o casamento. Mas o casamento tornava-lhe difícil sair de casa a fim de ganhar dinheiro, mesmo que ela o quisesse, em parte porque os trabalhos domésticos e os cuidados aos filhos e ao marido a mantinham amarrada à casa e, em parte, a própria suposição de que um bom marido devia ser, por definição, um bom arrimo de família, intensificando a convencional resistência dos homens e das mulheres à ideia de que a esposa trabalhasse. O fato de ela não precisar trabalhar era a prova visível, perante a sociedade, de que a família não estava pauperizada. Tudo conspirava para tornar dependente a mulher casada. (2015, p.306-307).

Se não trabalhavam enquanto estavam casadas, nada impedia que tivessem uma ocupação antes do matrimônio ou em caso de viuvez. Haja vista que, nos anos 1880 e 1890, na Inglaterra, 34% das pessoas do sexo feminino com mais de 10 anos eram ocupadas (HOBSBAWM, 2015).

Somente no final do século XIX, com a instituição da educação primária obrigatória e com a expansão do setor de serviços, que apareceram ocupações tipicamente femininas, como o magistério. Outra profissão comum era a de governanta ou empregada

doméstica. Entre 1851 e 1891, o número de empregadas domésticas na Inglaterra praticamente dobrou: saltou de 1,1 milhão para 2 milhões (HOBSBAWM, 2015)²⁰.

Se tantos homens e mulheres trabalhavam, certamente o faziam para alguém, uma minoria que enriquecia com a exploração da mão de obra a custo baixo e cujos lucros lhes permitia reinvestir na indústria e financiar seu conforto, fazendo o dinheiro gerar mais dinheiro, lubrificando as engrenagens de uma economia capitalista industrial. Isto posto, cabe-nos perguntar: como viviam e quais eram os valores dessa classe em ascensão?

2.2. O universo burguês

Delimitar quem era o burguês do século XIX era mais difícil do que identificar um nobre ou um operário no mesmo período. Isso porque terras, títulos hereditários e o nascimento eram elementos que poderiam fazer alguém pertencer às classes aristocráticas assim como o salário e o trabalho manual caracterizavam o proletário (HOBSBAWM, 2015). E quais aspectos discerniam o burguês dos demais?

Um deles era o do poder: o burguês o possuía. A nova classe tinha subordinados a seu serviço, era capaz de mandar e de desmandar. O destino de dezenas (às vezes, de centenas ou milhares) de empregados dependia de uma pessoa (ou de um pequeno grupo), como podemos observar no fragmento a seguir:

Uma das principais características da burguesia como classe era que consistia num corpo de pessoas com poder e influência derivados de nascimento ou status. Para pertencer a ela, um homem tinha que ser "alguém"; uma pessoa que contasse como indivíduo, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar os outros homens ou de influenciá-los. (HOBSBAWM, 2012, p.369).

Não era só no universo da fábrica que o burguês possuía empregados. Ter uma criadagem doméstica auxiliando nas tarefas do lar também era um símbolo de prestígio. Dessa maneira, o homem burguês poderia prover o sustento da casa, ter uma esposa subordinada a ele e serviçais (de maioria feminina) que se reportassem às donas de casa:

²⁰ Os derradeiros anos do século XIX e o início do XX foram marcados, na Grã-Bretanha e em países industrializados do Ocidente por movimentos que reivindicavam o voto feminino e a emancipação da mulher. Foi muito famoso o movimento das *suffragettes* na Inglaterra, comandados por mulheres da classe média, que exigia que as mulheres tivessem direito a participar dos pleitos eleitorais. Para Hobsbawm, tais demandas não tinham apelo muito forte no seio das classes populares e as *suffragettes* apenas puderam concentrar-se na exigência de tais demandas graças ao trabalho de outras mulheres: as empregadas que cuidavam das tarefas domésticas:

Abaixo do nível da burguesia educada e próspera, o voto feminino, o acesso à educação superior e o direito de sair para o trabalho e de ter profissão, além da luta pelos direitos e pelo status igual ao masculino (especialmente no tocante aos direitos de propriedade), dificilmente despertariam um fervor engajado como outros assuntos. Nem devemos esquecer que a relativa liberdade das mulheres da classe média de fazer campanha em prol de tais exigências repousava, pelo menos na Europa, na transferência dos encargos domésticos a um grupo de mulheres muito maior, o das empregadas. (HOBSBAWM, 2015, p.322).

“portanto a casa ideal burguesa consistia em um senhor dominando um número de mulheres hierarquicamente dispostas” (HOBSBAWM, 2012, p.361) À mulher da casa burguesa cabia agradar as pessoas, alimentar os familiares e eventuais visitas com boa comida, cuidar das vestimentas da família, da ordem da casa e ensinar boas maneiras às crianças (HOBSBAWM, 2012).

Além do aspecto da dominação, o burguês, em finais do século XIX, podia ser identificado e avaliado de acordo com a sua moradia. Se vivesse na cidade, o bairro, o número de cômodos de seu apartamento, o andar ocupado no edifício e a quantidade de serviçais em seu lar eram elementos que poderiam conferir maior ou menor prestígio a um empresário. Caso possuísse uma casa de campo ou uma mansão, a construção seria utilizada como demonstração de opulência. A vida privada era, pois, indissociável da apresentação pública de *status*:

Essas residências eram o revestimento da máquina do poder. Eram destinadas a demonstrar os recursos e o prestígio de um membro da elite dirigente aos outros membros e às classes inferiores, bem como organizar o jogo de influências e domínio. (...) Nessas residências, a vida privada era inseparável da vida pública, e tinha funções reconhecidas, por assim dizer, diplomáticas, políticas e públicas, cujas exigências tinham precedência sobre os confortos domésticos... (HOBSBAWM, 2015, p.260-261).

O burguês era, também, um homem com uma enorme possibilidade de gastos. Se, na primeira metade do século XIX, prevalecera a ética da poupança e do reinvestimento do capital ganho na própria indústria, no final desse período, depois de um astronômico acúmulo de renda e de riqueza, os lucros burgueses também advinham do mercado financeiro e dos investimentos em bancos. Eram atividades que não exigiam muito tempo, mas que garantiam um bom retorno monetário. Dessa maneira, o ócio começou a fazer parte do cotidiano burguês. Com menos tempo ocupado e com vultosa soma disponível, o burguês passou a se preocupar em como gastaria o seu dinheiro (HOBSBAWM, 2015).

Uma das maneiras encontradas foi coroar a riqueza e o poder com um título nobiliárquico. “Na realidade, sempre que possível, seu objetivo era, cada vez mais, o de coroar o êxito comercial pela entrada na classe nobre, pelo menos por meio dos filhos e filhas, se não por meio de um estilo de vida aristocrático” (HOBSBAWM, 2015, p.274). Esse estilo era, evidentemente, dispendioso e exigia dinheiro, que se tornara “um critério de nobreza tão útil como o do sangue azul” (HOBSBAWM, 2015, p.266). Com isso, muitos burgueses compraram títulos de nobreza sem terem de abdicar de seu estilo de vida e de sua mentalidade.

Uma das formas de gerenciar esse tempo ocioso foi a instituição do esporte na vida do burguês. Assim, jogos como tênis, rúgbi e críquete passaram a fazer parte do cotidiano da burguesia. Além disso, os clubes onde essas atividades eram praticadas tornaram-se importantes elementos de socialização fora do círculo familiar e do trabalho (HOBSBAWM, 2015).

Esse desejo de ascensão social não era apenas inerente à burguesia, mas também a uma emergente classe média. Ora, se quem fazia trabalhos manuais e recebia salários por isso era operário, como classificar os burocratas empregados no serviço público, os financistas cujo sustento provinha de um emprego em um banco, os gerentes de lojas de departamentos e outras profissões que se expandiram com a oferta do setor de serviços? Eles não eram operários (porque não realizavam trabalhos manuais) nem burgueses (porque não detinham a propriedade dos meios de produção), mas tinham ambições e ideais burgueses (HOBSBAWM, 2015). Com isso, surgiu a chamada classe média.

Tratava-se de um grupo social sem pretensões aristocráticas, mas cujo nível econômico permitia-lhes atingir um patamar no qual a compra de um produto/imóvel não implicava a renúncia de outro. Se não poderiam viver em amplos palacetes, queriam ter casas ajardinadas em subúrbios longe da cidade²¹. A exemplo da burguesia, essa classe média também procurava ocupar uma parte do seu tempo praticando algum esporte amador. Com o desenvolvimento do turismo, uma viagem durante as férias de verão também podia fazer parte dos planos desse grupo (HOBSBAWM, 2015).

O principal mecanismo que permitia a uma família ascender socialmente era a educação e esta ganhou crescente importância nos últimos anos do século XIX e no início do XX. Isso porque a maioria dos homens de negócio do século XIX não possuía necessariamente instrução formal em nível superior. Mais importante era administrar os bens/comércio da família.

Ao final do século XIX, ter um filho na escola significava que este poderia adiar a missão de ganhar a vida. Além disso, era uma importante ferramenta de socialização:

A instrução escolar oferecia, acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores. A própria idade mínima em que se deixava a escola, para esse tipo de ingresso – cerca de 16 anos – garantia aos rapazes, em alguns países onde havia alistamento militar, a classificação como oficial em potencial. Crescentemente, a educação secundária até a idade de 18 ou 19 anos tornava-se habitual nas classes médias; e era

²¹Hobsbawm (2015) indica que esse estilo de casas nos subúrbios com jardim surgiu na Inglaterra e que posteriormente foi exportado para diversos países.

normalmente seguida de educação universitária ou de treinamento profissional superior. (HOBSBAWM, 2015, p.272).

Dessa forma, a Inglaterra passou a ter educação primária pública nos anos 1870. A frequência de crianças à escola primária pública passou a ser compulsória em 1890. Educação secundária pública só foi introduzida em 1902. O número de estudantes nas universidades europeias praticamente triplicou entre o fim dos anos 1870 e 1913 (HOBSBAWM, 2015).

A trajetória do próprio D. H. Lawrence ilustrou como a educação era uma ferramenta de ascensão social. Nascido em 1885, proveniente de uma família de mineiros de Eastwood, Nottinghamshire, Inglaterra, estudou na University College Nottingham e chegou a exercer a carreira de professor. É bem verdade que nem todos os filhos de mineiros e operários podiam “esperar para ganhar a vida”, mas aqueles que podiam fazê-lo usavam esse atalho para a ascensão social. Assim como os mais pobres, as mulheres também sofreram. Era difícil que uma moça criada fora dos círculos progressistas tivesse a chance de receber educação acadêmica (HOBSBAWM, 2015).

Com a educação intermediando a ascensão social, desenvolveu-se, assim, uma classe média com mentalidade burguesa. Com o tempo, esses termos deixaram de ser excludentes, a ponto de não ser impossível identificar um pequeno empresário como membro da classe média. Os homens desta classe tornavam-se *gentlemen*, termo inicialmente utilizado para qualificar um grande proprietário de terras que, na era burguesa, passou a ser usado para designar aquele que não ganhava a vida realizando trabalhos manuais (HOBSBAWM, 2015).

Um conjunto de valores que passava pelo estilo de vida, educação, hábitos sociais, moradia e até pelo linguajar passou a identificar aqueles que compunham os estamentos médios da sociedade:

Progressivamente, portanto, as classes médias eram identificadas não tanto como indivíduos “levados em conta” como tais e sim por meio de sinais coletivos de reconhecimento: pela educação que haviam recebido, pelo estilo de vida e por práticas que indicavam sua situação aos outros, aliás tão inidentificáveis, como indivíduos, quanto eles próprios. Para as classes médias reconhecidas, aqueles sinais normalmente envolviam uma combinação de rendimentos e educação, bem como certa distância visível das origens populares, tais como as indicadas, por exemplo, pelo uso habitual da linguagem da cultura nacional padrão e do sotaque indicador de classe, no relacionamento social com os outros que não os inferiores. (HOBSBAWM, 2015, p.281).

Não obstante todas as desigualdades inerentes a um sistema capitalista – tais como o ganho de poucos, respaldado no trabalho de muitos, a exploração e as agruras por que passava um operário – o período que vai do final do século XIX até 1914 é considerado estável e próspero socialmente; uma época em que “...a vida era incrivelmente atraente para os que tinham dinheiro e dourada para os ricos” (HOBSBAWM, 2015, p.422).

Porém, o ano de 1914 trouxe uma guerra que duraria quatro anos e dilaceraria o mundo liberal burguês.

3. Um inconveniente legado da Industrialização

Embora a Primeira Guerra Mundial tenha eclodido apenas em 1914, foi gestada nas décadas anteriores, as mesmas que representaram o triunfo da civilização burguesa. Não objetivamos aqui escrutinar os motivos da Primeira Grande Guerra ou pormenorizar a complexa e catastrófica política de alianças e rivalidades causadora do conflito²². Deter-

²²O historiador Wolfgang Döpcke, no texto *Apogeu e Colapso do Sistema Internacional Europeu*, presente no livro *História das Relações Internacionais Contemporâneas*, organizado por José Flávio Sombra Saraiva (2007), oferece uma explicação detalhada dos antecedentes políticos da Primeira Guerra Mundial. Para explicar as origens desse conflito, Döpcke menciona a vertiginosa expansão industrial dos Estados europeus e alude à Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), considerada o ponto de mudança que rompe com o equilíbrio nas relações internacionais do continente.

Antes dessa guerra, o equilíbrio continental era pautado pelo consenso entre os países e pela contenção das hegemonias. Depois do conflito, essa condição não pôde ser retomada. Isso ocorre porque a Prússia era, até então, a mais fraca das cinco potências europeias (as outras quatro eram Inglaterra, França, Império Austro-Húngaro e Rússia). No entanto, depois de derrotar a França, tomar-lhe territórios e se unificar como Império Alemão (1871), o novo país atinge uma condição de potência quase hegemônica no continente.

Essa hegemonia advinha sobretudo do campo industrial: a Alemanha produzia muito aço e era uma referência nos produtos químicos. Com isso, foi capaz de tomar mercados da Inglaterra e de se apresentar como uma forte concorrente industrial.

O Império Alemão, a nova potência hegemônica, alterou as relações internacionais de modo mais agudo do que qualquer outro país no período entre 1871 e 1914. No entanto, ao longo desses 43 anos o país exerceu a sua influência de maneiras distintas. Por isso, Döpcke divide a política externa teutônica em dois períodos: o de Otto von Bismarck como chanceler (1871-1890) e que se seguiu à renúncia deste (1890-1914).

Em que pese a pujança industrial alemã, enquanto Bismarck esteve no poder, até 1890, seu principal objetivo foi o de garantir a integridade do Império Alemão. Ele temia os vizinhos, receosos da potência emergente, e o revanchismo francês da questão da Alsácia-Lorena. Bismarck desejava evitar coligações contra a Alemanha e assegurar a paz na Europa Central. Para tanto, o então chanceler alemão adotou as seguintes medidas para as relações com a França: por um lado, isolou-a diplomaticamente na Europa; por outro, incentivou as ambições coloniais do país, para que os derrotados na guerra de 1871 voltassem suas forças não para uma revanche contra a Alemanha, mas para a conquista de novos territórios na África e na Ásia.

Como Bismarck isolou a França? Celebrando tratados com o Império Austro-Húngaro e com a Rússia. Apenas para citar os mais importantes: Tratado dos Três Imperadores (com o Império Austro-Húngaro e a Rússia, em 1873), Tratado da Dupla Aliança (com a Áustria, em 1879) e o de Resseguro (com a Rússia, em 1887). O problema era que Rússia e Império Austro-Húngaro possuíam interesses divergentes nos Bálcãs. As tensões nesta região estavam diretamente ligadas à decadência do Império Otomano. Havia um vácuo de poder, que Bulgária e Sérvia (potências locais) e Império Austro-Húngaro e Rússia (potências regionais) tentavam preencher. A Rússia, por exemplo, queria expandir-se para o sul, tentativa que a Inglaterra e a Alemanha tentavam evitar. O Império Austro-Húngaro era a favor da manutenção do Otomano porque temia que a eclosão do nacionalismo eslavo estimulasse as etnias de seu país a reivindicar independência

nos-emos em um dos antecedentes, o fato de essa guerra ter sido tributária da Industrialização e da expansão capitalista. Além disso, observaremos de modo panorâmico alguns dos conflitos do século XIX, para poder entender, no próximo tópico, a dimensão das mudanças no modo de guerrear que esse conflito trouxe e o morticínio desencadeado.

Como Hobsbawm demonstra nas obras supramencionadas (mas sobretudo em *Era dos Impérios*), o século XIX foi um período de expansão industrial e capitalista. O mundo tornou-se interligado por ferrovias e navios a vapor; o comércio se dinamizou e, ao final do período, potências como Grã-Bretanha, França, Alemanha, Japão e Estados Unidos (estes dois ainda em menor proporção) tinham sede de novos mercados e pretensões expansionistas. Houve uma globalização do xadrez político internacional. Até 1850, a Grã-Bretanha era a única potência com objetivos globais; em 1900, havia outras nações com pretensões correlatas (HOBSBAWM, 2015).

Por objetivos globais, Hobsbawm não se referia apenas à corrida por territórios na África e na Ásia, mas em todo o globo terrestre. Assim, a Grã-Bretanha, detentora de um império no qual o sol nunca se punha, mantinha relações com Estados independentes (como Portugal e Argentina) e estes acabaram tornando-se economias satélites de Londres. No entanto, na década de 1910, outras potências, ávidas por mercados, buscavam acordos com essas nações, sobretudo as situadas na América Latina.

Como forma de se proteger contra possíveis – e prováveis – confrontos com inimigos, os Estados passaram a estimular um tipo específico de indústria: a bélica. A progressão dos gastos britânicos com armamentos é capaz de dar uma noção de como

também. Contudo, essa postura austríaca não perdurou: o Império Austro-Húngaro passou a ver na fragmentação do Otomano uma chance de anexar mais territórios e entrou em competição com a Rússia. A Alemanha precisou escolher um lado nesse conflito de interesses. A obrigação de tomar partido advinha do fato de que o Tratado da Dupla Aliança possuía uma cláusula secreta que obrigava os alemães a ajudarem os austríacos, caso estes entrassem em guerra. Por outro lado, no de Resseguro, a Alemanha reconhecia a hegemonia russa nos Bálcãs. Bismarck, então, divulgou a cláusula secreta do Tratado da Dupla Aliança. Com isso, o chanceler alemão perdeu o pilar oriental de seu sistema de alianças, a Rússia. Esta nação, temendo o isolamento e a força alemã, começou uma aproximação com a França. Dessa maneira, Döpcke avalia a política externa de Bismarck como bem-sucedida a curto prazo (ele conseguiu evitar a formação de coalizões contra a Alemanha), mas desastrosa a longo prazo (não resolveu nenhum dos problemas estruturais das relações internacionais do continente, desprestigiou a diplomacia com tratados secretos e ainda forjou as alianças que lutariam na Primeira Guerra Mundial, em 1914). Para tornar o cenário europeu ainda mais explosivo, depois da renúncia de Bismarck, a Alemanha passou a reivindicar um status político internacional que se coadunasse com a sua força econômica e militar. Além disso, a corrida colonial, até então um mecanismo de atenuação das tensões na Europa, passou a ser mais um poderoso elemento que acirrava as rivalidades. Assim, o alvorecer do século XX para a Alemanha foi marcado pelas tensões com França e Rússia e pelo fracasso das tentativas de aproximação com a Inglaterra, devido aos interesses divergentes que as nações possuíam no Oriente próximo e na África. Diante disso, na primeira década do século passado, os ingleses se aliaram aos russos e franceses, na Tríplice Entente. Estava montado o cenário para o confronto mundial.

esse ramo industrial foi instigado: as cifras saltaram de 32 milhões de libras esterlinas, em 1887, para 44,1 milhões, em 1898-1899, e deste montante para 77 milhões, nos anos 1913-1914 (cerca de 44 milhões com a Marinha). O montante de empregados da Krupp, fábrica alemã de canhões, também aumentou: de 16 mil empregados em 1873, para 24 mil nos anos 1890 até chegar a 70 mil homens em 1912 (HOBSBAWM, 2015).

Os países não precisavam, na primeira década do século XX, de um arsenal como aquele nem de tantos empregados na indústria de armamentos em um período no qual não havia guerras. O que era necessário, para as nações, isso sim, era uma capacidade produtiva compatível com um período bélico. Para tanto, os países começaram a adotar medidas protecionistas para suas indústrias de armamentos, conforme pondera Hobsbawm:

Assim, de uma forma ou de outra, os Estados eram obrigados a garantir a existência de poderosas indústrias nacionais de armamentos, a arcar com boa parte do custo de seu desenvolvimento técnico e a fazer que permanecessem rentáveis. Em outras palavras, tinham de proteger essas indústrias contra os vendavais que ameaçavam os navios da empresa capitalista que singravam os mares imprevisíveis do mercado livre e da livre concorrência. (2015, p.468).

Tamanha proteção e tamanho investimento geraram um enorme avanço da tecnologia bélica. Houve melhorias nas armas de artilharia e nos navios de guerra, por exemplo, que ganharam uma blindagem protetora. Havia uma competição armamentista velada entre os Estados. Diante disso, Hobsbawm é categórico ao afirmar que “...o desenvolvimento do capitalismo empurrou o mundo inevitavelmente em direção a uma rivalidade entre os Estados, à expansão imperialista, ao conflito e à guerra” (2015, p.481).

Ainda assim, com todo esse aparato bélico à disposição, ninguém estava preparado para a dimensão da catástrofe que o conflito mundial trouxe consigo.

Ora, o século XIX (depois de 1815) e o início do XX (até 1914), tinham sido períodos de paz para a Europa. É claro que houve guerras, mas algumas das quais de unificação nacional, outras envolvendo poucos beligerantes (como a Franco-Prussiana²³ e a da Crimeia²⁴) e ainda aquelas travadas fora do continente europeu (caso da Hispano-Americana²⁵ e da dos Boers²⁶). A Guerra Franco-Prussiana matou 150 mil combatentes; a Hispano-Americana, 379 mil; e a dos Boers, tirou a vida de 29 mil dos 450 mil militares que foram para a África do Sul, um índice de mortalidade inferior a 10% do contingente

²³ Guerra entre França e Prússia entre 1870 e 1871.

²⁴ Guerra entre Rússia, de um lado, e França e Grã-Bretanha, de outro, de 1854 a 1856

²⁵ Guerra entre Estados Unidos e Espanha, em 1898.

²⁶ Guerra entre Grã-Bretanha e colonos brancos da África do Sul, de 1899 a 1902.

(HOBSBAWM, 1994). A Guerra Civil Americana, ocorrida entre 1861 e 1865, tirou a vida de cerca de 600 mil homens (KARNAL ET AL, 2015, p.136).

Esse baixo índice de mortalidade fazia da carreira militar algo atraente. Os exércitos, mormente, eram utilizados em desfiles militares fomentadores da identidade nacional e do patriotismo no cidadão ou, então, para reprimir revoltas locais. No *front*, o risco de morte poderia ser menor do que o de um trabalhador de uma mina de carvão, por exemplo:

Contudo, o trabalho dos soldados nos países ocidentais era, de longe, consideravelmente menos perigoso que o de certos grupos de trabalhadores civis, como os dos transportes (especialmente por mar) e das minas. Nos últimos três anos das longas décadas de paz, morriam por ano 1.430 mineiros de carvão britânicos, e 165.000 (ou mais de 10% de sua força de trabalho). (...) Assim, se deixarmos de lado a guerra britânica na África do Sul, a vida do soldado e do marinheiro de uma grande nação era pacífica...(HOBSBAWM, 2015, p.465).

Em 1914, contudo, não poderia haver risco maior para um cidadão europeu do que marchar rumo ao campo de batalha.

3.1. A Era da Guerra Total

Entre 1815 e 1914, o número de mortos nas guerras era contado na casa das centenas ou, caso fosse muito longa, na dos milhares. Sendo assim, não causa surpresa que a Primeira Guerra Mundial tenha originado um enorme estupor na humanidade: entre 1914 e 1918, o confronto tirou cerca de 10 milhões de vidas. Um milhão das quais apenas na fracassada ofensiva alemã em Verdun, que reuniu dois milhões de combatentes (HOBSBAWM, 1994).

A operação britânica no Somme ceifou a vida de 420 mil soldados de Sua Majestade²⁷. Meio milhão de britânicos com menos de 30 anos morreram na Grande Guerra. As Universidades de Oxford e de Cambridge perderam cerca de 25% de seus alunos no conflito. A França viu mais de 20% de sua população masculina em idade militar morrer. O confronto tirou a vida de 116 mil norte-americanos (convém frisar que os Estados Unidos pegaram em armas por apenas um ano e meio, entre 1917 e 1918), 1,6 milhão de franceses, 800 mil britânicos e 1,8 milhão de alemães (HOBSBAWM, 1994).

Como esse confronto militar chegou a esses níveis de mortalidade? Em primeiro lugar, é necessário ponderar que essa guerra foi, de fato, mundial, “envolveu todas as

²⁷ Se a mortalidade de um soldado inglês na Guerra dos Boers foi inferior a 10%, na Primeira Guerra Mundial, o risco de não voltar do front era de 50%.

grandes potências e todos os Estados Europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça” (HOBSBAWM, 1994, p.31). Não foi, portanto, apenas um conflito que reuniu Alemanha, Itália (até 1915) e Áustria de um lado, contra França, Grã-Bretanha, Rússia e Estados Unidos (a partir de 1917) de outro. Ademais, a guerra naval também foi global. No entanto, apenas o fato de ser global não seria capaz de explicar a dimensão do morticínio. Havia três outros fatores mais preponderantes: o avanço tecnológico da indústria bélica, o ataque a áreas não-militares e a mobilização de todos os esforços econômicos dos países beligerantes para o confronto.

Aproveitando seus conhecimentos em química, a Alemanha atacou seus adversários com gás venenoso, ato que Hobsbawm (1994) classificou como “bárbaro e ineficaz” (p.35)²⁸. Já a Grã-Bretanha criou os veículos blindados com esteira, batizados de tanques de guerra. Os submarinos foram utilizados para torpedear não apenas navios de guerra dos inimigos, mas também cargueiros, com o objetivo de levar a fome às populações dos países rivais.

Com tamanha tecnologia bélica, para causar a morte de muitas pessoas de uma só vez, bastava apertar um botão ou puxar uma alavanca. Era um ato pessoal. Os soldados não viam a luz deixar os olhos dos inimigos, não viam o sangue dos adversários nem seus gemidos de dor, como analisa Hobsbawm:

Outro motivo, porém, era a nova impessoalidade da guerra, que tornava o matar e o estropiar uma consequência remota de apertar um botão ou virar uma alavanca. A tecnologia tornava suas vítimas invisíveis, como não podiam fazer as pessoas evisceradas por baionetas ou vistas pelas miras de armas de fogo. Diante dos canhões permanentemente fixos da Frente Ocidental, não estavam homens, mas estatísticas - nem mesmo estatísticas reais, mas hipotéticas, como mostraram as "contagens de corpos" de baixas inimigas durante a guerra americana no Vietnã. Lá embaixo dos bombardeios aéreos não estavam as pessoas que iam ser queimadas e evisceradas, mas somente alvos. Rapazes delicados, que certamente não teriam desejado enfiar uma baioneta na barriga de uma jovem aldeã grávida, podiam com muito mais facilidade jogar altos explosivos sobre Londres ou Berlim, ou bombas nucleares em Nagasaki. (1994, p.57).

Se os inimigos eram apenas alvos, pontos pretos ou estatísticas, os soldados contemplavam os próprios companheiros agonizantes. Hobsbawm classifica a Frente Ocidental como uma máquina de massacre; um tétrico cotidiano de morte, imundície e doenças:

²⁸Segundo Hobsbawm, esse episódio gerou o “único caso autêntico de repulsa humanitária governamental a um meio de fazer a guerra, a convenção de Genebra de 1925, pela qual o mundo se comprometia a não usar guerra química” (1994, p.35).

Milhões de homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos de trincheiras barricadas com sacos de areia, sob as quais viviam como - e com - ratos e piolhos. De vez em quando, seus generais procuravam romper o impasse. Dias e mesmo semanas de incessante bombardeio de artilharia - que um escritor alemão chamou depois de "furacões de aço" (Ernest Jünger, 1921) - "amaciavam" o inimigo e o mandavam para debaixo da terra, até que no momento certo levavam homens saíam por cima de um parapeito, geralmente protegido por rolos e teias de arame farpado, para a "terra de ninguém", um caos de crateras inundadas de granadas de água, tocos de árvores calcinadas, lama e cadáveres abandonados, e avançavam sobre as metralhadoras, que os ceifavam, como eles sabiam que aconteceria. (1994, p.33).

Se a reciprocamente destruidora tecnologia militar, por um lado, gerou tantas mortes, por outro, impediu a movimentação dos exércitos, desencadeando a guerra de trincheiras, explicada no fragmento acima. Um conflito com uma inovação técnica tão maciça só foi possível porque houve uma grande produção para esse mercado bélico. Nos anos anteriores ao confronto, por exemplo, a França produzia de 10 a 12 mil granadas diariamente; no fim do período, esse montante saltou para 200 mil (HOBBSAWM, 1994).

Era impossível entrar numa guerra nessas proporções e não direcionar toda a sua economia para o conflito. Combater, entre 1914 e 1918, demandava uma produção em massa, algo que somente uma nação industrializada seria capaz de proporcionar. Um país não industrializado ou uma sociedade agrária não conseguiria manter tal nível de produção. E, até mesmo em Estados industrializados, uma guerra dessa natureza ordenava um esforço contínuo – e não apenas dos produtores de artefatos bélicos: à indústria têxtil era exigida uma produção nunca antes vista de roupas, para vestir os combatentes, por exemplo.

Esse esforço econômico nos tempos belicosos de 1914-1918 revelou outro aspecto da guerra moderna: seu alto custo. As consequências para a Grã-Bretanha, por exemplo, foram severas: o país teve de se adaptar ao desemprego em massa a partir da década de 1920. Na Alemanha, que encabeçava o lado perdedor, esse número chegava a 44%. O declínio britânico, francês e alemão alçou um novo país à condição de potência mundial: os Estados Unidos.

Tamanhos rastros de mortandade, brutalização, sofrimento e miséria deixados pela Primeira Guerra levam Hobsbawm a considerar esse conflito como o encerramento do longo século XIX, que, na concepção dele, dura de 1789 a 1914; gera o colapso da civilização burguesa nele erigida e inicia a Era da Catástrofe, 1914-1945, período terrível que impede os anos entre 1919 e 1938 de serem considerados “de paz”:

Para os que cresceram antes de 1914, o contraste foi tão impressionante

que muitos - inclusive a geração dos pais deste historiador, ou pelo menos de seus membros centro-europeus - se recusaram a ver qualquer continuidade com o passado. "Paz", significava "antes de 1914": depois disso veio algo que não merecia mais esse nome. Era compreensível. Em 1914 não havia grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências, sendo que os grandes participantes do jogo internacional da época eram as seis "grandes potências" europeias (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria, Prússia - após 1871 ampliada para Alemanha - e, depois de unificada, a Itália), os EUA e o Japão. [...] Media-se a extensão da guerra em meses, ou mesmo (como a guerra de 1866 entre a Prússia e a Áustria) semanas. (1994, p.30).

É nesse mundo em frangalhos e em choque, nessa Grã-Bretanha depauperada, após assistir ao solapamento da civilização burguesa do século XIX que se encontram Sir Clifford Chatterley, Lady Constance Chatterley e Oliver Mellors.

GUERRAS DISCURSIVAS

1. Considerações iniciais

No capítulo anterior, sempre guiados por Hobsbawm, propusemo-nos a avaliar o impacto que a Revolução Industrial e seu rol de inovações tiveram na vida das pessoas (sobretudo na dos britânicos) do século XIX. Também mencionamos, de modo panorâmico, como era a vida do militar dos anos 1800 e como a Primeira Guerra Mundial mudou em absoluto os modos de guerrear do século precedente, trazendo uma mortandade e um rastro de horror ímpar na História. Na esteira do raciocínio de Hobsbawm, quisemos demonstrar como esse confronto foi um inconveniente legado da economia industrial capitalista constituída décadas antes e, sobretudo, que somente Estados industrializados seriam capazes de manter um conflito armado daquela proporção.

Relacionadas de modo profundo na História, industrialização e guerra aparecem bastante conectadas em *O amante de Lady Chatterley*. Julgamos importante investigar com minúcia o contexto histórico, para entender melhor a época em que viviam as personagens da obra, afinal, conforme mencionamos, para Bakhtin, a personagem do romance é um ser social, definido e situado historicamente (BAKHTIN, 2014, p.135).

As ações das personagens desse gênero sempre são iluminadas ideologicamente por um discurso (BAKHTIN, 2014, p.136). Há, pois, no romance, um homem que fala e que age de acordo com a sua perspectiva (que pode coincidir ou não com a do autor). Conforme acredita Fiorin, em Bakhtin, a singularidade do romance reside no fato de mostrar os espaços discursivos de uma determinada época, seja o do papel da mulher, das diferenças sociais, da relação entre as classes e outros (FIORIN, In: BRAIT, 2005, p.233). Esses espaços discursivos aqui citados estão presentes em *O amante de Lady Chatterley* e são zonas de tensão em que diferentes opiniões e pontos de vista se entrecrocaram.

Neste capítulo, nosso propósito é avaliar como a Industrialização e a Primeira Guerra Mundial afetam a vida das personagens e os discursos que estas produzem acerca dos fenômenos. Além disso, nos debruçaremos sobre outro aspecto da obra de Lawrence profundamente conectado à sociedade industrial: os preconceitos de classe e os discursos sobre o tema. Nosso intento será o de analisar como se constroem esses embates discursivos e demonstrar as tensões que surgem entre as personagens.

Começamos nosso percurso com o primeiro evento a que o narrador faz referência no romance: a Primeira Guerra Mundial.

2. Vidas mutiladas

Sintetizamos, no capítulo anterior, como a Guerra assinalou o colapso da civilização burguesa erigida no século XIX. A vida, após esse trágico acontecimento, começou a ser pensada em termos de guerra mundial, segundo Hobsbawm:

A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história, e mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a guerra mundial de 31 anos. (1994, p.30).

Depois do conflito, a Grã-Bretanha passou a conviver com o desemprego em massa e a regressão nos padrões de vida da classe média. Em diversos países, houve um recrudescimento na política que daria origem ao Fascismo, ao Nazismo e a outros regimes totalitários (HOBSBAWM, 1994).

O narrador inicia o romance aludindo ao conflito. O primeiro parágrafo da obra demonstra todo o seu horror ante a guerra. No entanto, porta também uma nota de otimismo: ele exorta a humanidade a seguir em frente, a se reconstruir, a se recompor e, sobretudo, a viver, apesar da dimensão da catástrofe, tarefa bastante árdua, mas absolutamente necessária:

Nossa época é essencialmente trágica, por isso nos recusamos a vê-la tragicamente. O cataclismo já aconteceu e nos encontramos em meio às ruínas, começando a construir novos pequenos habitats, a adquirir novas pequenas esperanças. É trabalho difícil: não temos mais pela frente um caminho aberto para o futuro, mas contornamos ou passamos por cima dos obstáculos. Precisamos viver, não importa quantos tenham sido os céus que desabaram²⁹. (LAWRENCE, 2010, p.45).

É nessa posição, segundo o narrador, que se encontra Lady Chatterley, uma mulher sobre cuja cabeça a guerra derruba o teto (LAWRENCE, 2010, p.45). Tentaremos mensurar tudo aquilo que a guerra toma de Lady Chatterley, ou Constance Reid, seu nome de solteira.

²⁹No original: “Ours is essentially a tragic age, so we refuse to take it tragically. The cataclysm has happened, we are among the ruins, we start to build up new little habitats, to have new little hopes. It is rather hard work: scramble over the obstacles. We’ve got to live, no matter how many skies have fallen.” (LAWRENCE, 2006, p.6).

Em primeiro lugar, a guerra tira de Constance e de sua irmã, Hilda, a liberdade de estudar em uma universidade alemã em Dresden. Um curso superior não era uma oportunidade aberta a muitas mulheres fora dos círculos progressistas da burguesia. Em seus estudos, as moças relacionam-se com rapazes alemães com os quais perdem a virgindade, uma ação transgressiva em um período no qual era incomum que as moças não se casassem virgens (HOBSBAWM, 2015). A guerra, contudo, eclodiu. Elas voltam para a Grã-Bretanha e os outrora amantes se tornam apenas soldados das nações inimigas e, posteriormente, dois dos 10 milhões de mortos no confronto (HOBSBAWM, 1994).

De volta à Inglaterra, como muitas mulheres do período³⁰, Constance vai trabalhar no esforço de guerra (o narrador não especifica qual tarefa ela desempenha). Lá, ela conhece Sir Clifford, estudante de mineração do carvão em Bonn, Alemanha. Eles se casam em 1917, durante o mês de licença dele no exército, e ela finalmente se torna Lady Chatterley. Apenas seis meses depois, ele volta para a Grã-Bretanha embarcado, mas mutilado, ferido de tal forma que fica paralítico da cintura para baixo³¹.

Com isso, ela é condenada a uma vida celibatária, situação comum a muitas mulheres inglesas, cujos maridos voltaram mutilados da Primeira Guerra Mundial incapazes de manter relações sexuais; essas mulheres ficaram conhecidas por viúvas brancas (THÉBAUD, In: PERROT, 1995). A falta de relação sexual incomoda Lady Chatterley, “que desejava muito da vida de um homem, e isso Clifford não lhe dava³²” (LAWRENCE, 2010, p.84).

Culpar Sir Clifford por tal infortúnio chega a ser inicialmente descabido, na visão de Lady Chatterley, pois “a ele cabia a maior infelicidade³³” (LAWRENCE, p.142). Afinal, o confronto matara Herbert Chatterley, o irmão mais velho de Sir Clifford, em 1916. Em 1918, o pai morre ao ver o estado em que o filho mais novo retorna do campo de batalha. Sem pai, sem irmão e paralítico da cintura para baixo, após ficar dois anos sob

³⁰ O discurso do governo britânico era de que as mulheres deveriam cumprir um serviço temporário de substituição dos homens na indústria (THÉBAUD, 1995)

³¹ Sendo um membro da aristocracia, Sir Clifford recebeu o posto de tenente. Ele era um oficial e tinha de dar o exemplo a seus subordinados, marchando na frente nos campos de batalha. “Os britânicos perderam uma geração - meio milhão de homens com menos de 30 anos (Winter, 1986, p.83) -, notadamente entre suas classes altas, cujos rapazes, destinados como gentlemen a ser oficiais que davam o exemplo, marchavam para a batalha à frente de seus homens e em consequência eram ceifados primeiro. Um quarto dos alunos de Oxford e Cambridge com menos de 25 anos que serviam no exército britânico em 1914 (Winter, 1986, p.98) foi morto”. (HOBSBAWM, 1994, p.33-34).

³² No original: “*But she wanted a good deal from the life of a man, and this Clifford did not give her.*” (LAWRENCE, 2006, p.31).

³³ No original: “*His was the greater misfortune.*” (LAWRENCE, 2006, p.72).

cuidados médicos: é assim que Sir Clifford chega a 1920. Nesse ano, o casal vai viver no palacete em Wragby, vizinho à mina de carvão de Tevershall:

Tendo sofrido tanto, sua capacidade de sofrer se esgotara até certo ponto.

[...]

Esteve tão perto de perder a vida que atribuía extremo valor a quanto dela lhe restara. Ficava óbvio, no brilho ansioso dos seus olhos, como se orgulhava de estar vivo depois do grande choque. Mas seus ferimentos foram de tal ordem que alguma coisa dentro dele se extinguiu. Alguns dos seus sentimentos se perderam deixando uma lacuna inanimada³⁴. (LAWRENCE, 2010, p.46).

A guerra rouba, portanto, uma parte da humanidade de Sir Clifford, conforme avaliou o próprio Lawrence (2010), em um texto intitulado *A Propósito d'O amante de Lady Chatterley*:

Assim, em *O amante de Lady Chatterley*, temos um homem, sir Clifford, que é puramente uma personalidade, tendo perdido por completo qualquer conexão com os homens e mulheres seus semelhantes, exceto a criadagem. Todo o calor se perdeu, o coração ficou frio, o coração não tem existência humana. Ele é um produto puro da nossa civilização, mas é a morte da humanidade maior do mundo. É gentil por obrigação, mas não sabe o que significa o calor da solidariedade. Ele é o que é. E perde a mulher que escolheu³⁵. (2010, p.514).

Mais do que a ausência de relações sexuais, o que acaba por erodir seu casamento com Lady Chatterley é a perda desses sentimentos. Sir Clifford tem a capacidade de pensar, de raciocinar e de desenvolver tecnologias para sua mina de carvão. Trata-se de uma mente brilhante presa a um corpo atrofiado. No entanto, ele é incapaz de se relacionar de modo afetuoso com os seres humanos à sua volta.

Essas características vão se manifestar de modo mais agudo no modo como Sir Clifford comanda sua mina de carvão e na maneira como enxerga as classes subalternas, as quais ele não considera como seres humanos.

³⁴ No original: “Having suffered so much, the capacity for suffering had to some extent left him.

[...]

He had so very nearly lost his life, that what remained to him was inordinately precious to him. It was obvious in the anxious brightness of his eyes, how proud he was, after the great shock, of being alive. But he had been so much hurt, something inside him had perished, some of his feelings were gone.” (LAWRENCE, 2006, p.6).

³⁵ No original: “So, in *Lady Chatterley’s Lover* we have a man, Sir Clifford, who is purely a personality, having lost entirely all connections with his fellow-men and women, except those of usage. All warmth is gone entirely, the heart is cold, the heart does not humanly exist. He is a pure product of our civilisation, but he is the death of the great humanity of the world. He is kind by rule, but he does not know what warm sympathy means. He is what he is. And he loses the woman of his choice.”. (LAWRENCE, 2006 p.333).

3. O casal Chatterley no povado de Tevershall

É impossível ler *O amante de Lady Chatterley* e não avaliar o impacto que a atividade industrial da mina de carvão da qual Sir Clifford é proprietário tem na obra. A poluída paisagem gerada pela siderurgia acaba por sufocar Lady Chatterley. No entanto, a industrialização não é apenas um pano de fundo; trata-se de um elemento que influencia os destinos de Sir Clifford, Lady Chatterley, Oliver Mellors e até da Senhora Bolton, a enfermeira e governanta da casa. Na verdade, os enunciados acerca das consequências da industrialização e da sociedade por ela gerada colocam Lady Chatterley e Sir Clifford em polos opostos. Juntamente com Mellors, ela considera que o trabalho nas indústrias contribui para desumanizar o homem. Já o marido julga que “a indústria vem antes dos indivíduos³⁶” (LAWRENCE, 2010, p.299) e concebe as atividades da mina de carvão como vitais para a sociedade (para os operários que nela trabalham, inclusive). Neste tópico, analisaremos as formas pelas quais o narrador descreve a atmosfera de Tevershall, como Lady Chatterley sente-se sufocada no local e como ela e o amante elaboram enunciados em torno da industrialização que mantêm uma relação dialógica de conflito com os que Sir Clifford profere.

O narrador apresenta a mina de Tevershall como o elemento que contribui para tornar feio, triste e lúgubre o povoado:

Erguia-se [o palacete no qual Sir Clifford e a esposa viviam] numa elevação em meio a um belo renque de antigos carvalhos: mas infelizmente, a meia distância, de lá se avistava a chaminé da mina de Tevershall com suas nuvens de fumaça e vapor e, mais ao longe, na encosta úmida e enevoadada, a desordem crua do povoado de Tevershall, que começava quase junto aos portões do parque e se espalhava com sua feiura ostensiva e sem remédio por mais de um longo e triste quilômetro: casas, fileiras e mais fileiras de casas lamentáveis de tijolo, pequenas e recobertas de fuligem sob a tampa de telhados negros de ardósia, formando ângulos agudos e exibindo uma desolação deliberada e indiferente³⁷. (LAWRENCE, 2010, p.57).

Na boca da mina de Tevershall o fogo queimava o monte do refugio, que vinha ardendo havia anos e custaria milhares de libras para apagar. De maneira que deixavam queimar. E, quando o vento soprava de lá, o que era frequente, a casa ficava cheia do mau cheiro daquela combustão sulfurosa do excremento da terra. Mesmo nos dias sem vento, porém, o ar sempre recendia a algo subterrâneo: enxofre, carvão, ferro ou ácido.

³⁶ No original: “...the industry comes before the individual.” (LAWRENCE, 2006, p.180)

³⁷No original: “It stood on an eminence in a rather fine old park of oak trees: but alas, one could see in the near distance the chimney of Tevershall pit with its clouds of steam and smoke, and on the damp, hazy distance of the hill the hall straggle of Tevershall village – a village which began almost at the park gates, and trailed in utter hopeless ugliness for a long and gruesome mile: houses, rows of wretched, small begrimed brick houses with black slate roofs for lids, sharp angles and wilful blank dreariness.” (LAWRENCE, 2006 p.13).

E mesmo nas rosas de inverno a fuligem pousava com uma persistência incrível, como um maná negro dos céus do fim do mundo³⁸. (LAWRENCE, 2010, p.58)

Nota-se que a descrição não é nada lisonjeira: trata-se de um ambiente feio, claustrofóbico, poluído e sufocante. E, contudo, não muito diferente da realidade, pois, na Grã-Bretanha, ao longo do século XIX, pululavam cidades de tamanho médio que surgiam após a instalação de alguma atividade industrial no interior do país. A fábrica regia a economia dessas cidades e seu proprietário detinha enorme poder na região (HOBSBAWM, 2012).

Esse ambiente da pequena cidade industrial causa em Lady Chatterley “um fascínio mesclado com uma espécie de horror³⁹” (LAWRENCE, 2010, p.58) e “uma sensação estranha que tomava conta do seu corpo como uma gripe⁴⁰” (LAWRENCE, 2010, p.269-270), contribuindo para a perda da jovialidade. Ela nota (LAWRENCE, 2010, p.63) que seu lar é desprovido de calor humano. Vivendo em um lugar assim – e com um marido inválido, com o qual não tem contato físico algum –, Lady Chatterley começa a emagrecer e a beleza vai, gradualmente, esvaindo-se de seu corpo, a ponto de ser descrita como uma mulher de seios amargos e cujo ventre perdera o lustro (LAWRENCE, 2010, p.140). Lady Chatterley é levada ao médico, que não identifica nenhum problema orgânico, mas alerta para a falta de vitalidade do organismo da moça e para o risco de uma depressão.

Seu corpo recupera a vitalidade depois do seu envolvimento com o guarda-caça. À medida que a relação entre ambos se aprofunda, Lady Chatterley passa a nutrir ojeriza pelo mundo industrial. A visão do povoado, ou de mineiros voltando do trabalho, é suficiente para produzir nela profundo desalento, relatado pelo narrador em discurso indireto livre:

Tevershall! Aquilo era Tevershall! A alegre Inglaterra! A Inglaterra de Shakespeare! Não, mas a Inglaterra de hoje, como Connie percebera desde que fora viver lá. Vinha produzindo uma nova raça humana dotada de um apego agudo ao dinheiro e atenta ao lado social e político da vida, enquanto o lado espontâneo e intuitivo da vida estava morto, absolutamente morto. [...]. Quando Connie viu os caminhões

³⁸ No original: “*Tevershall pit-bank was burning, had been burning for years, and it would cost thousands to put it out. So it had to burn. And when the wind was that way, which was often, the house was full of the stench of this sulphureous combustion of the earth’s excrement. But even on windless days, the air always smelled of something under-earth: sulphur, coal, iron, or acid. And even on the Christmas roses the smuts settled persistently, incredible, like black manna from skies of doom.*” (LAWRENCE, 2006, p.13).

³⁹ No original: “*they fascinated Connie with a sort of horror.*” (LAWRENCE, 2006, p.13-14).

⁴⁰ No original: “*For her hear of the mining and iron Midlands affected her with a queer feeling that went all over her, like influenza.*” (LAWRENCE, 2006, p.160).

carregados com os operários das siderúrgicas de Sheffield, homenzinhos estranhos, miúdos e distorcidos, indo para um passeio a Matlock, suas entranhas gelaram e ela pensou: Meu Deus, o que o homem fez com o próprio homem? O que os líderes dos homens fizeram com os seus semelhantes? Reduziram-nos a uma condição inferior à humana, e agora a fraternidade não é mais possível! É um pesadelo⁴¹. (LAWRENCE, 2010, p.259-260).

Connie sempre achou que depois disso não haveria nada. Queria enfiar a cabeça na areia: ou, pelo menos, no peito de um homem vivo. O mundo era tão complicado, estranho e repulsivo! As pessoas comuns eram tão numerosas, e na verdade tão horríveis! Era o que ela pensava enquanto voltava para casa e via os mineiros emergindo dos túneis, quase completamente tingidos de preto, distorcidos, um ombro mais alto que o outro, arrastando as pesadas botas com as solas ferradas. Rostos cinzentos subterrâneos, os brancos dos olhos destacados, os pescoços apontando para fora do poço da mina, os ombros deformados. Homens! Homens! Até que, de certa maneira, homens bons e pacientes. Noutros aspectos, não tinham existência⁴². (LAWRENCE, 2010, p.268).

Tinham brotado do nada [os mineiros] aos milhares, quando o carvão demandara sua presença. Talvez fossem apenas uma estranha fauna das jazidas de carvão. Criaturas de uma outra realidade, espíritos elementares a serviço do elemento carvão, assim como os operários das fundições eram espíritos elementares a serviço do elemento ferro. Homens que não eram homens, mas emanções do carvão, do ferro e do barro⁴³. (LAWRENCE, 2010, p.269).

Ambas as descrições mostram como a atividade industrial das minas de carvão, cujo índice de mortalidade poderia ser superior ao de um exército do final do século XIX (HOBSBAWM, 2015), engendradora na exploração e em relações injustas e desiguais, rouba a dignidade de seus trabalhadores.

⁴¹No original: “Tevershall! That was Tevershall! Merrie England! Shakespeare’s England! No, but the England of today, as Connie had realised since she had come to live in it. It was producing a new race of mankind, over-conscious in the money and social and political side, on the spontaneous intuitive side dead, but dead. [...] When Connie saw the great lorries full of steel-workers from Sheffield, weird distorted smallish beings like men, off for an excursion to Matlock, her bowels fainted, and she thought: Ah God, what has man done to man? They have reduced them to less than humanness, and now there can be no fellowship anymore! It is just a nightmare.” (LAWRENCE, 2006, p.153).

⁴²No original: “Connie always felt there was no next. She wanted to hide her head in the sand: or at least, in [the] bosom of a living man.

The world was so complicated and weird and gruesome! The common people were so many, and really, so terrible. So she thought as she was going home, and saw the colliers trailing from the pits, grey-black, distorted, one shoulder higher than other, slurring their heavy ironshod boots. Underground grey faces, whites of eyes rolling, necks cringing from the pit roof, shoulders out of shape. Men! Men! Alas, in some ways patient and good men. In other ways, non-existent.” (LAWRENCE, 2006 p.159).

⁴³No original: “They had appeared out from nowhere in their thousands, when the coal had called for them. Perhaps they were only weird fauna of the coal-seams. Creatures of another reality, they were elementals, serving the element of coal, as the metal workers were elementals, serving the element of iron. Men not men, but animals of coal and iron and clay.” (LAWRENCE, 2006, p.159).

Mellors tem uma percepção correlata. Profere um discurso anti-industrial que condena os efeitos desse fenômeno. O guarda-caça vai além e prevê que a continuação desse insano ritmo de atividades industriais e de ambições desmedidas vai desencadear o fim da espécie humana. Além disso, ele ainda critica a sede de dinheiro que acomete os homens, conforme mostram os seguintes enunciados, proferidos em um diálogo com Lady Chatterley:

Estão perdendo todo o brio – os carros, o cinema e os aviões estão consumindo o pouco que ainda lhes resta. Cada geração produz uma geração anterior ainda mais acovardada, com tubos de borracha no lugar de tripas, com pernas e cabeças de lata. Gente de lata! É uma espécie de bolchevismo persistente – que liquida o que é humano e idolatra o que é mecânico. Dinheiro, dinheiro, dinheiro! Toda essa gente moderna só se contenta quando consegue extinguir o sentimento humano das pessoas, reduzindo a pó o velho Adão e a velha Eva. São todos iguais. E é a mesma coisa o mundo inteiro: exterminar a realidade humana, uma libra por prepúcio, duas libras por cada par de bolas. E as bocetas não passam de máquinas de foder! Tudo a mesma coisa. Basta lhes dar dinheiro, dinheiro, dinheiro para acabar com o brio de toda a humanidade e reduzir todos eles a máquinas giratórias.⁴⁴ (LAWRENCE, p.350-351).

Nada tem efeito mais calmante que contemplar o extermínio da espécie humana e a longa espera que virá em seguida antes que uma nova espécie se desenvolva. E, se a coisa continuar assim, com todo mundo, os intelectuais, os artistas, o governo, os industriais e os trabalhadores todos destinados a extinguir freneticamente o que ainda lhes resta de sentimento humano, a última gota de sua intuição, seu derradeiro instinto saudável – se isso continuar na progressão geométrica de agora: então vai ser mesmo o fim da espécie humana.⁴⁵ (LAWRENCE, p.351-352).

A gente deveria viver pra alguma outra coisa. Não para ganhar dinheiro, nem pra gente mesmos nem pros outros. Agora a gente é obrigado. A gente é obrigado a ganhar um pouco de dinheiro pra gente mesmos, e mais um bocado pros patrões. Mas a gente devia parar! Pouco a pouco,

⁴⁴ No original: “*Their spunk’s gone dead – motor-cars and cinemas and aeroplanes suck the last bit out of them. I tell you, every generation breeds a more rabbit generation, with indiarubber tubing for guts and tin legs and tin faces. Tin people! It’s all a steady sort of bolshevism – just killing of the human thing, and worshipping the mechanical thing. Money, money, money! All the modern lot get their real kick out of killing the old human feeling out of man, making mincemeat of the old Adam and the old Eve. They’re all alike. The word is all alike: kill of the human reality, a quid for every foreskin, two quid for every pair of balls. What is cunt, but machine-fucking! – It is all alike. Pay’ em money to cut off the world’s cock. Pay money, money, money to them as will take the spunk out of mankind, and leave’ em all twiddling machines.*” (LAWRENCE, 2006, p.217).

⁴⁵No original: “*To contemplate the extermination of the human species, and long pause that follows before some other species crops up, it calms you more than anything else – And if we go on in this way, with everybody, intellectuals, artists, government, industrialists and workers all frantically killing off the last human feeling, the last bit of intuition, the last healthy instinct – if it goes on in algebrical progression, as it is going now: then ta-tah!To the human species!*” (LAWRENCE, 2006, p.218).

devia parar. Nem precisa fazer muito escarcéu. Pouco a pouco, a gente deveria ir largando a vida industrial e voltar⁴⁶. (LAWRENCE, p.353).

Com discursos tão similares ao do amante, Lady Chatterley começa a desprezar o marido e o que ele, na qualidade de proprietário da mina de carvão e de patrão daqueles habitantes de Tevershall, representa. As hostilidades discursivas entre ela e Sir Clifford só se iniciam depois do envolvimento dela com o empregado. Os enunciados do esposo ecoam os discursos típicos da classe dirigente inglesa do século XIX e início do XX. Sir Clifford é um entusiasta do trabalho industrial que tem crença cega e inabalável no progresso e na tecnologia. Para ele, a industrialização, de fato, melhorou a vida dos trabalhadores. Ademais, ele aprecia sua posição de comando, gosta de ter poder sobre os mineiros, os quais não são considerados sequer seres humanos.

O interesse por sua propriedade industrial só se acende depois de ele começar a ter contato com a Senhora Bolton. A empregada conquista a confiança do patrão gradualmente e, ao relatar o cotidiano da vida operária e a mentalidade dos habitantes de Tevershall, acaba contribuindo para ele se sentir capacitado e encorajado a tomar as rédeas do negócio que antes tivera medo de assumir (sensação grandemente tributária de sua permanente invalidez).

E, assim, Sir Clifford abdica da ambição de ter sucesso literário para obter êxito nas atividades industriais. Ele começa a pensar em produzir energia elétrica a partir do carvão e a vendê-la. Para atingir seu objetivo, submerge em livros técnicos e deixa até mesmo de receber visitas.

O progresso, ao final do século XIX e início do XX, era tratado como uma ideologia por industriais e governantes (HOBSBAWM, 2015). Sir Clifford absorve e propala esse discurso de uma fé inabalável nas metas da ciência, tanto que acredita, mesmo parálítico, ainda ser possível recobrar a potência sexual: “Claro que ainda posso ter um filho. Não estou totalmente mutilado. A potência ainda pode voltar, mesmo com os músculos dos quadris e das pernas paralisados⁴⁷” (LAWRENCE, 2010, p.251). Essa reação desperta o mais profundo horror em Lady Chatterley. Além disso, ele nutre um

⁴⁶ No original: “*Let’s live for summat else. Let’s not live ter make Money, neither for us-selves nor for anybody else. Now we’re forced to. We’re forced to make a bit for us-selves, an’ a fair lot for th’ bosses. Let’s stop it! Bit by bit, let’s stop it! We needn’t rant an’ rave. Bit by bit, let’s drop the whole industrial life and go back.*” (LAWRENCE, 2006, p.219).

⁴⁷ No original: “*Of course I may have a child yet. I’m not really mutilated at all. The potency may easily come back, if even the muscles of the hips and legs are paralysed.*” (LAWRENCE, 2006 p.147).

certo orgulho de sua cadeira de rodas motorizada: “Estou montado em um produto da mente humana, o que é bem superior a um simples cavalo⁴⁸”. (LAWRENCE, 2010, p.297)

Ao imergir na rotina de comando da mina de carvão, Sir Clifford descobre que gosta de seu poder sobre os mineiros, a quem ele sequer considera humanos: “E não se engane: no seu sentido da palavra, eles *não* são homens. São animais que você nunca compreendeu nem poderia entender⁴⁹” (LAWRENCE, 2010, p.302), diz ele à esposa, ao avaliar os mineiros. Ademais, para Sir Clifford, o momento é o de usar o chicote e compete a ele, na qualidade de proprietário, parte do comando (LAWRENCE, 2010, p. 302-303). Quando a esposa expõe a desigualdade gerada pelo sistema industrial e a pobre e desesperançosa vida dos mineiros, Sir Clifford sai em defesa da indústria:

Quem deu aos mineiros tudo que eles têm e que vale a pena? A liberdade política, a educação que eles conseguem, o saneamento, as condições de saúde, os livros, a música, tudo⁵⁰? Quem deu a eles? Foram mineiros, que deram a outros mineiros? Não! São as Wragbys e Shipleys da Inglaterra que cumprem esse papel, e precisam continuar cumprindo. É esta sua responsabilidade⁵¹. (LAWRENCE, 2010, p.300-301).

Em verdade, Sir Clifford está ecoando um discurso muito comum na burguesia e na aristocracia: de que a Revolução Industrial trouxera benefícios a todas as classes. E que a burguesia e a aristocracia detinham o direito de controlar a produção e o comércio, gerando astronômicos lucros advindos da exploração da maioria da população inglesa, conforme sugere Georg Schwarzmann (2008):

Clifford acredita que à aristocracia inglesa é permitido controlar a produção e o comércio para obter lucro à custa da maioria da população porque os trabalhadores se beneficiaram da força criativa e produtiva da classe dominante. [...] Clifford valoriza as conquistas sociais e

⁴⁸ No original: “*I ride upon the achievement of human mind, and that beats a horse.*” (LAWRENCE, p.179).

⁴⁹ No original: “*And don't fall into error: in your sense if the word, they are not men. They are animals you don't understand, and never could.*” (LAWRENCE, 2006, p.182).

⁵⁰ Nas obras de Hobsbawm, é possível observar que as condições de vida dos trabalhadores melhoraram muito ao longo do século XIX e início do XX. Esse historiador (2006) indica que, nas primeiras décadas daquele século, as grandes cidades e as vilas industriais cresciam sem o menor vestígio de planejamento, serviços de higiene e saneamento básico (a água não chegava a muitos bairros); os pobres viviam amontoados em cortiços e, diante de tal imundície, tinham de conviver com epidemias de doenças contagiosas (principalmente as transmitidas pela água). Somente a partir da década de 1840, quando a população mais abastada começou a ser atingida por tais doenças que reformas na estrutura sanitária das cidades começaram a ser feitas. Ao final do século XIX, em que pese a instabilidade do trabalho nas fábricas, Hobsbawm (2015) informa que os trabalhadores tinham refeições mais decentes, que morrer de fome não era mais uma preocupação e que a educação primária em escolas públicas passou a existir na Inglaterra a partir da década de 1870 e a ser obrigatória na de 1890. Essas são algumas das melhorias a que Sir Clifford alude nesse enunciado. Ele acredita em que foram tributárias do desenvolvimento industrial.

⁵¹ No original: “*Who has given the colliers all they have that's worth having: all their political liberty, and their education, such as it is, their sanitation, their health conditions, their books, their music, everything. Who has given it them? Have colliers given it to colliers? No! All the Wragbys and Shipleys in England have given their part, and must go on giving! There's your responsibility.*” (LAWRENCE, 2006, p.181).

econômicas das classes altas britânicas, mas não menciona as miseráveis condições de vida dos trabalhadores, como o trabalho infantil e salários que mal permitem aos operários sobreviver. Ele ecoa a percepção de Marx de que a massiva força produtiva da burguesia, apesar de sua natureza exploratória, foi responsável pelo progresso de diferentes campos, dos quais a classe baixa também se beneficiou⁵². (p.86).

Lady Chatterley insurge-se contra o poder do marido, contra seu discurso de classe dirigente e não esconde o desprezo por Clifford:

“Você, e o *comando!*”, disse ela. “Mas você não comanda e não governa nada, não se iluda. Só tem mais dinheiro do que merecia, e faz as pessoas trabalharem para você por duas libras por semana, caso contrário passam fome. Comando! O que você entende de comandar os outros? Você está seco! Só sabe intimidar os outros com seu dinheiro, como qualquer judeu ou qualquer *Schieber* do mercado negro!”⁵³ (LAWRENCE, 2010, p.318)

A leitura que Schwarzmann (2008) faz dessa obra é a de que o conflito entre Lady Chatterley e Sir Clifford se dá no bojo do antagonismo entre classe trabalhadora e classe dominante na Inglaterra. Há um embate discursivo erigido em torno de discursos de classes sociais diferentes e conflitantes. Isso nos leva a examinar outro aspecto da Grã-Bretanha da época: a força das distinções entre as classes (acentuada pela Revolução Industrial) e como o discurso da divisão/hierarquia/preconceito entre diferentes estratos da sociedade opera na obra.

3.1. Uma lady, um baronete e um empregado

Um aspecto interessante que acompanhou a Revolução Industrial foi a mudança de acepção de palavras, tais como indústria, arte, classe. Antes da Revolução Industrial (como ainda ocorre hoje), este último vocábulo era empregado apenas em instituições de ensino. Com a Industrialização, porém, passou a ser utilizado para designar setores da sociedade (WILLIAMS, 1969, p.17).

⁵² No original: “Clifford believes that the English aristocracy is entitled to control production and trade and to make a profit at the cost of the majority of the population because the workers have benefited from the creative and productive force of the ruling class. [...] Clifford praises the social and economic achievements of the British upper class, but he doesn't mention the miserable conditions of life of the workers, child labour, and wages that barely allow people to survive. He mirrors Marx's acknowledgment of the massive productive force of the bourgeoisie, which despite its exploitative nature has been responsible for progress in many fields, from which the lower class also benefit.” Tradução minha.

⁵³ No original: ““You and rule!”, she said. “You don't rule, don't flatter yourself. You have only got more than your share of the money, and make people work for you for two pounds a week, or threaten them with starvation. Rule! What do you give forth of rule? Why you're dried up! You only bully with your Money, like any Jew or any Schieber.”” (LAWRENCE, 2006, p.193-194).

Hobsbawm identifica a existência da ideia de consciência de classe a partir de 1815; a concepção foi consolidada na década de 1830. O aspecto novo que o historiador traz à baila é que não se trata de mero antagonismo entre ricos e pobres: com a Industrialização, uma classe específica, a operária, passou a lutar contra seus patrões, detentores de capital, pertencentes à classe burguesa. A percepção da exploração da força de trabalho, a atividade manual, um estilo de vida similar e a dependência de um pagamento ao final do mês irmanavam a classe operária. O recebimento salário deixava bem clara a divisão entre burgueses e proletários, pois enquanto aqueles acumulavam somas astronômicas, estes tinham de trabalhar muito para obter confortos modestos (HOBSBAWM, 2012, p.340).

Com o desenvolvimento das cidades, expandiu-se o setor de serviços e surgiu uma nova classe de empregados: burocratas, advogados, arquitetos, gerentes de banco, funcionários públicos, médicos, economistas. Esses profissionais, que não eram nem trabalhadores manuais nem proprietários de indústrias, compunham uma classe que aspirava a um estilo de vida burguês (com uma casa ajardinada no subúrbio e férias de verão) e diferenciavam-se dos operários por não realizar trabalhos manuais (HOBSBAWM, 2015).

O burguês, proprietário de indústrias, era “alguém”: um indivíduo provido de riqueza, de capacidade de comandar subordinados (operários nas fábricas e criados em casa⁵⁴) e de influenciar seus iguais. Esses homens da burguesia almejavam sacramentar o seu triunfo na esfera econômica com um título de nobreza⁵⁵ ou, ao menos, com um estilo de vida aristocrático, o que era dispendioso. A aristocracia britânica absorveu os homens de negócio e banqueiros (HOBSBAWM, 2015).

Compunham a aristocracia homens que possuíssem grandes propriedades de terra. Temos, portanto, um pequeno círculo de nobres e de burgueses aristocratizados, uma classe média aburguesada e o universo dos operários e trabalhadores manuais. Estes deveriam ficar restritos ao seu espaço; havia desigualdade de vida e de expectativas: a classe operária não podia exigir um estilo de vida burguês. Em uma sociedade erigida sobre a superioridade burguesa:

⁵⁴ Ter serviços no lar é um sinal de prestígio para a burguesia. Quanto maior o número de empregados domésticos, mais poder o indivíduo detém (HOBSBAWM, 2012).

⁵⁵ Uma das maneiras de obter a entrada na aristocracia é a promoção de casamentos de filhos(as) de burgueses com os(as) de nobres (HOBSBAWM, 2015).

O burguês era, senão de uma espécie diferente, um nível mais alto na evolução humana, diferente dos níveis mais baixos, que permaneciam no equivalente cultural ou histórico da infância ou, no máximo, na adolescência. De senhor à raça superior era apenas um passo. O direito de dominação, a inquestionável superioridade do burguês como espécie, implicava não apenas inferioridade, mas idealmente uma inferioridade aceita nas relações entre homens e mulheres (que mais uma vez simbolizavam muito sobre a visão burguesa do mundo). Os trabalhadores, como as mulheres, deveriam ser leais e satisfeitos. (HOBSBAWM, 2012, p.374).

...nos países do Velho Mundo, a classe média acreditava que os trabalhadores deveriam ser pobres, não apenas porque sempre tinham sido, mas também porque a inferioridade econômica era um índice adequado da inferioridade de classe. [...] o máximo adequado para a classe trabalhadora era uma quantidade suficiente de comida boa e decente (preferivelmente sem muita bebida), uma habitação modesta e lotada, vestimenta adequada para proteger a moral, e saúde e conforto, sem arriscar uma tendência à imitação dos superiores numa escala social. (IBIDEM, IBIDEM, p.332)

A crença na superioridade burguesa e o desejo de manter a distância entre as classes sociais moldam não somente o discurso de Sir Clifford, mas também o de Oliver Mellors (e o de outras personagens, conforme veremos mais adiante).

Quem primeiro a alerta para os riscos do relacionamento entre eles é justamente o próprio amante, cômico de que a diferença de classe social (algo talvez tão grave quanto o adultério) traria sérias consequências para ela:

Pense um pouco! Pense em como vai se sentir rebaixada, um dos empregados do seu marido!
[...]
Pense um pouco! Pense no que vai ser se as pessoas descobrirem...sir Clifford...e e todo mundo falando...?
[...]
Ah, é o que a senhora pensa agora! Mas vai se importar. Vai ter de se importar, todo mundo se importa. A senhora precisa se lembrar. Lady Chatterley, a baronesa, metida com o guarda-caça! Se eu fosse um cavalheiro, seria diferente. Sim, a senhora vai acabar se importando. Vai sim⁵⁶! (LAWRENCE, 2010, p.217).

A resposta dela indica que, de fato, ela não se importa e que até revela seu ódio à posição social que ocupa:

Pois não me importo mesmo. Pouco estou ligando para meu título. Na verdade, é uma coisa que eu detesto. Quando me chamam de *milady*,

⁵⁶ “*Think about it! Think how lowed you will feel, one of your husband’s servants!*

(...)

Think! Think what if folks finds out – Sir Clifford – an’ a’ – an’ everybody talkin’

(...)

Ay, you think that! But you’ll care! You’ll have to care, everybody has. You’ve got to remember. Your Ladyship carrying on with a gamekeeper! It is not as if I was a gentleman. Yes, you’d care. You’d care!” (LAWRENCE, 2006, p.124).

sinto a zombaria na voz das pessoas. E elas estão zombando! Rindo de mim! Até você está de zombaria quando me chama assim⁵⁷! (LAWRENCE, 2010, p.218).

A preocupação de Mellors tem sentido: ela é uma *lady*⁵⁸. E isso no romance é tão forte que, mesmo após terem mantido relações sexuais duas vezes, o guarda-caça continua utilizando o título de nobreza ao se dirigir a ela. Hobsbawm (2012) define uma *lady* como uma mulher que não trabalhava, mas fazia os outros trabalharem, comandando a criadagem de uma casa. Se ela não trabalhava, era porque o marido podia perfeitamente prover o sustento da casa. Ela era um pilar no lar burguês, a figura que confortava o marido, agradava as visitas e cuidava da organização doméstica.

Já Sir Clifford, além de ser um membro da nobreza, deve ser visto como um *gentleman*, “termo originalmente reservado aos grandes proprietários de terra; na era da burguesia, todavia, foi drenado do seu conteúdo social específico e aberto para quem quer que, efetivamente, não realizasse trabalho manual” (HOBSBAWM, 2015, p.285). Isso também é acentuado na obra o tempo todo, pois tanto Mellors como a Senhora Bolton nunca dispensam o título de nobreza quando falam com o patrão: este é sempre tratado por Sir Clifford, que é apresentado pelo narrador como membro da autêntica aristocracia, filho de um baronete e neto de um visconde (LAWRENCE, 2010, p.52).

Um caso de Lady Chatterley com um trabalhador desencadearia consequências sociais e econômicas desagradáveis a ela, ao marido e, em menor proporção, ao amante, pois desestruturaria a família, que, conforme afirma Hobsbawm, é a unidade básica do sistema de propriedade burguês:

A "família" não era meramente a unidade social básica da sociedade burguesa, mas também a unidade básica do sistema de propriedade e das empresas de comércio, ligada a outras unidades similares por meio de um sistema de troca de mulheres-mais-propriedade (o dote do casamento) em que as mulheres deveriam ser, pela estrita convenção derivada de uma tradição pré-burguesa, *virgines intactae*. Qualquer coisa que enfraquecesse essa unidade familiar era inadmissível, e nada a enfraquecia mais do que a paixão física descontrolada, que introduzia herdeiros e noivas "inadequados" (isto é, economicamente indesejáveis), separava maridos de mulheres e desperdiçava recursos comuns. (2012, p.358).

E Mellors tem plena ciência dessa divisão entre os que realizam trabalho manual; entre quem pode mandar e quem deve obedecer; entre o luxo e a unidade da família

⁵⁷ “*I shouldn't. What do I care about my ladyship. I hate it really. I feel people are jeering every time they say it. And they are! They are! Even you jeer when you say it.*” (LAWRENCE, 2006, p.124)

⁵⁸ O romance não se chama *O Amante de Constance Reid*, mas sim *O amante de Lady Chatterley*. O autor, ao intitular a obra, quer enfatizar o título de nobreza da protagonista.

burguesa e as pequenas comodidades a que pode aspirar um trabalhador, acentuando a inferioridade econômica e de classe do sistema. Por isso, quando Lady Chatterley conta a Mellors que Sir Clifford havia sugerido que ela tivesse um herdeiro, o guarda-caça comenta com uma ponta de sarcasmo: “Acho que ele [Sir Clifford] não iria me engolir como reprodutor substituto⁵⁹” (LAWRENCE, 2010, p.282). O empregado tem razão, pois, antes mesmo de Lady Chatterley se envolver com o guarda-caça, o marido diz a ela: “Ora, Connie, acho que posso confiar em seu instinto natural e seus critérios. Você jamais deixaria o tipo de homem errado tocar em você⁶⁰” (LAWRENCE, 2010, p.105). O “tipo de homem errado” é justamente aquele que não pertence à classe dominante, um subalterno, um trabalhador manual.

Ao longo do romance, vemos, com frequência, que Clifford gosta de sublinhar, em seus enunciados, o discurso das funções hierarquicamente diferentes ocupadas pelas classes naquela sociedade. Quando Lady Chatterley conhece Mellors, por exemplo, o marido pede ao serviçal para empurrar a cadeira de rodas em uma ladeira, levando o patrão até a mansão. Ao chegar perto do destino, enquanto Mellors está conduzindo Sir Clifford ao destino, Lady Chatterley caminha com as mãos livres. Ela, então, decide abrir os portões, atitude que deixa o marido contrafeito: ““Por que você correu para abrir o portão?””, perguntou Clifford a Connie com a voz contida e calma que demonstrava sua contrariedade. ‘Mellors estava lá para abrir⁶¹’” (LAWRENCE, 2010, p.109). Outro momento no qual o Sir Clifford reforça essa hierarquia é quando não aceita que a Senhora Bolton prepare o chá e sente-se à mesa para bebê-lo junto dele: a tarefa cabia à esposa⁶² (LAWRENCE, 2010, p.169).

O momento mais agudo de reforço desta distinção entre classes dominantes e subalternas conduzido por Clifford é quando a sua cadeira de rodas motorizada empaca e, a contragosto e após muita relutância, o patrão solicita a ajuda de Mellors e pede a este que tente identificar alguma peça quebrada no motor da cadeira. No entanto, o guarda-caça nada entende de mecânica, mas, mesmo assim, deita-se para observar o equipamento. “Nessa ocasião, a distinção entre as classes se torna óbvia, quando o guarda-caça física, mas também figurativamente, fica abaixo do patrão para consertar a

⁵⁹ No original: “*He’d hard swallow me as a substitute breeder.*” (LAWRENCE, 2006, p.168).

⁶⁰ No original: “*Why Connie, I should trust your natural instinct of decency and selection. You just wouldn’t left the wrong sort of fellow touch you.*” (LAWRENCE, 2006, p.44).

⁶¹ No original: ““*Why did you run to open, said Clifford, in his quiet calm voice that showed he was displeased. “Mellors would have done it.”*” (LAWRENCE, 2006, p.47).

⁶² Até mesmo a Senhora Bolton avalia que este não é o papel dela. A empregada pensa que aquele lugar dela e avalia que o patrão não aprovaria tal atitude.

máquina⁶³” (SCHWARZMANN, 2008, p.84). Mellors sugere que, com um empurrão, a cadeira possa funcionar melhor. Sir Clifford recusa essa ideia, pois tem uma fé cega na tecnologia: “Ela vai andar sozinha!”⁶⁴ (LAWRENCE, 2010, p.310). No afã de fazer o objeto funcionar, Sir Clifford quase cai em uma vala; isso só não acontece porque o guarda-caça intervém. O patrão ainda tenta fazer a cadeira funcionar uma segunda vez, em vão. Finalmente, ele aceita a ajuda de Mellors. Lady Chatterley propõe-se a empurrar, pois sabe que a pneumonia roubou muito das forças do guarda-caça. O marido questiona se isso é, de fato, necessário (LAWRENCE, 2010, p.314). Ao chegar à mansão, Lady Chatterley admoesta Clifford pelo modo como ele havia agido com seu empregado e começa a nutrir ódio pelo marido: “Pela primeira vez, sentia por Clifford um ódio consciente e definitivo, um ódio perfeitamente nítido: desejando que ele fosse obliterado da face da Terra⁶⁵” (LAWRENCE, 2010, p.315).

A partir desse momento, a tensão e a hostilidade entre Sir Clifford e Lady Chatterley vão crescendo. Assim, quando surge a oportunidade de viajar para Veneza, ela aceita, vendo na viagem um alibi para separar-se de Sir Clifford e, finalmente, poder viver com Mellors. Na Itália, ela descobre a gravidez – e fica feliz por gerar um descendente de Mellors. Quando Lady Chatterley pede o divórcio por carta, Sir Clifford recusa-se a concedê-lo. No entanto, ela omite a gestação e os seus planos de unir-se ao guarda-caça, dando a entender que está apaixonada pelo pintor Duncan Forbes. Sir Clifford solicita uma conversa presencial entre ambos. No diálogo, Lady Chatterley informa que está grávida, mas isso não o abala, pois ele pensa que o pai é Duncan Forbes. Somente quando a esposa admite ser Oliver Mellors o pai da criança é que Sir Clifford fica profundamente encolerizado e produz um enunciado carregado do discurso do preconceito de classe e até de um traço misógino:

“Meu Deus, você deveria ser exterminada da face da terra!

[...]

Aquele verme! Aquele inseto atrevido! Aquele vagabundo miserável! E você, metida com ele o tempo todo, enquanto ainda vivia aqui e ele era um dos meus criados! Meu Deus, meu Deus, será que a baixeza das mulheres não tem fim?

[...]

E quer dizer que tem a intenção de casar-se com ele? E usar seu nome imundo⁶⁶? (LAWRENCE, 2010, p.461-462).

⁶³ No original: “*On this occasion the class distinction becomes obvious when the keeper physically, but also figuratively, lies under the master to repair the machine*”. Tradução minha.

⁶⁴ No original: “*She’ll do it by herself*.” (LAWRENCE, 2006, p.188).

⁶⁵ No original: “*For the first time, she had consciously and definitely hated Clifford, with vivid hate: as if he ought to be obliterated from the face of the earth.*” (LAWRENCE, 2006, p.192)

⁶⁶ No original: “*My God, you ought to be wiped from the face of earth!*”

Para Sir Clifford, o relacionamento de sua mulher com Mellors é uma humilhação suprema devido à discrepância de classe social. Ele não concebe a esposa querer deixar de ser uma lady para tornar-se simplesmente a Senhora Mellors (SCHWARZMANN, 2008). Além disso, ele pensa que a ausência de um título de nobreza a um sobrenome confere a este imundície.

Lady Chatterley, no entanto, mantém-se firme em sua decisão de pedir o divórcio e de garantir que a criança não leve nem o sobrenome do marido nem o título de nobreza a reboque. “Vou fazer o possível para que essa criança não seja legalmente sua. Prefiro de longe que seja ilegítima, e só minha: se não puder ser de Mellors⁶⁷” (LAWRENCE, 2010, p.462).

Sir Clifford também permanece inflexível e não concede o divórcio. Lady Chatterley o abandona e fica na expectativa de viver com Mellors em uma propriedade rural, apartados da sociedade. Antes que isso aconteça, contudo, Mellors vai trabalhar em uma fazenda por seis meses, para que a justiça britânica lhe conceda o divórcio de sua primeira esposa, Bertha Courts⁶⁸. Depois desse semestre, eles vão viver juntos no planejado recôndito local.

Para Schwarzmans, essa atitude de Lady Chatterley de deixar o marido e de abdicar do título de nobreza torna-a uma personagem e revolucionária:

Quando Connie dissolve seu casamento, ela também vira as costas para Clifford como um representante da natureza desumana da distinção de classes e exploração dos trabalhadores em uma sociedade capitalista. Nisso reside o caráter revolucionário de Connie, não em termos políticos, como sugeriu Lawrence, mas em um contexto social. Connie se torna um instrumento de exposição de um sistema social baseado no trabalho de muitos para o bem-estar de poucos. [...]. Sem dúvida, a esposa de Clifford, Constance, representa o mais intrigante personagem do romance. De uma passiva, quase subserviente, esposa, ela se transforma em uma mulher que rompe com as tradições e obrigações da

(...)

That scum! That bumptious lout! That miserable cad! And carrying on with him all the time, while you were here and he was one of my servants! My God, my God, is there any end to the beastly lowness of women!”

(...)

And you mean to say you want to have a child to a cad like that?” (LAWRENCE, 2006, p.296).

⁶⁷ No original: ““I shall prevent the child from being legally yours, if I can. I’d so much rather it were illegitimate, and ine: if can’t be Mellors.”” (LAWRENCE, 2006, p.197).

⁶⁸ O processo de divórcio era demasiado oneroso e, até 1923, só podia ser tratado em Londres, no *Divorce Court* (SOHN, 1995). Mellors, sendo um homem de poucos recursos financeiros e portador de um ódio à burocracia, não se esforçou por obtê-lo quando separou-se de Berta. Ao final do romance, precisa do divórcio para não comprometer ainda mais a situação de Lady Chatterley.

vida conjugal para finalmente se tornar livre e escolher o homem que realmente ama⁶⁹. (2008, p.93).

Um último aspecto a ser mencionado é que Sir Clifford e Oliver Mellors (este em menor proporção) não são as únicas personagens da obra que veiculam o discurso de preconceitos de classe, os quais, quase sempre, são desafiados por Lady Chatterley.

A senhora Bolton descobre o relacionamento entre Lady Chatterley e Mellors, mas não expõe a situação, guardando o segredo para si. Seus pensamentos acerca da questão, porém, estão impregnados por esse discurso do preconceito de classe:

Ora, vejam só! Quer dizer que lady Chatterley tinha caído por ele! Pois bem, lady Chatterley não era a primeira: ele tinha mesmo alguma coisa. Mas ainda assim! Ele era nascido e criado nas ruas de Tevershall, e ela a senhora da propriedade, em plena Wragby Hall! Meu Deus, aquilo era um insulto e tanto aos poderosos Chatterley⁷⁰. (LAWRENCE, 2010, p.248).

Além deles, Hilda Reid, irmã de Lady Chatterley, e Sir Malcolm Reid, pai, também revelam seus preconceitos em relação à classe economicamente menos favorecida. Hilda adverte Lady Chatterley sobre a perda do título de nobreza e pondera que não é desejável que elas se misturem aos trabalhadores: “E você acha bonito deixar de se ser Lady Chatterley para se tornar a senhora Oliver Mellors? [...] Mas você vai se fartar dele em pouco tempo”, disse ela, “e então ficará com vergonha desta ligação. Não podemos nos misturar com trabalhadores⁷¹” (LAWRENCE, 2010, p.383-384).

Já Sir Malcolm não é tão incisivo quanto Hilda. Ele não chega a tentar interferir no relacionamento de Lady Chatterley, mas o narrador revela que, nos pensamentos de Sir Malcolm, ecoa o discurso do preconceito de classe: “O que sir Malcolm não suportava era o escândalo em que sua filha se via envolvida numa trama com um guarda-caça. Não

⁶⁹No original: “When Connie breaks up her marriage, she also turns her back on Clifford as the representative of the inhumane nature of class distinction and exploitation of workers in a capitalist society. Therein lies Connie’s revolutionary character, not in political terms, as Lawrence suggested, but in a social context. Connie becomes instrumental in exposing a social system which is based on the labor of many for the well-being of a few [...] Without doubt, Clifford’s wife Constance represents the most intriguing character in *Lady Chatterley’s Lover*. From a passive, almost subservient woman she develops into a female who breaks with traditions and the obligations of marital life to finally become free and choose the man she really loves”. Tradução minha.

⁷⁰ “Well, well! So her ladyship had fallen for him! Well – her ladyship wasn’t the first: there was something about him. But fancy! A Tevershall lad born and bred, and she her-ladyship in Wragby Hall! My word, that was a slap back at the high-and-mighty Chatterleys!” (LAWRENCE, 2006, p.145).

⁷¹No original: “And how would you like to be Mrs Oliver Mellors, instead of Lady Chatterley?”

(...)

‘But you’ll be through with him in a while,’ she said, ‘and then you will be ashamed of having been connected with him. One can’t mix up with the working people.’” (LAWRENCE, 2010, p.240).

se incomodava com a trama: mas se importava com o escândalo⁷²” (LAWRENCE, 2010, p.440).

Assim, pensamos ser possível afirmar que não é apenas o conflito entre Lady Chatterley e Sir Clifford que se dá no antagonismo no discurso da diferença entre as classes trabalhadoras e as dominantes da Inglaterra do período, mas o conflito entre Lady Chatterley e as demais personagens. A obra é construída em torno da oposição proposta por Marx entre classe dominante e trabalhadora.

Há diversos aspectos da teoria marxista na formação das personagens. Sir Clifford, por exemplo, ecoa o discurso marxista ao avaliar que o indivíduo tem seu modo de pensar influenciado pela posição social e econômica que ocupa. De acordo com Marx, as classes dirigentes constantemente modernizam os meios de produção, para conseguirem manter as classes operárias dependentes e subservientes. É justamente isso que essa personagem deseja, quando pensa em modernizar a mina de carvão (SCHWARZMANN, 2008).

Já Lady Chatterley e Mellors também ecoam Marx ao avaliar o capitalismo como força escravizadora e humilhante para trabalhadores, capaz de reduzi-los a animais, máquinas ou a autômatos. O guarda-caça, aliás, odeia as pessoas com poder e o modo como elas dominam as vidas dos que não o têm (SCHWARZMANN, 2008).

Lawrence, é verdade, odiava a sociedade burguesa, as classes aristocratas e tudo o que traziam em seu bojo. Todavia, o autor não é um socialista-marxista. Para ele, qualquer sistema ou conceito se prova errado quando começa a oprimir os cidadãos. O escritor defende que uma nova era demandava uma mudança nos valores morais – não no sistema político; ele desejava uma existência mais humanizada (SCHWARZMANN, 2008).

Há um embate discursivo erigido em discursos de classes sociais diferentes e conflitantes. No entanto, embora esse embate seja permeado pela luta de classes, não podemos afirmar que Lady Chatterley adote um discurso socializante. Ela não insta os mineiros entrarem em greve; não sugere que o marido doe/perca sua propriedade; sequer questiona a necessidade de trabalhar. No entanto, o que a incomoda profundamente é a desumanização que o trabalho industrial legou à humanidade. Assim, Schwarzmann (2008), ao avaliar Lady Constance Chatterley pondera:

⁷² “*What Sir Malcolm could not bear, was the scandal of his daughter’s having an intrigue with a gamekeeper. He did not mind the intrigue: he minded the scandal*”. (LAWRENCE, 2010, p.281).

Não é Marxismo, Bolchevismo ou Capitalismo, mas as virtudes de Connie, como compaixão pelos trabalhadores, desapego ao dinheiro e à condição social, e a habilidade de se deixar ser guiada pelo amor e por instintos, que podem ser as soluções para um futuro melhor⁷³. (p.95).

Esse antagonismo entre classes e o desprezo pela industrialização são alguns dos aspectos que vão conferir um aspecto revolucionário ao comportamento sexual de Lady Chatterley. No entanto, obviamente, há mais detalhes que vão influenciar na maneira como essa personagem manifesta a sua sexualidade no romance. O próximo tópico versará sobre isso.

4. Sexo e sexualidade na obra

Nesta parte do capítulo, analisaremos os aspectos redentor e contestador do sexo na obra. Além disso, estudaremos a mudança da percepção acerca da experiência sexual que ocorre em Lady Chatterley; os discursos veiculados pelas personagens sobre sexo e sexualidade e também a linguagem utilizada pelo narrador.

O sexo na obra tem uma dimensão redentora. É o ato sexual, quando praticado com ternura, ardor e amor, que devolve a Lady Chatterley e a Oliver Mellors o desejo de viver e a esperança. O encontro carnal verdadeiro parece ser o mecanismo libertador dos homens: o sexo, quando praticado com plenitude, vai ajudá-los a se livrarem da letargia, da ambição, da desumanização e da inércia na qual a sociedade industrial e a guerra os colocaram. O ser humano, mesmo traumatizado pela guerra, contém em seu próprio corpo o gérmen da redenção, que só pode ser alcançada no encontro desinibido e ardoroso com outro corpo, conforme dá a entender Fabíola Moura:

Em *O amante de Lady Chatterley*, se por um lado o corpo está inerte, morto pelas violências da guerra e da repressão sexual, por outro ele contém em si a possibilidade de redenção, através do casamento baseado no ato sexual livre de tabus sociais. (2009, p.69)

Para Doris Lessing⁷⁴, esse é um dos mais poderosos textos escritos contra a guerra, pois coloca dois amantes que sofreram direta ou indiretamente as agruras do conflito e procuram um lugar seguro onde possam viver em um mundo que caminha para a destruição:

Não é que, depois de ter visto como a sombra da guerra está presente nesse relato e ameaça esses amantes, a história de amor do romance

⁷³No original: “It is not Marxism, Bolshevism, or capitalism, but Connie’s virtues, such as compassion for the workers, disregard for Money and social status, and the ability to let herself be guided by love and instincts, that could be the keys for a better future.” (p.95).

⁷⁴O texto de Lessing a que nos referimos é a introdução de *O Amante de Lady Chatterley*, escrito para a edição da Penguin Books de 2006 e publicado no Brasil em 2010.

perca sua pungência, mas para mim ela deixa de ser o tema central, independentemente da intenção de Lawrence. Duas pessoas indefesas, com a vida já atingida pela guerra, atiram-se nos braços uma da outra, fugitivos dos horrores, tentando encontrar algum lugar seguro, como animais pequenos que fogem de um incêndio na floresta, as asas das chamas já próximas em seu encalço, nuvens de fumaça negra encobrendo o sol.

Hoje acredito que este romance seja um dos mais poderosos jamais escritos contra a guerra⁷⁵. (LESSING. In: LAWRENCE, 2010, p. 23-24)

O sexo é um sacramento para Lawrence e, praticado de forma honesta, traz paz aos seus participantes e uma chama que reaviva a existência deles (LESSING. In: LAWRENCE, 2010). Lady Chatterley, por exemplo, quer manter na pele recordações do prazer propiciado pelo ato com o amante e não toma banho na noite em que ambos atingem o orgasmo conjuntamente: “Connie não quis tomar banho naquela noite. A sensação da carne dele em contato com ela, mesmo pegajosa, era-lhe preciosa, e num certo sentido até sagrada⁷⁶” (LAWRENCE, 2010, p.237).

Mellors também sente paz ao realizar o ato sexual (LAWRENCE, 2010, p.206). Ele diz a Lady Chatterley que a relação carnal com ela é algo curador de todos os males (LAWRENCE, 2010, p.293) e defende o sexo realizado de modo gentil (LAWRENCE, 2010, p.336). Ele queria ter uma mulher que *gostasse* de sexo de verdade, tivesse prazer no encontro carnal, e não apenas suportasse o ato, como um ônus para a relação (LAWRENCE, 2010, p.331-335). Ele, portanto, veicula um discurso de que a mulher também deve ter prazer no sexo, pois ambos são seres sexuados. “Esse sexo de coração frio que é insuportável, e uma idiotice⁷⁷” (LAWRENCE, 2010, p.336).

Vê-se, portanto, o corpo como um instrumento que pode levar os seres humanos à redenção (MOURA, 2009). Assim, o romance contém diversas cenas em que Lady Chatterley e Mellors, lúdica, sensual e até escatologicamente, exploram o corpo um do outro, admirando o pênis, a vagina, as nádegas e até o ânus, como demonstram os seguintes excertos:

⁷⁵ No original: “*It is not that once having seen how war overshadows this tale, threatens these lovers, the love story loses its poignancy, but for me it is no longer the central theme, despite what Lawrence intended. Two defenceless people, their lives already wounded by war, fly into each other’s arms, fugitives from such horrors, trying to find a little safe place, like small animals fleeing from a forest fire, the wings of flame already close behind them, clouds of smoke blackening the sun.*” (LESSING. IN: LAWRENCE, 2006, p.xxi).

⁷⁶ No original: “*Connie would not take her bath this evening. The sense of his flesh touching her, the very stickiness upon her, was dear to her, and in a sense, holy.*” (LAWRENCE, 2006, p.137).

⁷⁷ No original: “*It is all this cold-hearted fucking that is death and idiocy.*” (LAWRENCE, 2006, p.206)

O frêmito percorria o corpo do homem, à medida que o fluxo de consciência tornava a mudar de direção, voltando-se para baixo. E ele nada pôde fazer enquanto o pênis, em ondulações suaves e lentas, encheu-se, tomou corpo e se ergueu, e endureceu, pondo-se de pé ali ereto e altivo, como se quisesse imitar uma torre. A mulher também tremia um pouco enquanto a tudo assistia.

“Pronto! Agora pode ficar com ele! É seu”, disse o homem.

E ela estremeceu, enquanto seu espírito se derretia. Ondas vivas e suaves de prazer indescritível a cobriram quando ele a penetrou, dando início à sequência de emoções peculiares e fluidas que se espalhavam e se espalhavam em ondas até ela se ver arrebatada pelo último jorro de sensação extrema⁷⁸. (LAWRENCE, 2010, p.341-342).

“Mas cê tem a melhor boceta que eu já vi, né? A melhor boceta de toda a terra. Quando cê quer! Quando cê resolve!”

“O que é boceta?”, perguntou ela.

“E cê num sabe? Boceta! É isso que cê tem aí; por onde eu vou entrar em você... e tudo em volta disso... tudo isso!”

“Tudo isso!”, zombou ela. “Boceta! Então é a mesma coisa que foder.”

“Não, não. Foder é só o que cê faz. Qualquer animal fode. Mas a boceta é muito mais. É você: e cê é muito mais que um animal, né? Até quando fode! Boceta! É tua beleza, menina!⁷⁹”. (LAWRENCE, 2010, p.295).

“Cê tem uma bunda tão linda”, disse ele, com os tons guturais e carinhosos do dialeto. “A mais linda do mundo todo. A mais linda que qualquer mulher já teve! E é totalmente de mulher, sem a menor dúvida uma bunda de mulher. Num é que nem essas meninas de bundinha pequena que parecem um garoto, cê não! Cê tem uma bunda redonda de verdade, do jeito que todo homem no fundo gosta. Uma bunda que dava pro mundo inteiro se apoiar em cima!”

E o tempo todo que falava ele acariciava caprichosamente as formas redondas, até ela ter a impressão de que suas mãos emanavam um fogo viscoso. E as pontas dos dedos dele ultrapassaram as duas aberturas secretas do seu corpo, várias vezes, como uma escova de fogo muito macia.

“E se cê cagar e mijar, melhor. Num quero uma mulher que num mije nem cague.” Connie não conseguiu conter um jorro repentino de riso surpreso, mas ele seguiu em frente sem lhe dar atenção. “Cê é de

⁷⁸ No original: “*The quiver was going though the man’s body, as the stream of consciousness again changed its direction, turning downwards. And he was helpless, as the penis in slow soft undulations filled and surged and rse up, and grew hard, standing there hard and overweening, in its curious towering fashion. The woman too trembled a little as she watched.*”

“*There! Take him then! He’s thine.*” said the man.

And she quivered, and her own mind melted out. Sharp soft waves of unspeakable pleasure washed over her as he entered her, and started the curious molten thrilling that spread and spread till she was carried away with the last blind flush of extremity.” (LAWRENCE, 2006, p.210-211)

⁷⁹ No original: “*Tha’ rt good cunt, though, aren’t ter? Best bit o’ cunt left on earth. When ter likes! When tha’ rtwillin’!*”

“*What us cunt?*” she said,

“*An’ doesn’t ter know? Cunt! It’s thee down theer; an’ what I get when I’m i’side thee – it’s a’ as it is – all on’t*”

“*All on’t!*” she teased. “*Cunt. It’s like fuck then.*”

“*Nay nay! Fuck’s only what you do. Animals fuck. But cunt ‘s a lot more than that. It’s thee, dost see: an’ tha’ rt a lot besides an animal, aren’t ter? – eventer fuck! Cunt! Eh, that’s the beauty o’ thee, lass!*” (LAWRENCE, 2006,p.177-178).

verdade, de verdade! Cê é de verdade, quase feito uma cachorra. Por aqui cê caga, por aqui cê mijar, eu boto a mão nas duas saídas, e gosto de você por causa disso. Cê tem a bunda que toda mulher deve ter, uma bunda de mulher, cheia de orgulho
Com a mão em concha, cobriu com firmeza seus pontos secretos, numa espécie de abraço⁸⁰. (LAWRENCE, 2010, p.358-359).

Essa exaustiva exploração das potencialidades do corpo, que hoje pode parecer banal, não o era à época, em uma Grã-Bretanha que Lessing classifica como “puritana, reprimida e dissimulada⁸¹” (LESSING. In: LAWRENCE, 2010, p.8). Era um período de enorme ignorância sexual. O próprio Lawrence pensava em clitóris como um “bico que rasgava e arranhava⁸²” e “uma arma, usada contra o homem⁸³” (LESSING. In: LAWRENCE, 2010, p.11).

Outro aspecto relevante desses excertos é o da linguagem, da escolha lexical. Lawrence utiliza termos como bunda, boceta, foder, cagar, mijar (*tail, cunt, fuck, shitepiss*, respectivamente). Trata-se de uma opção consciente do autor, conforme ele próprio afirma no texto *A Propósito d’O amante de Lady Chatterley*: “Se uso palavras tabu, é por um motivo. Jamais libertaremos a realidade fálica do matiz de ‘elevação’ se não usarmos para ela uma linguagem fálica própria, usando as palavras obscenas⁸⁴” (LAWRENCE, 2010, p.515).

Para Moura (2009), o livro “pode ser considerado um precursor do uso político do corpo na literatura ocidental. A realização sexual, aqui, traz em si o poder de contestação das barreiras sociais” (p.65). E não é apenas pela questão de classe, já discutida, mas pelo papel que Mellors ocupa no povoado de Tevershall. Ele, embora seja um empregado de Sir Clifford, é uma das poucas personagens que não tem relação com a atividade

⁸⁰No original: ““*Tha’s got such a nice tail on thee*”, he said, in the throaty, caressive dialect. “*Tha’s got the nicest, nicest woman’s arse as is! An’ivry bit of it is woman, woman sure as nuts. Tha’rt not one o’ them button-arsed lasses as should be lads, are ter! Tha’s got a real soft sloping bottom on thee, as a man loves in’ is guts. It is a bottom as could hold the world up, it is.*”

All the while he spoke exquisitely stroked rounded tail, till it seemed as if a slippery sort of fire came from it into his hand. And his finger-tips touched the two secret openings to her body, time after time, with a soft little brush of fire.

“An’ if tha shits an’ if tha pisses, I’m glad. I don’t want a woman as couldna shit nor piss.” Connie could not help a sudden snirt of astonished laughter, but he went on unmoved. “Tha’ rt real, tha art! Tha’ art real, even a bit of a bitch. Here tha shits an’ here tha pisses: an’ I lay my hand on ‘emboth, an’ I like thee for it. Tha’s got a proper woman’s arse, proud of itself. It’s none ashamed of itself, this isna.” He laid his hand close and firm over her secret places, in a kind of close greeting.” (LAWRENCE, 2006, p.222-223)

⁸¹No original: “*prudish, repressed and priggish.*” (LESSING. In: LAWRENCE, 2006, p.xi).

⁸²No original: “*A beak that rubbed and tore.*” (LESSING. In: Lawrence, 2006, p.xiii).

⁸³No original: “*a weapon, against male.*”(LESSING. In: LAWRENCE, 2006, p.xiii).

⁸⁴No original: “*If I use taboo words, there is a reason. We shall never free the phallic reality from the “uplift” taint till we give its own phallic language, and use the obscene words.*”(LAWRENCE, 2006, p.334).

industrial: trabalhando como guarda-caça, tem contato diário com a natureza e fica distante dos horrores da rotina das minas. Mellors protege os animais, como os filhotes de faisão, e está sempre acompanhado por uma cadela. Na passagem pelo exército britânico, não luta na Frente Ocidental da guerra, mas serve na Índia. Logo, mais do que um simples empregado, Mellors é um homem cuja trajetória não provoca a perda da humanidade nas minas de carvão e nas fábricas, nem tampouco na guerra.

Além disso, Mellors é a única personagem do livro que veicula um discurso que defende o prazer feminino. Haveria uma outra personagem que poderia fazê-lo, mas não o faz: o dramaturgo irlandês Michaelis, hóspede de Sir Clifford, com quem Lady Chatterley mantém um breve relacionamento⁸⁵. Este revela-se um amante vaidoso, inábil e egoísta:

“Você não consegue acabar ao mesmo tempo que o homem, não é? Precisa provocar o seu próprio prazer! Precisa ter o comando das ações!”

[...]

“Você continua por horas, bem depois de eu ter terminado – e eu que aguente firme, com os dentes cerrados, até você conseguir chegar ao seu prazer, mas por conta dos seus próprios movimentos”.

[...]

“Mas você não quer que eu alcance minha satisfação?”, repetiu ela.

“Ah, claro que sim! Não tenho nada contra. Mas posso lhe garantir que ficar aguentando firme enquanto espera a mulher acabar não é muito divertido para o homem...”⁸⁶ (LAWRENCE, 2010, p.118-119).

Se Michaelis é contra o prazer feminino no sexo, há amigos de Sir Clifford que chegam a considerar o sexo um desperdício de energia, e esta poderia ser utilizada no intelecto. Sir Clifford, aliás, em presença desses amigos sequer se sente à vontade para falar sobre o tema, devido à sua invalidez permanente. Antes mesmo do seu ferimento, já é descrito pelo narrador como um homem que não fazia tanta questão da satisfação como os outros homens (LAWRENCE, 2010, p.56).

⁸⁵ Moura observa que, apesar de Michaelis e Lady Chatterley se envolverem sexualmente, a obra não se chama *Os amantes de Lady Chatterley*, mas *O amante de Lady Chatterley*, no singular. Trata-se de um caso irrisório que “serve apenas para ela certificar-se do quão entediada está com o vazio da pretensa intelectualidade que compõe o ciclo social de seu marido” (MOURA, 2009, p.66).

⁸⁶ No original: ““*You couldn't go off at the same time as a man, could you? You'd have to bring yourself off! You'd have to run the show!*”

[...]

“*You know what I mean. You keep on for hours after I've gone off – and I have to hang on with my teeth till you bring yourself off, by your own exertions.*”

[...]

“*But you want me to have my own satisfaction too, don't you?*” she repeated.

“*Oh, all right! I'm quite willing. But I'm darned if hanging on waiting for a woman to go off is much of a game for a man...*” (LAWRENCE, 2006, p.53-54).

Na visão de Sir Clifford, sua união a Lady Chatterley está erigida sobre laços mentais e afetivos, sem a necessidade da consumação sexual para haver um matrimônio feliz. O sexo é visto como um acidente ou acessório:

O que importa é o companheirismo da vida toda. É a vida em comum dia após dia, e não termos dormido juntos uma ou duas vezes. Você e eu somos casados, aconteça o que acontecer conosco. Estamos habitados um ao outro. E o hábito, a meu ver, é mais decisivo que qualquer excitação ocasional. A coisa longa, lenta, duradoura: é por ela que vivemos – não por um espasmo ocasional deste ou daquele tipo. Pouco a pouco, vivendo juntos, as duas pessoas acabam caindo numa espécie de uníssono, respondem de maneira tão intrincada um às vibrações do outro. Eis o verdadeiro segredo do casamento, e não o sexo. Você e eu estamos estreitamente unidos na trama de um casamento. Se nos mantivermos fiéis a isso, talvez possamos arranjar uma forma de cuidar dessa coisa do sexo, assim como providenciamos uma ida ao dentista: já que nesse caso o destino nos deu um xequê-mate físico⁸⁷. (LAWRENCE, 2010, p.104).

Vê-se, pois, que Sir Clifford não considera o sexo elemento vital à sobrevivência do matrimônio. Lady Chatterley, ao ouvir isso, fica confusa, sem saber se o marido tem razão ou não. Sir Clifford, contudo, entende que a mulher possa querer ter relações sexuais ou ser mãe, por isso informa-lhe que não se importaria se ela tivesse um caso ou até um filho com outro homem. Entretanto, isso não poderia ocorrer com “o tipo de homem errado” e, assim sendo, ele preferiria não saber dos detalhes.

Se, no início da obra, Lady Chatterley concorda com o discurso do marido sobre o sexo ser um elemento acessório no casamento, no decorrer da relação com Mellors, passa a apregoar a necessidade de ter prazer com o corpo, provocando o marido impotente: “Acredito que a vida do corpo tem uma realidade superior à vida da mente: quando o corpo realmente desperta para a vida. Mas tanta gente, como essa sua famosa máquina de vento, só tem mesmo a mente, presa a um cadáver físico⁸⁸” (LAWRENCE, 2010, p.375).

Essa mudança no discurso de Lady Chatterley, que passa a defender a sexualidade e o prazer do corpo, é ainda mais profunda se lembrarmos o seu namoro com o universitário alemão, quando ela apreciava muito mais as conversas com o moço do que as relações

⁸⁷ No original: “*It’s the life-long companionship that matters. It’s the living together from day to day, not the sleeping together once or twice. You and I are married, no matter what happens to us. We have the habit of each other. And habit, to my thinking, is more vital than any occasional excitement. The long, slow, enduring thing – that’s what we live by – not any occasional spasm of any sort. Little by little, living together, two people fall into a sort of union, they vibrate so intricately on one another. That’s the real secret of marriage. If we stick to that, we ought to be able to arrange this sex thing as we arrange going to the dentist: since fate has given us a check-mate physically there.*” (LAWRENCE, 2006, p.44).

⁸⁸ No original: “*“Give me the body. I believe the life of the body is a greater reality than the life of the mind: when the body is really awakened to life. But so many people, like your famous wind-machine, have only got minds tacked on their physical corpses.”*” (LAWRENCE, 2006, p.234).

sexuais (p.50). Portanto, mesmo após ter tido envolvimento carnal com o estudante de Dresden, o marido e Michaelis, ela descobre o verdadeiro prazer do sexo somente ao se relacionar com Mellors. Diferentemente das demais personagens masculinas, o guarda-caça “era gentil com a mulher que havia nela, o que jamais homem nenhum havia sido. Os homens eram muito gentis com a *pessoa* que ela era, mas cruéis com a mulher, que desprezavam ou ignoravam por completo⁸⁹” (LAWRENCE, 2010, p.213).

Essa gentileza contribui para que ela e Mellors vivenciem o sexo em plenitude. Ela, então muda o seu discurso a respeito do ato sexual e passa a desafiar o marido, a irmã, o pai, a aristocracia britânica e as opressões de classe já aludidas. Lady Chatterley diz à irmã que está apaixonada por Mellors, sendo ele um amante formidável, com o qual ela se sente viva e do qual ficaria orgulhosa em gerar um filho (LAWRENCE, 2010, p.382-384).

Incapaz de enxergar isso – ou quiçá de vivenciar a ternura do amor e de uma relação sexual plena -, Sir Clifford continua a reproduzir um discurso de preconceito de classe e misoginia. A sexualidade de Lady Chatterley e a escolha por Mellors não apenas contestam os preconceitos de classe, os rumos da sociedade industrial e a natureza desumana da guerra, como também a purgam desses males.

⁸⁹ No original: “...he was kind to the female in her, which no man had ever been. Men were very kind to the person she was, but rather cruel to the female, despising her or ignoring her altogether.” (LAWRENCE, 2006, p.121).

OS ESPAÇOS FEMININOS EM UMA SOCIEDADE MISÓGINA

1. Considerações iniciais

O fato de Constance Reid ser uma lady é um objeto de dupla face: de um lado, porta uma condição de classe, já explorada nos capítulos anteriores; de outro, uma de gênero, pois ela é uma mulher na Grã-Bretanha de 1920, onde as mulheres eram oprimidas pelo discurso moral rígido e por todo um aparato institucional. Para ilustrar o quão machista era essa nação, pedimos licença para repetir um excerto de uma fala de Sir Clifford citada no capítulo anterior: “Meu Deus, meu Deus, será que a baixeza das mulheres não tem fim?”⁹⁰ (LAWRENCE, 2010, p.462). Por que, uma vez descoberto o adultério, o marido, em lugar de direcionar a raiva contra a esposa, generaliza a repulsa pelos seres do sexo feminino?

Só podemos entender essa fala de Sir Clifford à luz de uma investigação histórica acerca da figura feminina, da moral, da legislação e das práticas sociais (de onde advêm os discursos) da época na Grã-Bretanha. O propósito deste capítulo, portanto, é o de analisar a condição feminina de Lady Chatterley na obra e o de identificar em que medida os enunciados das personagens carregam discursos que contribuem ou não para a emancipação da mulher.

Até aqui, Hobsbawm tem guiado nossos passos pelo terreno do contexto histórico. Neste capítulo, ainda que os conhecimentos do historiador britânico continuem a ser empregados, a base da nossa investigação não advém dele, mas de uma historiadora francesa, Michelle Perrot. Deter-nos-emos em duas obras que compõem coletâneas organizadas por Perrot: o quarto volume de *História da vida privada* (1991) e o quinto de *História das mulheres no Ocidente*⁹¹ (1995), sendo este um trabalho realizado em conjunto com o compatriota e colega de profissão Georges Duby. Além disso, o livro *A educação dos sentidos* (1989), primeira obra da coleção *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*, escrita pelo historiador norte-americano Peter Gay, vai ajudar a retratar o mundo feminino da época. Por fim, a outra referência da qual lançaremos mão é *O casamento e a Moral* (1956), livro considerado também como testemunho de uma

⁹⁰ “My God, my God, is there any end to the beastly lowness of women!” (LAWRENCE, 2006, p.296).

⁹¹ Em *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, o capítulo *Sweet home*, escrito pela historiadora britânica Catherine Hall vai ser valioso para o nosso estudo. Os demais capítulos que utilizaremos dessa obra foram escritos pela própria Michelle Perrot. Já de *História das mulheres no Ocidente: o século XX* extrairemos os capítulos *A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual* e *Entre duas guerras: os papéis femininos na França e na Inglaterra*, escritos pelas historiadoras francesas Françoise Thébaud e Anne-Marie Sohn respectivamente.

época, uma vez que sua publicação data de 1929, apenas um ano depois do lançamento de *O amante de Lady Chatterley*.

2. Lar e família: casamento e divórcio na Grã-Bretanha

Em capítulo precedente, já mencionamos que à mulher não cabia o sustento da casa: logo, se ela não tinha a obrigação de prover a moradia e a alimentação à família, o salário feminino poderia ser inferior ao masculino (HOBSBAWM, 2015). Com isso, a mulher foi cada vez mais empurrada para as tarefas domésticas. Enquanto o rol de atividades que um homem poderia realizar para garantir a prosperidade familiar se expandia amplamente, o horizonte de expectativas e de tarefas femininas ficava cada vez mais restrito ao espaço doméstico⁹². Tanto que, em meados do século XIX, surgiu a expressão “mulher do lar” (HALL. In: PERROT, 1991). A consolidação da imagem da mulher como “anjo do lar” ocorreu a partir da segunda metade do século XIX. Os homens acentuavam a fragilidade física da mulher e conclamavam uma imagem de protetores. Ademais, reforçavam a ideia da predestinação biológica que fazia da maternidade uma obrigação (SOHN. In: DUBY e PERROT, 1995).

Mesmo no espaço da casa, ainda que a mulher possuísse ascendência sobre os criados e filhos, a palavra final pertencia à autoridade máxima, o marido/pai. O século XIX – seja na burguesia ou no proletariado, no catolicismo, no protestantismo ou no judaísmo – forjou em seu imaginário a figura do pai triunfante. O Direito e a Filosofia contribuíram para o enfraquecimento da figura feminina e o consequente fortalecimento da masculina e da autoridade patriarcal no século XIX. Afinal, “É o pai quem dá o sobrenome, isto é, quem realmente dá à luz, pois, segundo Kant, ‘o nascimento jurídico é o único nascimento verdadeiro’”. (PERROT. In: _____, 1991, p.121).

Se o pai dava o sobrenome, o marido mediava o acesso da esposa à cidadania e às leis. Isso porque, na Inglaterra, a mulher casada sequer possuía existência jurídica dissociada do marido: era impedida de firmar contratos, contrair empréstimos ou de

⁹² Poder-se-ia objetar que apenas mulheres de uma camada abastada da população poderiam se dar ao luxo de não trabalhar. As esposas proletárias, contudo, precisavam ajudar no sustento da casa, mas muitas de suas principais ocupações (lavadeira, cozinheira, faxineira) eram prolongamentos de suas tarefas domésticas. Os homens não as queriam na indústria, pois a presença feminina acabava por nivelar os salários por baixo. Portanto, embora a mulher de um proletário trabalhasse, ela continuava dedicada ao marido, ao lar e aos filhos. A imagem feminina de uma criatura dedicada à vida e às tarefas domésticas perpassa todas as classes sociais. (HALL. In: PERROT, 1991). É bem verdade que, com a expansão da educação pública e do setor de serviços no final do século XIX (HOBSBAWM, 2015), o magistério passou a ser uma das poucas – talvez a única – profissão feminina que não fosse uma extensão de suas atividades no âmbito do lar.

fechar negócios. O seu estatuto jurídico era, pois, limitado e o esposo era legalmente responsável por sua consorte. (PERROT. In: _____, 1991). Caso, por exemplo, uma senhora casada assassinasse alguém, quem responderia pelo crime seria o marido, pois acreditava-se que ela fora coagida pelo cônjuge a cometer o crime⁹³ (SOHN. In: DUBY; PERROT, 1995). Um ser do sexo feminino, portanto, ao nascer, era propriedade de seu pai; ao casar-se, de seu marido. (GAY, 1989, p.131)

O sobrenome e a tutela jurídica eram consequência da crescente valorização da família, considerada um capital simbólico de honra. Logo, qualquer acontecimento, fato ou deslize que maculasse a sua reputação era condenado. Assim ocorria com a adúltera, pois atentava contra a autoridade paterna e contra a filiação legítima; e com o bastardo, capaz de provar o desvirginamento de uma jovem ou o relacionamento ilegítimo de um casal: ambos eram cobertos com o manto da vergonha. O leito conjugal era o único local legítimo de manifestação da sexualidade (PERROT. In: _____, 1991). Para Russel (1956), as sociedades patriarcais exigiam virtude da mulher para não colocar em xeque a paternidade.

Havia outro fator que poderia erodir a família e a autoridade patriarcal: o divórcio. Se a mulher era uma propriedade do marido, divorciar-se dela seria como perder um bem, ter seu patrimônio dilapidado. Por isso, a legislação britânica era bastante severa e amplamente favorável ao homem nesse quesito. De acordo com o *Matrimonial Causes Act* de 1857, um marido poderia requerer o divórcio da esposa em caso de adultério cometido por esta. Contudo, para a mulher obter o divórcio, seria necessário provar, além da infidelidade conjugal, algum ato de crueldade, como violência. Portanto, o adultério feminino era passível de divórcio e o masculino não (GAY, 1989). Segundo Russel (1956), casais realmente desejosos de separar-se chegavam a ponto de encenar agressões na frente dos criados para que estes testemunhassem no tribunal e o juiz concedesse o divórcio: “Outrora na Inglaterra quando o homem para se divorciar precisava, além de ser adúltero, cruel, não era raro o marido combinar com a esposa dar-lhe uns tapas diante dos criados para fazer prova de crueldade” (RUSSEL, 1956, p.159).

Havia, ainda, dois detalhes: uma separação legal era onerosa, sendo restrita apenas aos ricos, e só poderia ser realizada na *Divorce Court*, situada em Londres. Logo, um casal que vivesse em Nottingham, por exemplo, teria, além dos gastos com o processo, de percorrer os cerca de 240 quilômetros que separam a cidade da capital britânica,

⁹³A inimizabilidade da mulher casada só mudou em 1925, quando o *Criminal Justice Act* pôs-lhe termo, passando a condenar mulheres casadas que cometessem crimes. (SOHN, 1995).

custeando viagens e hospedagens. Poucas pessoas poderiam dar-se a esse luxo. De acordo com o Parlamento Britânico, na primeira década do século XX, o usual era que ocorresse apenas um divórcio para cada 450 casamentos.

Essa situação começou a mudar apenas em 1923, com um novo *Matrimonial Causes Act*: os processos de divórcio foram descentralizados e uma mulher poderia pedir a separação alegando simplesmente uma infidelidade conjugal do marido – não precisando comprovar que ele cometera algum tipo de violência. No entanto, o processo continuava a ser caro e a sofrer censura da opinião pública (SOHN. In: DUBY; PERROT, 1995).

Portanto, as práticas sociais da época, corporificadas em um enunciado com força de lei (a Constituição Britânica), perpetravam costumes sexistas e misóginos, confinavam a mulher ao lar, prendiam-na ao marido e aos filhos e a impediam de ter pleno acesso à cidadania. Isso, contudo, não teria sido possível sem o suporte de um discurso religioso que acentuasse a inferioridade feminina, tema do próximo tópico.

3. A moral cristã e a condenação da mulher

A opressão às mulheres, o machismo e a misoginia não começaram com a Revolução Industrial. Muito antes dos teares ou do *Matrimonial Causes Act* de 1857, o adultério já era considerado crime, conforme indica a Bíblia, cujo texto retratou uma sociedade em que adúlteras eram apedrejadas. No entanto, o homem casado adúltero não era imputado – a não ser que tivesse mantido relações sexuais com uma mulher casada, o que era considerado crime contra a *propriedade* (RUSSEL, 1956).

Não é nosso propósito relatar todas as proibições, violências e cerceamentos que a cristandade infligiu às mulheres, mas apenas frisar a permanência e a longevidade dessas opressões. Afinal, por natureza, as sociedades patriarcais sempre exigiram mais virtude da esposa do que do marido. Até porque, se as relações extraconjugais da consorte fossem toleradas, seria impossível ter a certeza da paternidade; um homem não estaria seguro de que a criança que sua esposa gestava era, de fato, seu filho. Isso colocaria em risco o patrimônio, pois a riqueza e as propriedades de um homem poderiam ser divididas entre herdeiros que não eram seus filhos legítimos.

Além de reforçar a figura masculina e paterna, a moral cristã acabou por degradar as mulheres, retratadas como tentadoras fontes de pecado ou mesmo como demônios, como ocorreu no século XIX (GAY, 1989). O aspecto indigno da mulher repousava no ato sexual, que só poderia ser desculpado quando realizado para fins de procriação. O

sexo, portanto, só teria validade dentro do casamento e para gerar descendentes. Assim, era preciso impedir a mulher de sair do espaço do lar, para ter menos chances de pecar.

Fora do casamento o sexo é pecado; dentro do casamento o sexo não é pecado, pois é necessário à propagação da espécie humana, mas é um dever desagradável imposto ao homem como castigo pela sua Perdição, e deve ser praticado com a resignação com que nos submetemos a uma intervenção cirúrgica. [...] É considerado ilegal na Inglaterra declarar, numa publicação barata, que a esposa pode e deve ter prazer nas relações sexuais. (RUSSEL, 1956, p.72).

Se ter relações sexuais era pecado, explorar a sexualidade equivalia à condenação eterna no tribunal do juízo final. A masturbação era descrita como uma doença que poderia levar à loucura. O século XIX foi um período no qual “o melindre e o decoro negaram ao erotismo quase todos os meios de expressar-se” (GAY, 1989, p.103). Se uma mulher explorasse a sexualidade, tanto pior. Havia na Grã-Bretanha do século XIX, cintos de castidade, artefatos para evitar a perda da virgindade ou impedir um moço(a) de se acariciar furtivamente durante a noite (TALESE, 2002).

Ao esperar mais virtude sexual da mulher do que do homem, a moral cristã contribuiu para uma separação dos espaços considerados apropriados para cada gênero na sociedade. Na Inglaterra do século XIX, os evangélicos acreditavam que o homem deveria assumir o comando das ações públicas e a mulher, o do lar. Enclausurada em casa, a mulher não seria submetida a tentações, não se degradaria: o espaço público não pertencia a mulheres desacompanhadas. Metodistas, utilitaristas e batistas partilhavam dessa concepção. “Essa divisão entre mundo masculino e mundo feminino apresentava uma conotação religiosa: a esfera do público era tida como perigosa e amoral” (HALL. In: PERROT, p.70). O lar era um refúgio da virtude.

Essa virtude doméstica era um princípio basilar da civilização inglesa do século XIX. A Rainha Vitória, chefe de Estado do Reino Unido entre 1837 e 1901, era um modelo de esposa e de mãe e, por isso, era aclamada por grande parte da população britânica:

...Vitória representava a verdadeira feminilidade; granjeou a confiança de seus súditos, sempre lembrando a todos que também era mulher. Cada família deveria ser um império de amor cujo pai era o monarca, e a mulher a rainha. Existe uma homologia entre o romance real e o romance da domesticidade comum. Assim, depois de 1820, ficou evidente que, para ser popular, o monarca teria de ser um homem do lar. Já não se admitia a licenciosidade dos costumes. O casamento e a família é que estavam na moda. (HALL. IN: PERROT, 1991 p.54-55).

As ideias do movimento evangelista na Grã-Bretanha, que ganhou mais força a partir da década de 1770, estavam assentadas no tripé pecado, culpa e redenção, contribuindo para o recrudescimento da fé e da moral (HALL. IN: PERROT, 1991). Sendo assim, era preciso ter uma conduta irrepreensível, desprovida de vícios (pois todos eles conduziam à perdição) e um constante contato com a religiosidade. De acordo com Hobsbawm, para os cidadãos mais pobres, essa moral religiosa tão restritiva era uma maneira de ajudar a suportar as degradantes condições de trabalho e de vida a que eram submetidos:

Somente esforços heroicos poderiam arrastar um homem e uma mulher pobres, ou mesmo seus filhos, para fora da desmoralização, colocando-os no lugar firme da respeitabilidade e, acima de tudo, definir ali suas posições. Para os membros dos Alcoólicos Anônimos, não havia solução de compromisso: era a total abstinência ou o colapso completo. De fato, o movimento pela total abstinência do álcool, que floresceu nessa época nos países protestantes e puritanos, ilustra a questão de modo claro. Não era efetivamente um movimento para abolir ou limitar o alcoolismo de massa, mas para definir e separar a classe dos indivíduos que tivessem demonstrado, pela força pessoal de seu caráter, que eram distintos dos pobres não respeitáveis. O puritanismo sexual preenchia a mesma função. (HOBSBAWM, 2012, p.357).

Exigir virtude sexual e comportamental indicava uma excessiva valorização da família e do casamento, que estavam em voga desde o final do século XVIII (HALL. In: PERROT, 1991). Havia aqui um aspecto curioso: a religião protestante, diferentemente da católica, não concebia o matrimônio como um sacramento. Logo, ele poderia ser dissolvido aos olhos de Deus sem que culpa alguma fosse imputada aos ex-cônjuges. Por outro lado, os protestantes condenavam, de forma veemente, o adultério e a fornicação, aspectos com os quais o catolicismo tendia a ser mais leniente (RUSSEL, 1956). No entanto, na Grã-Bretanha, como vimos ao examinar a legislação vigente à época, tanto o adultério (sobretudo o feminino) como o divórcio eram execrados.

A opinião pública, amplamente desfavorável à dissolução do matrimônio, atemorizava o casal na hora de tomar a decisão de entrar ou não com um processo de divórcio. “O olhar da vizinhança pesa sobre a vida privada de cada um e o que dela aflora: ‘O que dirão?’. A desaprovação, a tolerância, a indulgência dos vizinhos têm a força dos Dez Mandamentos” (PERROT, In: PERROT, p.177). E esse olhar da sociedade tendia a pesar mais sobre as mulheres do que sobre os homens. Pechas como flertadeira ou adúltera poderiam macular de modo indelével a reputação de uma moça (GAY, 1989).

Vê-se, pois, como a opressão às mulheres foi erigida com base em discursos religiosos, econômicos e sociais, refletidos nas leis, no mercado de trabalho, no acesso ao espaço público, em costumes e nas mais pequenas ações cotidianas.

4. A Primeira Guerra Mundial sob a ótica das mulheres

A Primeira Guerra Mundial, como vimos, foi mais longa do que se previra. Os países beligerantes, preparados somente para um confronto rápido, viram as suas reservas industriais minguairem enquanto mobilizavam parte significativa de seus homens para as trincheiras e precisaram de braços na indústria. A presença das mulheres foi requerida. No entanto, uma situação que poderia ter sido uma primavera para o movimento feminista foi, em verdade, um inverno. Isso porque a agenda feminista internacional desapareceu, com o prevalecimento da lógica de haver algo mais importante do que a conquista de direitos para as mulheres: o esforço de guerra (THÉBAUD. In: DUBY; PERROT, 1995).

O discurso oficial do governo britânico levou as mulheres a assumirem *provisoriamente* o lugar dos homens no trabalho industrial. Entre julho de 1914 e novembro de 1918, o número de trabalhadoras saltou de 3,3 milhões para 4,8 milhões⁹⁴. Mesmo com a crescente participação feminina no esforço de guerra, as imagens da mulher mais valorizadas são a de enfermeira⁹⁵, anjo ou mãe, seres abnegados, consoladoras de seus filhos e maridos que lutaram bravamente no *front* (THÉBAUD, In: DUBY; PERROT, 1995).

Com isso, as mulheres passaram a ocupar de forma mais significativa o espaço público; foram impelidas a sair da clausura do lar. Houve, é bem verdade, uma evolução nos rendimentos das mulheres (sobretudo para aquelas que trabalhavam na indústria bélica), mas as profissões tradicionalmente femininas (lavadeira e cozinheira, por exemplo) permaneceram mal remuneradas⁹⁶ (THÉBAUD, In: DUBY; PERROT, 1995).

A maior presença na vida pública, porém, não significou mais liberdade de comportamento. As viúvas precisavam usar roupas escuras e, como o índice de mortalidade na guerra era bem alto, as cidades se encheram de mulheres enlutadas, conferindo um aspecto lúgubre aos espaços públicos. Ademais, uma esposa que

⁹⁴ Esse montante não leva em consideração mulheres que trabalhavam como domésticas.

⁹⁵ Convém frisar que muitas dessas enfermeiras eram voluntárias em hospitais, sem ter necessariamente formação para tanto.

⁹⁶ Somente depois da Primeira Guerra Mundial, com o *Sex Disqualification Removal Act*, de 23 de dezembro de 1919, as mulheres passaram a ter acesso a profissões que outrora eram exclusivamente masculinas, como as jurídicas (SOHN, In: DUBY e PERROT, 1995).

cometesse traição enquanto o marido estava em combate poderia perder a pensão de guerra. Esse pode ser considerado mais um exemplo de como o acesso à cidadania era mediado pelo homem. Tratava-se de um sistema patriarcal de bem-estar social, conforme atesta Thébaud:

Finalmente, ao criar subsídio para as mulheres dos mobilizados e depois pensões para as viúvas, a guerra promoveu um direito social protetor para as famílias que, fundamentando-se numa lógica dos detentores de direito, se limita a conceder às mulheres uma cidadania social mediatizada pelo chefe de família, favorecendo a instauração, nos futuros Estados-providência, de um sistema sexuado de proteção social. (THÉBAUD, IN: DUBY e PERROT, 1995 p.83).

O recato não era exigido apenas das viúvas e das moças casadas. Havia cidades mais conservadoras da Grã-Bretanha em que as mulheres eram proibidas de ir a um *pub*. Elas poderiam trabalhar, mas não beber ou relaxar em um espaço público, território oficialmente masculino (THÉBAUD, IN: DUBY e PERROT, 1995).

Por outro lado, a prostituição era legalizada em zonas de guerra e os soldados casados que recorressem a meretrizes para satisfazer os seus prementes desejos sexuais não recebiam qualquer tipo de punição ou perda de benefícios sociais. Além disso, somente as mulheres desses bordéis eram submetidas a uma inspeção que avaliava se tinham ou não doenças sexualmente transmissíveis; já os combatentes frequentadores desses locais não precisavam passar por esse procedimento (THÉBAUD, In: DUBY; PERROT, 1995).

Uma das poucas conquistas ocorridas no período do conflito foi que, em seis de fevereiro de 1918, as inglesas recebem o direito de voto, mas só a partir dos trinta anos de idade. Posteriormente, em seis de novembro do mesmo ano, o Parlamento autorizou candidaturas femininas. Contudo, a primeira ocasião em que uma mulher foi ministra na Inglaterra ocorreu em 1924, quando a trabalhista Margaret Bonfield assumiu um ministério no governo McDonald (SOHN. In: DUBY; PERROT, 1995).

Findada a guerra, os maridos voltaram para os seus postos nas indústrias e muitas mulheres, para o círculo doméstico. A situação foi parcialmente tributária de um desemprego endêmico que atingiu o país entre 1919 e 1939. A dimensão desse desemprego pode ser ilustrada pelo seguinte dado: “...entre 1921 e 1931, 200.000 operárias tiveram que se resignar a tornarem-se criadas por falta de saídas profissionais” (SOHN. In: DUBBY; PERROT, 1995, p.121).

Outra consequência do retorno dos combatentes foi o surgimento de viúvas brancas: esposas cujos maridos haviam voltado mutilados e/ou paráliticos do conflito e

incapazes de ter relações sexuais, condenando essas mulheres a uma vida celibatária (THÉBAUD, In: DUBY; PERROT, 1995).

A guerra, portanto, no que tange à emancipação feminina, foi muito mais ilusória do que eficiente. As mulheres apenas provisoriamente assumiram papel de protagonismo na vida pública e no mercado de trabalho, de acordo com Thébaud:

A guerra: um parênteses antes do retorno à normalidade, um teatro de sombras em que as mulheres, na retaguarda, só aparentemente desempenham os papéis principais. Mais do que isso, a guerra teria bloqueado o movimento de emancipação que se esboçava em toda a Europa do início do século XX e que se encarnava numa nova mulher (*new woman*) econômica e sexualmente independente e num poderoso movimento feminista, tão igualitarista como imaginativo. A guerra teria reforçado a identidade masculina em crise nas vésperas do conflito a repostos as mulheres no seu lugar de mães prolíficas, de donas de casa na melhor das hipóteses libertadas pela gestão (management) doméstica, e de esposas submissas e admiradoras. (THÉBAUD, In: DUBY e PERROT, 1995, p.33).

Vejamos agora como esse movimento de opressão e emancipação feminina se articula no romance *O amante de Lady Chatterley* e quais são os discursos das personagens a respeito.

5. Lady Chatterley: sexualidade e cidadania mediadas

No capítulo anterior, analisamos os discursos e a sexualidade de Lady Chatterley em face das questões de opressão de classe. Agora, o faremos tendo em vista a opressão de gênero.

A vida de Lady Chatterley é profundamente abalada pela Primeira Guerra Mundial. Como muitas mulheres da época, toma parte no esforço de guerra. Após o casamento com um oficial abastado, porém, antes mesmo do fim do conflito, ela volta ao confinamento do lar. O narrador não menciona qual trabalho ela desempenhou nesse período, dando a entender que essa informação pouca relevância tem para o romance. Ao não especificar a função da personagem, ao omitir a informação, o narrador está consciente ou inconscientemente desprezando o trabalho de Constance Reid e ecoando – de maneira indireta, é verdade – o discurso da opressão às mulheres.

Ademais, ela é uma dessas viúvas brancas a que aludimos no tópico precedente. Sir Clifford é incapaz de ter relações sexuais e ela está condenada a uma vida celibatária. A princípio, isso não parece incomodá-la: não aprecia o sexo com o namorado alemão e não tem experiências muito agradáveis com o dramaturgo Michaelis. Ao iniciar sua relação com Mellors, contudo, ela vivencia um despertar de sua sexualidade.

Entretanto, é mister salientar que o acesso à sexualidade é mediado pelo homem, assim como ocorria com o acesso à cidadania das mulheres na Grã-Bretanha do século XIX e início do XX: ambos eram mediados por uma figura masculina (o marido/amante ou o pai). Lady Chatterley não parece ser uma mulher cuja característica tenha sido a curiosidade ou o desejo pelo sexo antes de se relacionar com o guarda-caça: ela não se masturba, não se acaricia e, como vimos no capítulo anterior, desconhece a diferença entre “boceta” e “foder”. Quase passivamente, ela se entrega ao namorado alemão (mesmo sendo um tanto penoso) e a Michaelis: não é ela quem toma a iniciativa. O mesmo ocorre na primeira vez em que ela e Mellors têm relações sexuais: ele a conduz até a cabana, despe-a e, única e exclusivamente, ele tem o orgasmo.

Embora ela sinta prazer no ato sexual com Mellors, não é ela quem inicialmente defende o prazer da mulher no ato sexual, mas Mellors. O guarda-caça acredita que a mulher deva desfrutar de modo pleno do ato sexual e fica bastante desgostoso quando isso não acontece, conforme vemos nos seguintes excertos de frases ditas por ele a Lady Chatterley:

Só que na minha experiência a maioria das mulheres é assim: a maioria delas quer um homem, não o sexo, mas resolve tolerar o sexo como parte do acordo. As mais antiquadas se deitam lá como se nem fosse com elas e deixam você fazer o que quiser. Depois nem se incomodam: depois até gostam de você. Mas a coisa em si não é nada para elas, até um pouco desagradável. E a maioria dos homens gosta desse jeito. Mas eu detesto⁹⁷. (LAWRENCE, 2010, p.331).

‘Eu acredito numa coisa. Acredito em ser gentil. Acredito especialmente em trepar com gentileza. Acredito que, se os homens trepassem com gentileza e as mulheres os recebessem com gentileza, tudo acabaria dando certo. Esse sexo de coração frio é que é insuportável, e uma idiotice⁹⁸. (LAWRENCE, 2010, pág.336).

Para Lady Chatterley, o despertar sexual somente ocorre após o contato carnal com o guarda-caça: “O que ele [Mellors] tinha feito a ela, Connie, além de lhe proporcionar um prazer extremo e uma sensação de liberdade e de vida? Ele tinha

⁹⁷No original: “*Only tha’ my experience the mass of women are like this: most of them want a man, but don’t want the sex, but they put up with it, as part of the bargain. The more old-fashioned sort just lie there like nothing and let you go ahead. They don’t mind afterwards: then they like you. But the actual thing itself is nothing to them, a bit distasteful. And most of man like it that way. I hate it.*” (LAWRENCE, 2006, p.203).

⁹⁸No original: “*I do believe in something. I believe in being warm-hearted. I believe specially in being warm-hearted in love, in fucking with a warm heart. I believe if men could fuck with warm hearts, and the women take it warm-heartedly, everything would come all right. It’s all this cold-hearted fucking that is death and idiocy.*” (LAWRENCE, 2006, p.206).

libertado o fluxo caloroso e natural da sexualidade dela. E por isso queriam acabar com ele⁹⁹” (LAWRENCE, 2010, p.417).

A última frase é bastante significativa, se pensarmos que a Inglaterra da época, como vimos, não permitia a uma mulher considerada decente manifestar ou dar vazão à sua sexualidade. Lady Chatterley e Mellors contestam esse discurso; ambos acreditam que a mulher deva gostar de sexo. No entanto, ela só adquire essa concepção após ter contato carnal com o amante e ouvir a opinião dele a respeito do assunto. Por isso, pensamos ser correto considerar a ideia da sexualidade mediada no romance.

Contudo, não é apenas a sexualidade que é mediada: a cidadania e a posição social também o são. É bastante significativo que, quando Hilda pergunta à irmã se esta gostaria de deixar de ser a Lady Chatterley para se tornar a Senhora Mellors, nenhuma das duas sequer aventa a hipótese de Lady Constance Chatterley poder simplesmente voltar a ser a senhorita Constance Reid, seu nome de solteira. O mesmo ocorre quando Sir Clifford questiona se a esposa está disposta a adotar o “sobrenome imundo¹⁰⁰” do empregado. Ficar sem a tutela de um sobrenome masculino parece não estar no horizonte de expectativas de nenhuma das mulheres do romance. A ausência de um sobrenome masculino poderia dificultar o acesso à cidadania. Quanto mais rico fosse o marido, mais facilitado seria esse acesso. Daí advêm o choque de Hilda e a ira de Sir Clifford.

A postura de Lady Chatterley de sequer cogitar permanecer com o nome de solteira, de não se insurgir contra a necessidade de se arvorar sob o sobrenome de um homem, mas de, com audácia, desafiar o marido para ficar com o amante proveniente de uma classe social inferior é condizente com uma sociedade que combateu a desigualdade de classe com muito mais afinco do que lutou contra a de gênero¹⁰¹. Ademais, o discurso da liberdade sexual para as mulheres ganha mais força quando provém de um homem.

6. Lady Chatterley e a moral religiosa

Ao ter consciência de que o envolvimento sexual com Mellors não era impuro tampouco pecaminoso, Lady Chatterley contesta fortemente o discurso religioso acerca do papel da mulher na sociedade e do seu direito ao prazer sexual. Convém frisar que,

⁹⁹No original: “*What he done to herself, Connie, but give her an exquisite pleasure and a sense of freedom and life? He had released her warm, natural sexual flow. And for that they would hound him down*” (LAWRENCE, 2010, p.265)

¹⁰⁰No original: “his foul name”. (LAWRENCE, 2006, p.296).

¹⁰¹De acordo com Hobsbawm (2012), o movimento feminista teve mais força dentro das classes altas. Cf. nota de rodapé número 2 do primeiro capítulo.

embora essa sexualidade seja mediada por um homem, ela não é menos iconoclasta ou desafiadora. Connie sente prazer quando Mellors explora o corpo dela, quando eles fazem sexo anal. Ela fica fascinada ao contemplar o pênis do amante. Com todas essas atitudes, muitas já descritas no capítulo anterior, ela não se importa com a possível perdição e se entrega à tentação.

É após o envolvimento com Mellors que ela deixa de ser a esposa subserviente – e, de preferência, muda –, incensada nos manuais religiosos e por milhões de pais de família, e passa a não apenas cometer a infidelidade conjugal, mas a questionar as atitudes do marido acerca de diversos temas, sobretudo o da desigualdade de classe. Os embates discursivos ocorrem apenas após a descoberta e a experimentação da sexualidade com o guarda-caça. A infidelidade conjugal com Michaelis não é capaz de provocar essa mudança de comportamento e de discursos.

Ademais, ela consegue ter o desprendimento de não se importar com a opinião pública a respeito dela – caso alguém descubra o *affair*. Ser maldita pelos vizinhos, pelos operários da mina de Tevershall ou pelos burgueses aristocratizados com os quais Sir Clifford convivia não a assusta. Embora Mellors, Hilda e Sir Malcolm a alertem sobre o risco da pecha de adúltera ou flertadeira (o que, como vimos, poderia ser bem nociva a uma mulher), Lady Chatterley os ignora. A opinião alheia não tem a força dos Dez Mandamentos para os ouvidos da protagonista. Sabe, contudo, que, para o marido, a opinião alheia é muito importante. Afinal, segundo Perrot (1991), qualquer atitude que ameace a honra e a reputação da família é vista com maus olhos. Por isso, Lady Chatterley, ao pedir o divórcio, sugere que a paternidade do filho que ela está esperando seja atribuída a Duncan Forbes. Sir Clifford recusa-se a conceder a separação porque, como vimos, o processo de divórcio era oneroso e a atitude, malvista.

Embora desafiadora e contestatória no âmbito doméstico, a sua contestação ao sistema patriarcal fica restrita à vida privada. São pouquíssimas as ocasiões em que Lady Chatterley ocupa espaços públicos¹⁰². Ela não tem, por exemplo, o desejo de trabalhar. Ademais, aventa a hipótese de ela e o amante viverem do dinheiro dela, situação com a qual Mellors fica extremamente desgostoso: ecoando o discurso de preconceito de classe, mesmo tendo horror ao dinheiro e à sociedade industrial, não admite sequer a possibilidade de ser sustentado por uma mulher.

¹⁰² Quando solteira, Constance Reid se faz presente na universidade e no esforço de guerra. Um dos poucos momentos em que Lady Chatterley vai a espaços públicos é quando está em viagem a Veneza e quando passa por Londres.

O trabalho, neste romance, continua um campo exclusivamente masculino. Os trabalhadores das minas de carvão são sempre homens, hostis à presença feminina na atividade extrativa. Não há nenhuma menção a qualquer atividade laboral (exceto a praticada durante a guerra) realizada por Lady Chatterley ou Hilda. O trabalho é, pois, por desígnio daquela sociedade, uma tarefa a ser realizada por homens e por pobres. Embora haja a figura da Senhora Bolton, ela é uma mera criada do lar, uma governanta, cujas tarefas são prolongamentos dos trabalhos domésticos que uma mulher britânica realiza. Portanto, mesmo no mundo do trabalho, o espaço da mulher ainda é o lar.

Temos, pois, em *O amante de Lady Chatterley* uma contestação parcial do discurso de opressão às mulheres. A protagonista da obra se insurge contra os preceitos dos discursos religiosos acerca da sexualidade feminina, mas não desafia a faceta econômica e laboral da opressão de gênero. Lawrence parece querer contestar o discurso religioso acerca do ato sexual, o burguês acerca da hierarquia entre as classes; ele quer que as mulheres tenham direito de escolher os homens com os quais terão relações sexuais. No entanto, parece repousar nas entrelinhas do romance, que não é preciso sair de casa para vivenciar a sexualidade. O lar, seja a cabana de Mellors ou palacete de Sir Clifford, é o espaço da mulher. O espaço público, na obra, não pertence a uma mulher casada. Além disso, ela sempre precisará se arvorar sob um sobrenome masculino, fonte de respeitabilidade. Contra esse discurso da necessidade da tutela masculina para a mulher nenhuma das personagens se insurge.

Assim, a narrativa da libertação sexual de Lady Chatterley; do acesso dessa personagem ao prazer e à plenitude de sua sexualidade são narrados sob uma lógica masculina e misógina. Essa lógica desconsidera o trabalho de Lady Chatterley no esforço de guerra; não concebe a existência feminina sem a tutela de um sobrenome masculino e não aceita que o sustento da casa seja uma atribuição feminina.

Logo, nessa obra, a contestação à opressão de gênero é menos profunda e menos candente do que à opressão de classe social. Podemos verificar isso quando, por exemplo, Lady Chatterley, ao contemplar uma horda de homens trabalhando nas minas em condições degradantes, pergunta-se o que os homens haviam feito aos próprios homens, mas ela não chega a questionar-se o que os homens haviam feito às mulheres.

OS ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO DE CONTRASTES

1. Considerações iniciais

Assim como fizemos com *O amante de Lady Chatterley*, investigaremos o contexto histórico que permeia *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth. Este capítulo, portanto, vai examinar aspectos da formação dos Estados Unidos que possam ser relevantes para a melhor compreensão da obra.

O próprio autor, em entrevista à edição de maio de 1981 do *Le Nouvel Observateur*, explica a maneira como está ligado ao país:

Os Estados Unidos me garantem a maior Liberdade possível para exercitar minha vocação. Os Estados Unidos têm o único público literário que eu posso imaginar que extraia qualquer prazer da minha ficção. Os Estados Unidos são o lugar que eu melhor conheço no mundo. São o único lugar que eu conheço no mundo. Minha consciência e minha linguagem foram moldadas pelos Estados Unidos. Eu sou um escritor americano da mesma forma que um encanador não é um encanador americano ou um mineiro, um mineiro americano ou um cardiologista, um cardiologista americano. Na verdade, o que o coração é para o cardiologista, o carvão para o mineiro, a cozinha para o encanador, os Estados Unidos são para mim.¹⁰³ (ROTH, 2001, p.110).

É uma tarefa desafiadora tentar mensurar quais aspectos da história e do pensamento americano ajudaram a moldar a linguagem e a consciência de Roth. Tão plural, multiétnico, multifacetado e desigual é o país que é difícil defini-lo em termos reducionistas e dicotômicos. Há muitas contradições, detalhes e nuances que permeiam a formação histórica dessa nação. Investigaremos parte delas, expondo algumas de suas maravilhas, contrastes, mazelas, desigualdades, preconceitos, liberdades e opressões. Talvez não façamos o retrato exato do país que Philip Roth tinha em mente, mas nos esforçaremos para trazer à baila uma imagem dos Estados Unidos à época da publicação do livro.

A principal base dessa investigação é o livro *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI* (KARNAL ET AL, 2015). Outras obras, como *A Era do Capital: 1848-1875* (HOBSBAWM, 2012), *A Era dos Impérios: 1875-1914* (HOBSBAWM,

¹⁰³ No original: “America allows me the greatest possible freedom to practice my vocation. America has the only literary audience that I can ever imagine taking any sustained pleasure in my fiction. America is the place I know best in the world. It’s the only place I know in the world. My consciousness and my language were sharpened by America. I’m an American writer in ways that a plumber isn’t an American plumber or a miner an American miner or a cardiologist an American cardiologist. Rather, what the heart is to the cardiologist, the coal to the miner, the kitchen to the plumber, America is to me”. Tradução minha.

2015) e *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1989* (HOBSBAWM, 1994) fornecerão informações e reflexões que serão utilizadas no capítulo. *A mulher do próximo: uma crônica da permissividade americana antes da era da Aids* (TALESE, 2002) e *America on Film: Representing Race, Class, Gender, and Sexuality at the Movies* (BENSHOFF, GRIFFIN, 2005) serão de grande valia para entendermos aspectos e mudanças culturais no país. Por fim, valer-nos-emos de duas obras de Philip Roth, para entender melhor o que os Estados Unidos representam para ele e para trazer à luz as memórias afetivas deste americano nascido em 1933. Ele, portanto, vivenciou a Segunda Guerra Mundial (embora ainda fosse uma criança) e os convulsionados anos 1960. Na coletânea de ensaios e entrevistas *Reading Myself and Others* (ROTH, 2001) e em *Os Factos: Autobiografia de um Romancista* (ROTH, 2014), o escritor traz algumas alusões e reflexões acerca desses períodos.

Tencionamos, nas páginas seguintes, explorar a moral puritana e a força da religião nos Estados Unidos, o peso e o legado da escravidão, o afluxo de imigrantes e certos aspectos da política interna e externa do país. Em diversas ocasiões, os temas vão se entrelaçar, é inevitável. No item final, no entanto, estudaremos, com mais detalhes, as décadas de 1950 e 1960, anos agitados política, social e culturalmente, que mobilizaram todas as temáticas vistas nos tópicos anteriores.

2. A imagem e a moral do povo eleito por Deus

A historiografia costuma tratar os pais peregrinos como os fundadores da nação. Eram pessoas fugidas das perseguições religiosas, tão constantes na Inglaterra, cruzavam o Oceano Atlântico e desembarcavam na Costa Leste dos Estados Unidos, uma terra em que poderiam gozar de liberdade e colher os frutos do trabalho.

Os “puritanos” (protestantes calvinistas¹⁰⁴) tinham em altíssima conta a ideia de que constituíam uma “nova Canaã”, um novo “povo de Israel”: um grupo escolhido por Deus para criar uma sociedade de “eleitos”. Em toda a *Bíblia* procuravam as afirmativas de Deus sobre a maneira como ele escolhia os seus e as repetiam com frequência. Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles também atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra e [...] são frequentes as referências ao pacto entre Deus e os colonos puritanos. A

¹⁰⁴O problema de transformar os protestantes nos fundadores da nação é a exclusão de outros atores do processo histórico e a consolidação da imagem do *WASP* (*White Anglo-Saxon Protestant*; branco, anglo-saxão e protestante). Nativos, mulheres, escravos, traficantes, membros de outras religiões e outros povos acabam não aparecendo no lugar privilegiado que o *WASP* ocupa na historiografia e no imaginário dos Estados Unidos (KARNAL ET AL, 2015, p.47).

ideia de povo eleito diante do mundo é uma das marcas mais fortes na constituição da cultura dos Estados Unidos. (KARNAL ET AL, 2015, p.47).

Entre esses puritanos havia um estrito código de moralidade, pois persistia a crença de que o erro – ou pecado – de um membro poderia macular a comunidade inteira aos olhos de Deus¹⁰⁵. Esse senso de moralidade e valorização da religião deixou uma marca indelével em diversos setores da sociedade do futuro Estados Unidos. No campo educacional, por exemplo, as universidades exigiam conhecimentos bíblicos para a admissão dos alunos. Era preciso formar líderes religiosos – e a universidade era o espaço ideal para isso. Até 1764, pouco antes da independência, já havia sete universidades nas Treze Colônias¹⁰⁶ (KARNAL ET AL, 2015).

Essas instituições de ensino impunham um estrito senso de moralidade: blasfêmias, contestações à Bíblia, difamação, jogo de cartas, tudo isso poderia render advertências ou até expulsão. A fornicação garantia a expulsão imediata¹⁰⁷ (KARNAL ET AL, 2015, p.49).

Fora do mundo acadêmico, também havia organizações que visavam a disciplinar os comportamentos e conter os excessos. A Sociedade Bíblica Americana (*American Bible Society*, em inglês), fundada em 1816, queria colocar fim a duelos, jogos de azar e prostituição, por exemplo. Já a Sociedade para a Promoção da Temperança (*Society for the Promotion of Temperance*, em inglês), de 1826, combateu severamente o consumo de uísque no país¹⁰⁸. Pregavam a abstinência etílica, pois acreditavam que o alcoolismo levava ao descontrole e à degradação moral (KARNAL ET AL, p.120).

¹⁰⁵ No capítulo seguinte, veremos que esse pensamento também norteia o raciocínio dos judeus que viviam nos Estados Unidos.

¹⁰⁶ As universidades eram: Harvard (1636, Massachusetts); William and Mary (1693, Virgínia); Yale (1701, Connecticut); Princeton (1746, Nova Jersey); Universidade da Pensilvânia (1754, Pensilvânia); Columbia (1754, Nova York) e Brown University (1764, Rhode Island). No entanto, essas universidades serviam para educar os homens brancos: mulheres, negros escravos e indígenas estavam fora dos círculos letrados da Colônia (KARNAL ET AL, 2015, p.49-50).

¹⁰⁷ Ademais, essas instituições de ensino impunham um estrito senso de moralidade, com regras de conduta que chegaram até mesmo a invadir o século XX. Em *Os Factos*, Roth relata que, quando estudante na Universidade de Bucknell (Pensilvânia), em 1954, alugava um quarto no apartamento de uma senhora. Sua namorada da época o visitava às escondidas. Um dia, os dois foram surpreendidos pela proprietária do imóvel, que ameaçou denunciar o caso à universidade. Se ela o fizesse, Roth e a moça poderiam ser expulsos da instituição (ROTH, 2014, p.92-94). Interessante notar que o lugar sequer ficava nas dependências da universidade. Não era o caso de um rapaz invadindo o dormitório feminino, por exemplo. Vê-se, pois, como a necessidade de moralidade impunha também aos americanos normas de comportamento que transcendiam o espaço acadêmico.

¹⁰⁸ O uísque era mais barato do que o leite, à época (KARNAL ET AL, 2015, p.120).

Esse código moral de comportamento também ensejou uma censura à literatura e às artes. Em 1815, um homem foi condenado por obscenidade pela primeira vez. O fato ocorreu na Pensilvânia. Seu crime fora colocar à venda o retrato de um casal “indecente” (no entanto, isso não violava nenhuma lei dos Estados Unidos; ele então foi condenado com base em uma lei inglesa de 1663). Em 1842, uma lei federal proibiu a importação de cartões postais franceses, considerados muito sensuais à época. Em 1873, uma lei federal baniu dos correios toda sorte de materiais obscenos e ainda nomeou o censor Anthony Comstock como agente especial antiobscenidade do Departamento de Correios. Nem mesmo a instrução sobre métodos contraceptivos era legal no século XIX (TALESE, 2002).

No século XX, a censura continuou a se fazer presente na literatura. Obras como *Ulysses* (James Joyce, 1921) *O amante de Lady Chatterley* (D. H. Lawrence, 1928) e *Trópico de Câncer* (Henry Miller, 1934) foram proibidas até, pelo menos, 7 de dezembro de 1933, dia em que o primeiro dos livros aqui mencionados foi legalizado no país¹⁰⁹ (TALESE, 2002).

No cinema, uma lei de 1934 procurou censurar certas imoralidades veiculadas por Hollywood. Os beijos precisavam ser dados com os lábios fechados e deveriam durar poucos segundos; caso o beijo ocorresse na cama ou no sofá, era necessário que ao menos um dos atores tivesse um dos pés ainda no chão (BENSHOFF e GRIFFIN, 2005).

Em outros campos a censura empreendida pela religião também se fez presente. Na década de 1920, havia campanhas conduzidas por entidades evangélicas para retirar o ensino da Teoria da Evolução das Escolas. Além disso, o governo foi convencido por setores do movimento antialcoólico a proibir o transporte, venda e consumo de álcool, em 1920, criando a Lei Seca¹¹⁰ (KARNAL ET AL, 2015, p.203).

Não foi apenas no campo comportamental, na literatura e nas artes que a censura religiosa estendeu seus braços à política do país. A *Declaração de Independência*, de 4 de julho de 1776, congregava argumentos racionais religiosos (KARNAL ET AL, 2015, p.86). Afinal se por um lado postulava que todos os homens eram iguais e providos dos direitos à vida, liberdade e à busca da felicidade, por outro defendia que Deus dotara o homem desses direitos.

¹⁰⁹ Os outros dois livros foram legalizados em 1959 e 1961 respectivamente.

¹¹⁰ Essa lei durou apenas 13 anos, tendo sido revogada em 1933. A proibição tornou demasiado lucrativo o comércio e transporte ilegal de bebidas alcoólicas, permitindo que muitas pessoas fizessem fortuna no ramo.

Argumentos de ordem teológica justificaram a ocupação e colonização de terras indígenas. Se Deus investira Josué de autoridade para expulsar os habitantes da Terra Prometida, os puritanos também se julgavam no direito de lutar contra os nativos das Treze Colônias. Já no século XIX, depois da Independência, essa crença de que os americanos eram o povo escolhido por Deus ajudou a justificar o imperialismo norte-americano. Assim surgiu a ideia de Destino Manifesto: a missão de espalhar os valores da sociedade norte-americana para povos atrasados. Com essa justificativa, a ocupação de territórios no Oeste dos Estados Unidos teve início, varrendo diversas tribos indígenas do mapa e tomando territórios do México (KARNAL ET AL, 2015).

Tão presente Deus tem estado na política dos Estados Unidos que muitos presidentes (sejam republicanos, como Ronald Reagan e George Bush, ou democratas, como Bill Clinton e Barack Obama) em seus discursos¹¹¹, pediam a Ele que abençoasse a América. E assim, sob um olhar vigilante que tem condenado vícios e práticas permissivas, e invocando as bênçãos de Deus, os Estados Unidos erigiram uma sociedade, ao mesmo tempo, desigual e livre, em uma terra de agruras e oportunidades.

Convém frisar que a moral puritana é apenas um aspecto da mentalidade *WASP* no país. Ainda é preciso investigar como o retrato do homem branco anglo-saxão foi elaborado no imaginário da nação. Se essa era a imagem dominante, havia outras que eram dominadas, segregadas e excluídas formal ou informalmente.

3. A terra das desigualdades e da segregação

Outro fator que moldou essa sociedade de homens protestantes, brancos e livres foi a presença de negros não-cristãos. Estes não eram livres. Em 1619, o primeiro navio negreiro aportou na Virgínia. Cinco anos depois, nasceu o primeiro menino negro em solo americano, William Tucker, natural de Jamestown, Virgínia. Cerca de duas décadas depois da chegada da primeira embarcação, as Treze Colônias já adotavam a escravidão. À época da descolonização, já possuía cerca de meio milhão de cativos (KARNAL ET AL, 2015, p.63).

¹¹¹Como exemplos de discursos nos quais os presidentes invocaram a bênção divina para os Estados Unidos podemos citar: O republicano Ronald Reagan encerrou o discurso de despedida da presidência, proferido em 11 de janeiro de 1989 com o clássico “Deus abençoe os Estados Unidos da América” (*God bless the United States of America*, em inglês). George Bush Senior, ao declarar guerra ao Iraque, em 16 de janeiro de 1991, pediu a Deus que abençoasse seus soldados, as forças de coalizão pró-americanas e os Estados Unidos (seu filho, George Bush, ao também declarar guerra ao Iraque, em 19 de março de 2003, fez o mesmo pedido a Ele). Os democratas Bill Clinton e Barack Obama, em seus discursos após suas respectivas vitórias nas eleições presidenciais, tendo sido a daquele em 4 de novembro de 1992 e a deste 16 anos depois, repetiram o pedido de Reagan.

O escravo não era um ser humano, mas sim uma propriedade. Batizá-lo não era necessário, mas poderia ser um favor concedido por algum senhor piedoso. Matá-lo não era crime, de acordo com uma lei de 1669, pois ninguém em seu perfeito juízo atentaria contra sua *propriedade* (KARNAL ET AL, 2015, p.64).

Os braços negros eram mais necessários nas colônias do Sul do que nas do Norte. Isso ocorreu porque enquanto estas tinham um clima ameno – mais parecido com o da Europa – e dificilmente produziam gêneros agrícolas de que a Inglaterra necessitasse; aquelas, situadas em um território de temperatura mais elevada, ajudaram a abastecer a metrópole com produtos coloniais, sobretudo o tabaco e o algodão, cultivados em latifúndios. Portanto, isso gerou estruturas econômicas e sociais diferentes: havia no Norte uma predominância de pequenas propriedades, trabalho assalariado e um mercado interno com alguma força; já no Sul predominavam o latifúndio, trabalho escravo e a exportação (KARNAL ET AL, 2015, p.58).

Ao apontar esse contraste, os autores não estão sugerindo que as colônias do Norte fossem “de povoamento” e as do Sul, “de exploração”. Essa lógica nunca existiu. O que aconteceu, em verdade, foi que a colonização das Treze Colônias não foi norteada por um processo estatal organizado de exploração do território, como o foram, por exemplo, as colonizações da América portuguesa e da espanhola. “A metrópole, ausente e distante, raramente interferia na vida da colônia” (KARNAL ET AL, 2015, p.74).

No século XVIII, contudo, a Inglaterra, que empreendia a Revolução Industrial, como vimos em capítulos anteriores, voltou seus olhos para os Estados Unidos, que passaram a ser vistos como uma fonte de receitas e de algodão, capaz de encher os teares de Manchester e Londres. A maior ingerência inglesa nos assuntos coloniais incomodou os habitantes, mais acostumados às leis do mercado do que às da Inglaterra. Assim, quando a metrópole tentou implantar práticas mercantilistas, como a Lei do Açúcar (1764) e a do Selo (1765), os colonos resistiram e as hostilidades ficaram mais agudas. A concessão do monopólio da venda de chá para as Treze Colônias à Companhia das Índias, em maio de 1773, tampouco contribuiu para melhorar a situação, culminando no evento que ficou conhecido como a Festa do Chá de Boston, ocasião na qual os colonos atiraram ao mar cerca de 340 caixas de chá que estavam armazenadas em três navios da Companhia. A reação metropolitana foi severa e o porto de Boston chegou até mesmo a ser interdito. A independência era iminente (KARNAL ET AL, 2015).

O que unia as Treze Colônias em prol da separação da Inglaterra não era propriamente a identidade nacional, mas um forte sentimento antibritânico. O que

separava era o receio de algumas colônias do Sul de perderem autonomia, subordinando-se a interesses econômicos das do Norte e tendo seu comércio de algodão e tabaco com a Inglaterra prejudicado. O sentimento antibritânico, contudo, prevaleceu e os colonos declararam independência em 4 de julho de 1776. Depois de se autoproclamarem independentes, era necessário que os colonos lutassem por esse direito. E foi o que fizeram: pegaram em armas contra a Inglaterra e venceram a guerra em 1871 (KARNAL ET AL, 2015)¹¹².

A vitória, contudo, não fez desaparecerem as diferenças decorrentes da escravidão. E, embora essa questão fosse crucial, essas não eram as únicas distinções: como a colonização inglesa fora assistemática, cada região sempre teve muita autonomia¹¹³. Por isso, interesses locais contrastantes acabavam por minar o entendimento das colônias recém-independentes, juntas sob a bandeira de algo ainda abstrato: os Estados Unidos da América. O século XIX foi um período no qual essas questões precisaram ser enfrentadas, a fim de garantir a sobrevivência e promover a prosperidade do país (KARNAL ET AL, 2015).

Uma das maneiras de fomentar o nacionalismo foi a expansão territorial, facilitada por rios navegáveis como o Mississipi e largas planícies. Assim, a compra de territórios (como a Luisiana, junto à França, e a Flórida, junto à Espanha), a tomada de terras indígenas e territórios mexicanos (como Novo México, Califórnia, Texas) estendeu a fronteira dos Estados Unidos do Oceano Atlântico até o Pacífico (KARNAL ET AL, 2015).

Se, por um lado, a expansão suscitou o nacionalismo, por outro, desencadeou um velho problema: como gerir os territórios conquistados? As novas unidades da federação adotariam ou não a escravidão? O Norte não desejava que mais estados adotassem a escravidão. O congressista (à época) democrata David Wilmot, da Pensilvânia, em 1846, propôs a Cláusula Wilmot, que determinava não poder existir escravidão em nenhum território conquistado junto ao México. Se a cláusula fosse cumprida, os estados do Sul

¹¹² Essa mentalidade de que qualquer cidadão deveria estar apto para pegar em armas e defender a independência da jovem nação acabou por influenciar a segunda Constituição dos Estados Unidos, cuja Segunda Emenda garante à população o direito de portar armas de fogo (KARNAL ET AL, 2015, p.88-89). Graças a essa facilidade para obter armas, os Estados Unidos já assistiram a massacres cometidos por seus próprios cidadãos. A dificuldade de desarmar a população é hoje um problema para o país.

¹¹³ Autonomia que se mantém até os dias atuais. Os Estados Unidos sempre foram marcados por um forte federalismo. Isso determina que as leis estaduais devem se equilibrar com as federais (KARNAL ET AL, 2015, p.).

ameaçaram separar-se da União (KARNAL ET AL, 2015). O plano de ambas as regiões era simples: ter mais aliados no Congresso para lutar por aquilo que defendiam.

Estava, pois, criado o impasse: os interesses do Norte, mais desenvolvido industrialmente e onde a escravidão fora abolida, chocavam-se com os do Sul, caracterizado pelos latifúndios e pela agricultura voltada à exportação. Porém, havia algo em comum:

Nos dois mundos, os negros estavam fora das decisões políticas e eram vítimas de racismo, principalmente no Sul, onde a escravidão era garantida por lei. (Isso subsistiria na primeira metade do século XX quando se manifestaram dois tipos muito diferentes de racismos: um determinado juridicamente, no Sul, e o outro um pouco “envergonhado”, mas sempre presente, no Norte). (KARNAL ET AL, 2015, p.129).

Abraham Lincoln, eleito presidente dos Estados Unidos em 1861, tentou, de forma veemente, equilibrar os interesses das duas regiões e evitar uma guerra civil. Embora concordasse que a escravidão não fosse estendida aos territórios do Oeste, ele não cogitava aboli-la no Sul e nunca colocava negros e brancos em condições de igualdade: seus discursos afirmavam a superioridade da raça branca. Essa retórica ambígua não funcionou por muito tempo e os Estados do Sul manifestaram o desejo de se separar da União. Com isso, a Guerra de Secessão eclodiu em abril do mesmo ano em que Lincoln assumira o poder (KARNAL ET AL, 2015, p.131-132).

Mais desenvolvido econômica e industrialmente, o Norte sofreu menos com a guerra. As fábricas de tecidos e de armamentos aproveitaram o aumento da demanda e se expandiram durante o conflito. Já o Sul vivenciou colapso econômico e desestruturação. Contribuiu de modo significativo para isso o fato de a guerra ter sido travada no sul. Assim, muitos escravos fugiram de fazendas localizadas em regiões invadidas por tropas da União, causando enorme prejuízo a seus senhores. Além disso, Lincoln, ao proibir a comercialização de produtos sulistas, estrangulou economicamente a região. Assim, com o gradual colapso do sistema escravagista, com o prejuízo de uma guerra travada em seu território e com significativas perdas econômicas, o Sul se rendeu em 1865 e a Décima Terceira Emenda à Constituição garantiu o término da escravidão no país. A abolição do trabalho compulsório, porém, esteve longe de representar a integração plena dos negros à sociedade sulista, gerando um rol de práticas discriminatórias que, não raro, possuíam respaldo legal:

Por todo o Sul, a sociedade começou a consolidar uma profunda segregação baseada em “critérios raciais”. À exceção do mundo do trabalho, em que brancos e negros conviviam, a sociedade sulista

comportava dois mundos separados. Por meio de instrumentos legais e ilegais, as pessoas consideradas negras ficavam segregadas das brancas na maioria dos locais públicos, na maioria dos hotéis, restaurantes e outros estabelecimentos particulares. (KARNAL ET AL, 2015, p.141).

Em certos Estados, os negros não podiam desposar brancos, possuir armas, ingerir bebidas alcoólicas, organizar reuniões e possuir propriedades agrícolas: essas eram algumas das medidas discriminatórias a que aludimos.

Isso ocorria a despeito da existência da Décima Quarta (de 1868) e a Décima Quinta Emendas à Constituição (de 1870) que garantiam, respectivamente, que nenhum Estado poderia privar seus cidadãos dos direitos à vida, liberdade e tampouco impedir seus homens¹¹⁴de votarem baseados em critérios de raça. Na década de 1870, o Tennessee adotou a primeira Lei Jim Crow¹¹⁵, termo que se refere a leis segregacionistas que seguissem a seguinte lógica: “‘separados, mas iguais’, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros” (KARNAL ET AL, 2015, p.145).

Não era apenas com leis que os negros sofriam. Organizações sociais segregacionistas defensoras da supremacia branca e do extermínio dos negros, dentre as quais a mais famosa é a Ku Klux Klan (KKK), criada em 1867, em Nashville, Tennessee, surgiram entre o final do século XIX e início do XX. A KKK proclamava-se uma instituição moralizante, defensora da honra e da moral cristã. Seus membros deveriam ser brancos e protestantes, pois católicos e judeus não eram aceitos. Entre 1867 e 1871, organizações racistas que defendiam a supremacia branca assassinaram cerca de 20 mil americanos¹¹⁶. Nas décadas seguintes, embora a prática de linchamentos tenha diminuído, ela continuou a existir (KARNAL ET AL, 2015, p.146).

Temendo as violentas práticas racistas tão enraizadas nos Estados do Sul, muitos negros migraram para o Norte, entre o final do século XIX e o início do XX. Lá, no entanto, continuaram a ser discriminados:

Havia uma segregação informal, pois as ideias racistas estavam bem ancoradas na cultura dominante. Os negros conviviam com diversas

¹¹⁴ O Congresso só instituiu o direito de voto a todas as mulheres do país em agosto de 1920, com a Décima Nona Emenda à Constituição. Antes disso, graças ao federalismo, cada Estado poderia decidir se permitiria às suas mulheres o exercício do voto ou não. Wyoming foi o primeiro Estado a conceder o direito de voto às mulheres, em 1890 (GAY, 1989, p.135).

¹¹⁵A Suprema Corte só aboliria as leis Jim Crow nas décadas de 1950 e 1960 (KARNAL ET AL, 2015, p.145).

¹¹⁶ Os linchamentos promovidos pela KKK eram vinganças a supostos estupros de mulheres brancas por homens negros, “...numa clara hierarquização da sociedade: a mulher, indefesa e inocente, estaria sendo vitimizada pelo negro, ser ‘inferior e bestial’, que precisava ser combatido pelos protetores dos ‘bons costumes’, os cavaleiros brancos da Klan” (KARNAL ET AL, 2015, p.146).

formas de violência racial. Suas oportunidades de emprego restringiam-se aos serviços domésticos ou trabalhos braçais. Eventualmente, entravam em conflito com brancos por questões de moradia, trabalho e escola. Porém, em comparação com o racismo sufocante do Sul, as cidades do Norte ofereciam, para muitos negros, a esperança de prosperidade e liberdade social. (KARNAL ET AL, 2015, p.183).

Além disso, os negros, bem como os imigrantes, quando havia emprego para a maior parte da população, tiveram suas demandas ignoradas pelos sindicatos. Quando veio a onda de desemprego gerada pela Crise de 1929, os negros sofreram ainda mais. No Sul, muitas vezes foram expulsos de suas terras. No Norte, sua taxa de desemprego era de 50%, isso porque subempregos de faxineiro e porteiro, antes da recessão destinados aos negros, passaram a ser ocupados por brancos que haviam perdido seus postos de trabalho. A situação das negras também era dramática: como as famílias brancas de classe média, para cortar gastos, deixaram de se servir de empregadas domésticas, as mulheres negras se viram sem sua fonte de renda. Para muitas, a saída foi a prostituição (KARNAL ET AL, 2015).

Mesmo o plano de recuperação econômica empreendido pelo presidente democrata Franklin Delano Roosevelt de intervenção do Estado na economia, o *New Deal*, de 1933, uma aposta para que o país a se soerguesse da crise, possuía uma faceta racista:

Apesar de esforços dos sindicatos, socialistas, feministas e organizações negras, o sistema geral da seguridade social (aposentadoria, seguro desemprego e salário mínimo) não foi universal, sendo diretamente relacionado ao emprego assalariado formal urbano, excluindo muitas mulheres e negros que trabalhavam como empregados domésticos ou no campo. A administração de Roosevelt aceitou muitas das normas raciais da época, por exemplo, segregando abertamente os conjuntos habitacionais. A dependência eleitoral de Roosevelt dos políticos racistas resultou na derrota de iniciativas contra a discriminação racial e da confinação de trabalhadores e trabalhadoras não brancos nas alas menos generosas e mais vulneráveis do estado do bem-estar. (KARNAL ET AL, 2015, p.210-211).

Embora o *New Deal* tenha sido muito incensado à época, o que de fato ajudou os Estados Unidos a recuperarem sua economia foi a Segunda Guerra Mundial, quando o país vivenciou ampla mobilização nacional. Se, à época da crise, os brancos estavam tomando os subempregos dos negros, no período da Segunda Guerra Mundial ocorreu o oposto: negros e mulheres passaram a ter mais chances de conseguir um posto bem pago na indústria, que estava mobilizada pelo esforço de guerra. Essa ascensão deu-lhes mais confiança nas lutas por direitos civis e contra a discriminação (KARNAL ET AL, 2015).

4. A terra das oportunidades

Além dos negros, outra parcela da população dos Estados Unidos sofreu, em diferentes níveis, com exclusão, discriminação e racismo: os imigrantes. O fluxo de pessoas que deixavam a Europa para buscar uma vida melhor em países como Estados Unidos, Brasil e Argentina cresceu bastante na segunda metade do século XIX. Entre 1846 e 1875, mais de nove milhões de pessoas deixaram o Velho Continente em navios que zarpavam para as Américas (a maioria delas foi para os Estados Unidos). Na década de 1880, a taxa de imigrantes mandados pela Europa era de 700 a 800 mil pessoas por ano, algo facilitado pelo custo baixo da passagem de navio: em 1885, por apenas 7 dólares era possível ir de Hamburgo (na Alemanha) até Nova York (HOBSBAWM, 2012).

Muitos eram camponeses de regiões atrasadas em que faltavam terras e trabalho. A solução foi tentar a sorte em plagas distantes, alimentados pelos sonhos do emprego, da casa (própria) e de criar seus filhos com dignidade. Segundo Hobsbawm:

O que a maioria deles almejava, ao emigrar, decerto não era terminar a vida como trabalhadores. Eles queriam “fazer a América” (ou o país para onde fossem) na esperança de ganhar o suficiente, após alguns anos, para comprar uma propriedade ou uma casa e, como pessoa de posses, adquirir o respeito dos vizinhos, em alguma aldeia siciliana, polonesa ou grega. Uma minoria retornou, mas a maioria permaneceu, perfazendo turmas de construção, das minas, das siderúrgicas e realizando outras atividades do mundo urbano e industrial, que necessitava de trabalho duro e de pouco mais. Suas filhas e noivas ingressaram no serviço doméstico. (2015, p.180).

A grande afluência de pessoas trouxe consequências sociais: vertiginoso aumento populacional (entre 1870 e 1900 a população dos Estados Unidos saltou de 40 milhões para mais de 76 milhões); formação de paupérrimos bairros étnicos (onde imigrantes se ajudavam mutuamente) e xenofobia. Os chineses, por exemplo, associados à imundície e a doenças foram proibidos de entrar no país por lei em 1882 (KARNAL ET AL, p.153-154). Em 1893, foi fundada a Liga de Restrição à Imigração de Boston (HOBSBAWM, 2015, p.239). O Ato de Imigração de 1924 reduziu para 150 mil por ano o número de pessoas cuja entrada no país era permitida. Na década de 1920, a Ku Klux Klan passou a direcionar seu ódio também a imigrantes. Durante a crise de 1929 e os anos de recessão, imigrantes latino-americanos do Oeste e Sudoeste dos Estados Unidos foram substituídos por brancos (KARNAL ET AL, 2015).

Embora a xenofobia tenha permeado a sociedade americana nos séculos XIX e XX (e ainda esteja presente nos dias atuais), com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial, houve alguma atenuação desse sentimento em prol da unidade demandada pelo

conflito: “o preconceito étnico foi visto como uma ameaça à unidade requerida pela guerra e a diversidade étnica tornou-se parte essencial de uma nova definição do americanismo” (KARNAL ET AL, 2015, p.225).

5. Uma nação em guerra

Os Estados Unidos relutaram em entrar na II Guerra Mundial. Embora parecesse óbvio que o país se oporia à Alemanha e ao Japão (a aquela pela ideologia e expansionismo na Europa; a este pelo imperialismo no Pacífico), o fator que motivou a entrada dos Estados Unidos na guerra foi o ataque aéreo japonês à base de Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941. No dia seguinte ao ataque, o Congresso declarou guerra ao Japão; três dias depois, foi a vez da Alemanha fazê-lo aos Estados Unidos (KARNAL ET AL, 2015).

Economicamente, a entrada no conflito foi muito positiva para o país. A guerra não era travada em seu território. Logo, os Estados Unidos não sofreram com baixas civis, não tiveram cidades destruídas e tampouco viram o entusiasmo da população se extinguir. Ademais, a guerra exigia ampla mobilização da indústria, o que gerou maior produção e, por consequência, mais emprego, concluindo o processo de recuperação econômica iniciado pelo *New Deal* (KARNAL ET AL, 2015).

A participação no conflito foi aceita com docilidade por boa parte da população. A justificativa da luta contra o Nazismo na Europa era suficientemente forte e persuasiva. A Alemanha estava comprometida com a destruição dos valores racionais e liberais da civilização ocidental. Era, afinal, um confronto cujo principal intento era erigir um mundo melhor. Assim, grupos políticos divergentes, como conservadores e comunistas, tomaram parte no campo de batalha contra a Alemanha. Estados Unidos, França e Inglaterra combateram na Frente Ocidental, enquanto a União Soviética duelou contra a Alemanha na Oriental (HOBSBAWM, 1994).

Nos Estados Unidos, grande parte da população se sentiu orgulhosa pelo fato de sua nação combater Hitler. Assim, 25 milhões de americanos compraram títulos do governo para ajudar nos custos da guerra e outros 12 milhões se voluntariaram na defesa civil. O governo também estimulou essa adesão, gastando 321 bilhões de dólares com a guerra. Ademais, em 1942, foi fundado o Escritório de Informação da Guerra, a fim de que imprensa, rádio, cinema e quadrinhos ajudassem a mobilizar a opinião pública para a importância da participação no conflito (KARNAL ET AL, 2015).

O cinema foi uma importantíssima engrenagem dentro da máquina de propaganda. Ciente da pluralidade da sociedade americana, os filmes de guerra mostravam membros de diferentes grupos étnicos que aprendiam a superar suas diferenças e a trabalhar junto em prol da nação (BENSHOFF, GRIFFIN, 2005, p.52). Além do convívio de diversos grupos étnicos, a produção cinematográfica do período da guerra esforçou-se por depreciar os inimigos e valorizar os Estados Unidos, seus aliados na Europa, sua população e seu estilo de vida. Exemplos de filmes com alguns desses elementos são: *Rosa de esperança* (1942), *Missão em Moscou* (1943) e *Um barco e nove destinos* (1944) (GOMES, 2014).

Esse discurso de que o país lutava por um mundo livre penetrou nas mais diversas camadas da sociedade. Philip Roth, quando criança, concebia os alemães e japoneses como a maior ameaça que conhecia e se sentia seguro nos Estados Unidos:

[...]aquela maravilhosa sensação de que tínhamos os mesmos direitos que os outros, de que podíamos fazer tudo e que não podiam excluir-nos de nada – provinha da nossa fé no caráter ilimitado da democracia em que vivíamos e a que pertencíamos. É difícil imaginar que alguém inteligente que tenha crescido na América depois da Guerra do Vietname possa ter a mesma sensação inequívoca que nós, que fomos jovens adolescentes imediatamente a seguir à vitória sobre o nazi-fascismo e o militarismo japonês, tivemos de que pertencíamos à maior nação da face da Terra. (ROTH, 2014, p.148).

Mesmo com o sucesso do discurso de defesa do mundo livre e de combate ao nazismo, algumas contradições continuaram a existir na “maior nação da face da Terra”. Uma delas foi o fato de, em fevereiro de 1942, Roosevelt ter ordenado a prisão de 110 mil nipo-americanos residentes na Costa Oeste; eles foram privados de suas casas, seus bens e foram encarcerados em campos do interior durante a guerra, sem quaisquer direitos democráticos. A sociedade civil não se mobilizou por eles. Além disso, mesmo com a divulgação dos massacres de judeus, já em 1943, o governo não abrandou as leis de imigração para facilitar a vinda de judeus para os Estados Unidos¹¹⁷ (KARNAL ET AL, 2015).

Há ainda outro fato a ser destacado: os ataques nucleares a Hiroshima e Nagasaki, as derradeiras e trágicas ações da Segunda Guerra Mundial. O extermínio e o morticínio provocados pelas bombas atômicas não se coadunavam com o discurso de uma nação que

¹¹⁷ Embora judeus tenham fugido para os Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940, não houve um projeto estatal do governo dos Estados Unidos para facilitar a vinda deles. Além disso, havia pessoas nos Estados Unidos abertamente simpáticas à causa nazista, caso do industrial Henry Ford e do aviador Charles Lindbergh. No capítulo seguinte, exploraremos mais detalhadamente as formas de antissemitismo no país.

dizia defender a liberdade, a democracia e o combate às opressões. Se os Estados Unidos tivessem perdido a guerra, talvez os mandantes desses ataques atômicos fossem julgados como criminosos de guerra.

6. 1950-1960: estabilidade, contradições e rupturas

Na década de 1950, em relação aos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, as pessoas de diversos países do Ocidente tinham a sensação de que seus padrões de vida haviam melhorado bastante. As duas décadas foram descritas na historiografia e no imaginário popular como anos dourados do capitalismo. Os anos da Segunda Guerra Mundial foram particularmente prósperos nos EUA: ao fim do conflito, o país respondia por 2/3 da produção industrial do mundo – e as décadas de 1950 e 1960 mantiveram essa estabilidade. O dólar ajudou a regular a economia global, agindo como uma força estabilizadora (HOBSBAWM, 1994).

As melhorias eram percebidas de diversas maneiras: bens e serviços, (geladeira, lavadora de roupas e telefone, por exemplo), antes privilégio de uma minoria, passaram a ser produzidos maciçamente. Antibióticos restringiram os riscos de doenças venéreas e a pílula anticoncepcional, facilmente encontrada na década de 1960, contribuiu para atenuar os riscos de promiscuidade. Ambos ensejaram um novo comportamento sexual (HOBSBAWM, 1994).

Começamos pelas mudanças e acontecimentos culturais que impactaram a forma como os americanos pensavam e vivenciavam a sexualidade.

Um dos aspectos mais relevantes para a cultura dos Estados Unidos nos anos 1950 foi a fundação da revista *Playboy*, em outubro de 1953, com uma tiragem inicial de 70 mil exemplares. A publicação, que pertencia ao editor Hugh Hefner, destacava a atriz Marilyn Monroe na capa, nua em cores no pôster, um conto do *Decamerão* (de Boccaccio), ilustrações inspiradas no relatório Kinsey sobre as mulheres¹¹⁸ e fotografias em preto-e-branco moças despidas tomando sol na Califórnia. A vendagem foi de mais de 50 mil exemplares. E a revista foi um grande sucesso:

Antes da *Playboy*, poucos americanos tinham visto uma fotografia colorida de uma mulher nua, e os leitores ficavam indefesos e constrangidos ao comprar revista na banca, dobrando-a para esconder sob a capa ao ir para casa. Expô-la seria como reconhecer publicamente uma necessidade terrível, um segredo reprimido há muito tempo; seria admitir o fracasso em encontrar a coisa real. Embora o relatório Kinsey

¹¹⁸Pesquisa conduzida pelo biólogo Alfred Kinsey, entre 1938 e 1953, sobre o comportamento sexual de homens e mulheres americanos (TALESE, 2002).

revelasse que quase todos os homens se masturbavam, no começo dos anos 50 isso ainda era horrível e não havia indicação de que se relacionasse com fotografias. A forte conexão evidenciou-se com o sucesso de Playboy, cuja circulação aumentara, em dois anos, de 60 mil para 400 mil exemplares por mês. Do interesse despertado pela revista, pouco podia ser atribuído aos artigos, que nada tinham de excepcional, aos cartuns, às sátiras ou à reimpressão dos contos de Ambrose Bierce e Arthur Conan Doyle. Na verdade ele era devido ao fato de que Hefner, ao fundar uma revista que apresentava todos os meses uma mulher nua aparentemente acessível, descobrira um vasto público de pretendentes, cada um deles reivindicando-a para si em particular. (TALESE, 2002, p.32).

A liberalização dos costumes também atingia o campo literário. O editor Barney Rosset, proprietário da Grove Press, batalhou pela legalização de obras como *O amante de Lady Chatterley*, tornada legal nos Estados Unidos em julho de 1959, e *Trópico de Câncer*, em 1961 (TALESE, 2002).

O rol de práticas permitidas (seja pela religião, pela legislação ou pelos costumes da época) se ampliou. Assim, em 1961, Illinois foi o primeiro Estado Americano a descriminalizar a sodomia:

O recém-ampliado campo de comportamento publicamente aceitável, incluindo o sexual, na certa aumentou a experimentação e a frequência de comportamento até então considerado inaceitável ou desviante, e sem dúvida aumentou sua visibilidade. Assim, nos EUA, o surgimento público de uma subcultura homossexual abertamente praticada, mesmo nas duas cidades que determinavam tendências, São Francisco e Nova York, e se influenciavam uma à outra, só ocorreu já bem avançados os anos 1960, e sua influência como grupo de pressão política só nos anos 1970 (Duberman et al., 1989, p.460). Contudo, o grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam (HOBSBAWM, 1994, p.327).

Além de uma renovação na maneira de encarar a sexualidade e de uma maior liberdade dos costumes, os anos 1950 e 1960 também se caracterizaram por um período de maior contestação política e de luta por direitos civis. Uma das bandeiras defendidas por diversos movimentos era a oposição à Guerra do Vietnã, desastroso conflito no qual os Estados Unidos tomaram parte (oficialmente) em 1965. A falta de justificativas para a guerra (não se tratava de combater o fascismo, mas de interferir em uma questão interna de um país do qual muitos americanos nunca haviam ouvido falar), e a divulgação de massacres do conflito (como o ocorrido em May Lay em 16 de março de 1968, no qual 500 civis vietnamitas foram fuzilados pelo Exército dos Estados Unidos) tornou o confronto bastante impopular entre os cidadãos americanos (KARNAL ET AL, 2015).

Diferentemente da Segunda Guerra Mundial, a população não queria lutar nesse conflito. Os jovens tentavam escapar ao serviço militar de algum jeito: alguns fugiam para o Canadá, outros abandonavam as Forças Armadas, mas o fato era que quase ninguém estava disposto a ser mandado para as inóspitas florestas do Vietnã. Em 1967, as Forças Armadas já possuíam 47 mil desertores; em 1971, eram 90 mil. Um dos mais famosos era o boxeador Muhammad Ali. Ele declarou não estar disposto a lutar em uma guerra de homens brancos cujo intento era o da dominação de uma pobre nação. O atleta ainda frisou: nenhum vietcongue nunca o chamara de preto (KARNAL ET AL, 2015).

Ali, como muitos negros, estava preocupado com a luta por Direitos Civis e para colocar fim aos dias de segregação racial, herança nefanda da escravidão. Por todo o país, pululavam protestos contra as práticas formais e informais de segregação racial. O ápice das manifestações ocorreu entre junho e agosto de 1963, quando mais de 1412 protestos foram registrados. Em agosto daquele ano, Martin Luther King, pastor batista da Geórgia e ícone do movimento por Direitos Civis, levou 200 mil pessoas a Washington para ouvir o famoso discurso *Eu tenho um sonho*. As respostas foram violentas, sobretudo no Sul, a polícia reprimiu com brutalidade as manifestações (KARNAL ET AL, 2015).

Mesmo assim, entre 1964 e 1967, o presidente Lyndon Johnson, com atos legislativos, proibiu discriminação no emprego, serviços públicos e eleições. Antes disso, em 1954, a Suprema Corte já havia proibido práticas segregacionistas nas escolas. Ainda assim, contudo, os avanços na questão da inserção dos negros na sociedade americana eram duvidosos: se, por um lado, havia mais negros no esporte, na política, na universidade, no restaurante que antes era exclusivo para brancos; por outro, os negros permaneceram sendo uma parcela mais pobre da população (KARNAL ET AL, 2015).

É em meio à insatisfação com a guerra, luta contra leis discriminatórias e a uma onda de liberalização nos costumes que Roth escreve *O complexo de Portnoy*, uma obra tributária dos convulsionados anos 1960, conforme o próprio autor admitiu, em entrevista ao *Le Nouvel Observateur*, também publicada no livro *Reading Myself and Others*:

Como cidadão americano, eu estava horrorizado e mortificado com a Guerra do Vietnã, assustado com a violência urbana, perturbado com os assassinatos, confuso com o movimento estudantil, simpático às pressões dos grupos libertários, deliciado com a generalizada teatralidade, desanimado com a retórica das causas, excitado com a exposição sexual e animado pelo ar de confrontação e mudança gerais. Ao longo dos últimos anos da década, eu estava escrevendo *O complexo de Portnoy*, um estridente, agressivo e cáustico livro cuja concepção e composição foram, indubitavelmente, influenciadas pelo humor daqueles anos. Eu não creio que eu pudesse ou tivesse escrito esse livro dessa maneira uma década antes, não apenas devido aos padrões

sociais, morais e culturais que predominavam nos anos 1950, mas porque, como um jovem escritor ainda fortemente envolvido com os estudos literários, eu havia prometido minha lealdade a uma linha de ficção mais moralmente séria. (ROTH, 2001, p. 103-104).¹¹⁹

¹¹⁹No original: “As an American citizen, I was appalled and mortified by the war in Vietnam, frightened by the urban violence, sickened by the assassinations, confused by the students uprisings, sympathetic to the libertarian pressure groups, delighted by the pervasive theatricality, disheartened by the rhetoric of the causes, excited by the sexual display, and enlivened by the general air of confrontation and change. During the last years of the decade, I was writing Portnoy’s Complaint, a raucous, aggressive, abrasive book whose conception and composition were undoubtedly influenced by the mood of the times. I don’t think I would or could have written that book in that way a decade earlier, not only because of the social, moral, and cultural patterns that prevailed in the fifties but because, as a young writer still strongly involved with literary studies, I had pledged my loyalty to a more morally earnest line of fiction”. Tradução minha.

O PESO DO DISCURSO RELIGIOSO

1. Considerações iniciais

Alexander Portnoy é um judeu de 33 anos que vive em Nova York, na década de 1960. Se, no capítulo anterior, analisamos o significado de estar nos Estados Unidos nesse período, neste investigaremos o de ser judeu no país, àquela época. Para sermos mais específicos: nosso intento será o de retratar o grau de integração e o de segregação dos judeus nos Estados Unidos; as formas de manifestação do antissemitismo; algumas representações dos judeus no cinema e na literatura; as expectativas morais em torno dos judeus e a criação de alguns estereótipos que espezinhavam os judeus.

Antes de nos debruçarmos sobre essas questões, contudo, é preciso discorrer acerca de um fato traumático que moldou a personalidade do povo judeu em todo o mundo: o Holocausto. As consequências sociais e psicológicas do extermínio em massa de cerca de seis milhões de judeus foram demasiado profundas. Para entendê-las, escrutinaremos o aparato moral e legal que furtou dos judeus a cidadania e a humanidade na Alemanha Nazista.

Após isso, investigaremos algumas formas de antissemitismo nos Estados Unidos antes da Segunda Guerra Mundial. Por fim, analisaremos como o legado dos estereótipos judeus criados pelos nazistas e o antissemitismo existente nos Estados Unidos operam na obra.

Para empreendermos a investigação sobre o Holocausto e os campos de concentração, utilizaremos *Os Ditadores* (OVERY, 2009), *Eichmann em Jerusalém* (ARENDR, 1999), *A propaganda do crime em filmes policiais nazistas* (NAZARIO, 2009), *A moral nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler* (GUTERMAN, 2013) e *É isto um homem?* (LEVI, 1998), além das informações disponíveis no site do *United States Holocaust Memorial Museum*, sediado em Washington. Para realizarmos os estudos da dimensão do antissemitismo nos Estados Unidos, nos guiaremos pelas obras *História dos Estados Unidos* (KARNAL ET AL, 2015), *America on Film* (BENSHOFF, GRIFFIN, 2004), *O reino e o poder* (TALESE, 2000), além de *Roth libertado* (PIERPONT, 2015), *Os Factos: Autobiografia de um Romancista* (ROTH, 2014), biografia e autobiografia ficcionalizada de Philip Roth respectivamente, e o livro de ensaios e entrevistas *Reading Myself and Others* (ROTH, 2001). Para entender algumas das maneiras como o antissemitismo opera na obra, nos

debruçaremos sobre os textos *In the American Grain* (RODGERS, 1981), *Why Portnoy's Complaint Matters* (ISRAEL, 2012) e *Reverse Anti-Semitism in the Fiction of Bellow and Roth* (HALIO, 2014).

2. O judeu na legislação e no imaginário nazista

Para Hitler, as ideias de raça e nação eram indissociáveis. O primeiro conceito não estava associado a um idioma, mas ao sangue. Ao Estado cabia proteger a pureza biológica de sua população. Desse modo, raças estrangeiras não poderiam ser admitidas. O principal obstáculo à perfeição da raça ariana era o povo judeu, já bastante integrado à vida econômica, social e cultural da Alemanha (havia cerca de 525 mil judeus no país em 1932), uma raça sem raízes que enfraquecia o sangue germânico e furtava as riquezas da nação. Para combater esse inimigo, o Partido Nacional Socialista, com os tentáculos espalhados por todas as instituições da Alemanha, implementou mais de 250 leis ou decretos que estigmatizaram e segregaram os judeus. Essa legislação abarcava os aspectos da vida econômica, social, cultural e até íntima dos alemães de uma maneira tão profunda que a população não-judia acabou por ser cúmplice da matança de judeus (OVERY, 2009).

O aparato legal nazista explorou uma hostilidade e um antissemitismo adormecidos e foi, paulatinamente, ficando mais sofisticado e cruel na tarefa de alijar os judeus da vida pública e de destitui-los de suas fontes de renda. A primeira ação em escala nacional de caráter abertamente antissemita do governo alemão foi um boicote às lojas cujos proprietários fossem judeus, em 1º de abril de 1933. Milhares de estrelas de Davi amarelas com contorno preto e cartazes com dizeres como “Não compre de judeus” ou “Os judeus são a nossa desgraça” foram coladas nas portas e janelas desses estabelecimentos. A primeira lei veio seis dias depois, com o banimento dos judeus do serviço público alemão. Em 4 de outubro de 1933, os judeus foram banidos da imprensa. Em 21 de maio de 1935, um decreto militar expulsou os oficiais judeus das Forças Armadas.

A última lei mencionada, contudo, não foi o ataque mais flagrante aos judeus cometido pelo Estado Alemão em 1935. As Leis de Nuremberg, de 15 de setembro daquele ano, foram um dos mais significativos passos da legislação antissemita da Alemanha. Essa legislação foi dividida em dois conjuntos de leis: as de Proteção do Sangue e da Honra Alemã e as de Cidadania do Reich. Estas identificavam os judeus por critérios de nascimento e de sangue: aquele que tivesse pelo menos três avós judeus era

também judeu, independentemente de suas práticas religiosas e de sua assimilação ou não à sociedade alemã. Aquelas leis previam a dissolução de casamentos por incompatibilidade de sangue, proibiam relações sexuais entre judeus e alemães, impediam mulheres de menos de 45 de trabalhar em casas judias (pensava-se que os patrões judeus poderiam forçar o casamento com uma jovem alemã). Desse modo, um cidadão alemão não judeu poderia requerer o divórcio caso sua esposa fosse judia.

Em 1938, houve ainda maior recrudescimento do antissemitismo, com leis e decretos ainda mais restritivos: em 5 de janeiro, os judeus foram proibidos de alterar seus nomes ou sobrenomes; em 18 de março, foram banidos do mercado de armas; em 22 de abril, foram impedidos de alterar o nome de suas empresas; em 26 de abril, foram obrigados a declarar seus bens, caso eles excedessem 5 mil marcos; em 17 de agosto, foram forçados a, caso tivessem um nome de origem não-judaica, adotar um nome adicional que os identificasse como judeus (Israel, para homens, e Sara, para mulheres); em 3 de outubro, tiveram suas propriedades confiscadas e, em 12 de novembro, foram banidos da vida econômica da Alemanha, com o fechamento das empresas controladas por judeus. Caso quisessem deixar o país, teriam enorme dificuldade, pois, além desse pacote de leis que estrangulava a vida econômica da população judaica, em 5 de novembro, todos os passaportes de judeus continham a letra J estampada¹²⁰.

Antes do início da Guerra, em 1939, a situação ficou ainda pior, pois os judeus, em 21 de fevereiro, foram obrigados a entregar todo o ouro, metal ou pedra preciosa que estivesse em seu poder ao Estado, sem receber nenhuma compensação financeira por isso¹²¹.

Essas leis talvez não tivessem sido tão eficientes sem o significativo suporte que a propaganda ideológica nazista forneceu para difundir e desenvolver o antissemitismo no seio da sociedade alemã. Um dos principais veículos responsáveis por sedimentar o antissemitismo no imaginário alemão foi o cinema.

Em 1935, mesmo ano das Leis de Nuremberg, o ministro da propaganda da Alemanha, Joseph Goebbels, determinou que o regime desejava uma estética mais realista nas produções cinematográficas, pondo fim à influência do expressionismo, do surrealismo e às produções de fantasia e terror. O Terceiro Reich tinha predileção por

¹²⁰ Houve outras leis antissemitas arroladas.

¹²¹ United States Holocaust Memorial Museum. "Antisemitic Legislation 1933-1939." Holocaust Encyclopedia. Disponível em <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007901>. Acesso em 21 de julho de 2016, às 13h54. O artigo supramencionado permitiu o arrolamento de todas as leis citadas nesta página e na anterior.

alguns gêneros com temática alemã (filmes que evocassem a Prússia, a terra natal, montanhas ou que versassem sobre assuntos médicos) ou gêneros mais tradicionais e universais, como comédia, melodrama, policial e outros. A questão, no entanto, residia no fato de essas produções possuírem um recorte ideológico que veiculava um discurso antisemita, conforme sugere Nazario:

Os criminosos do cinema nazista eram representados com características físicas semelhantes: adiposos, olhar mortiço e sensual, com bigode ornando lábios carnudos. Tais biótipos eram largamente associados aos judeus nas caricaturas antisemitas (nazistas e pré-nazistas), amplamente difundidas nas mídias impressas do Terceiro Reich, como no jornal *Der Stürmer*, que mostrava os judeus como corruptores, vigaristas, espíões, criminosos, capitalistas, comunistas, confundindo-os ainda com ingleses, eslavos e ciganos. (2009, p.52).

Ademais, os filmes valorizavam os divórcios decorrentes da arianização. Havia a ideia de que os judeus eram uma raça degenerada que propagava infecções e epidemias, sobretudo a esposa judia, uma intrusa na família ariana. A consorte com ascendência judaica era retratada como uma moça morena, com cabelos e olhos negros, com tendência à infidelidade conjugal, que frequentemente adoecia e morria. Em certas produções, o marido era acusado de assassiná-la, mas, com o desenrolar do enredo, este era inexplicavelmente inocentado. A morte ou desaparecimento da vítima judia, por seu turno, não despertava o menor sinal de compaixão; a situação sequer era investigada. Com a temática do crime perdoado, o cinema nazista veiculava uma ideia de superação da ética tradicional, trazendo à baila um novo código moral e jurídico de conduta, conforme sugere Nazario:

Pela constante reiteração do esquema, o filme criminal nazista torna-se uma propaganda do crime, reforçando, por meio de fórmulas que desculpam os assassinos, a boa consciência que se devia manter enquanto se agia em conformidade com as Leis Raciais vigentes, desfazendo-se de seus cônjuges judeus, indiferentes à morte a que se os destinavam. (NAZARIO, 2009, p.54).

Com essa legislação e produções culturais que depreciavam e desumanizavam os judeus, exterminá-los tomou proporções de um doloroso dever moral que a população, a burocracia e todas as instituições, seguindo ordens superiores, deveriam ajudar a cumprir. Desse modo, os cidadãos alemães eram desobrigados de desenvolver seu senso de responsabilidade. Na visão de Marcos Guterman:

Funcionários públicos nazistas, zelosos por definição, suspenderam seu próprio senso moral, inerente, como vimos, a cada ser humano dotado da capacidade de pensar, substituindo-o pelo estrito cumprimento do dever. (2013, p.252).

Essa “renúncia coletiva à razão” (GUTERMAN, 2013, p.256) ocorreu graças à ubiquidade do Partido Nacional Socialista, que, com sua ideologia, permeou e vigiou todas as instituições e instâncias da sociedade alemã naquele período. Toda a população foi posta sob suspeita. Uma maneira de se livrar da pecha e de demonstrar profunda lealdade ao Estado era denunciando judeus. Por isso, de acordo com Guterman, os cidadãos que participaram da vida pública tiveram, direta ou indiretamente, responsabilidade na morte de judeus.

Esse perverso senso de responsabilidade foi demonstrado em 1961, no julgamento do carrasco nazista Adolf Eichmann, que recebeu ampla cobertura midiática e que originou o livro *Eichmann em Jerusalém*, da filósofa teuto-americana Hannah Arendt, publicado em maio de 1963. O advogado de Eichmann declarou à imprensa que seu cliente se considerava “culpado perante Deus, não perante a lei” (ARENDR, 1999, p.32). Ele cumprira ordens superiores, obedecera diretrizes. Não era pecado ou crime matar, e sim causar sofrimento desnecessário:

Quando o interrogador da polícia perguntou a Eichmann se a diretiva de “evitar sofrimento desnecessário” não era um pouco irônica, uma vez que o destino dessas pessoas era a morte certa, ele nem mesmo entendeu a pergunta tão fortemente enraizada em sua mente estava a ideia de que o pecado imperdoável não era matar pessoas, mas provocar sofrimento desnecessário. Durante o julgamento, ele mostrou sinais inconfundíveis de sincera indignação quando testemunhas falavam de crueldades e atrocidades cometidas por oficiais da SS – embora a corte e boa parte da plateia deixasse de perceber esses sinais, porque o esforço obsessivo de Eichmann para manter o autocontrole levou-as a pensar que ele era “impassível” e indiferente – e não foi a acusação de ter mandado milhões de pessoas para a morte que o deixou agitado, mas só a acusação (negada pela corte) de uma testemunha que disse que ele havia espancado um menino judeu até a morte. (ARENDR, 1999, p.125).

Essa mentalidade permitiu que a população alemã silenciasse quando os judeus foram mandados para os campos de concentração.

3. O horror dos campos de concentração

Logo que os nazistas chegaram ao poder, começaram a utilizar campos de concentração para confinar seus adversários políticos. No início, não parecia haver traços de antissemitismo, apenas uma faceta política: os campos confinavam comunistas e socialdemocratas. A função primordial desses locais era a de garantir a doutrinação e a conversão de opositores do Nazismo ao regime. Tanto que, ao serem libertados, os prisioneiros eram obrigados a assinar um documento no qual se comprometiam a não

tomar parte em atividades de subversão e oposição ao Reich. A partir de 1936, contudo, começou a haver uma expansão dos campos, que ficaram subordinados à SS e à autoridade pessoal de Heinrich Himmler. Antigos campos foram demolidos e novos foram erguidos (OVERY, 2009).

Himmler estava ciente da iminência de uma guerra e explicou ao Ministério da Fazenda que os campos seriam necessários para confinar inimigos e eventuais prisioneiros de guerra. A partir de 1938, ano de agudo recrudescimento da legislação antisemita na Alemanha e da anexação da Áustria, os judeus começaram a ser mandados para os campos de concentração.

Curioso notar que os campos tinham poucos criminosos: o estigma social ou o biológico definiam a ida para o campo. Assim, a maior parte da população desses lugares era de judeus, homossexuais, testemunhas de Jeová, alcoólatras, ciganos e vagabundos. Cada categoria correspondia a uma cor, a um grau de hierarquia no campo e a um tratamento diferenciado dos guardas. Os judeus estavam no patamar mais baixo dessa perversa pirâmide (OVERY, 2009).

Com a invasão da Polônia e o início da Segunda Guerra Mundial, uma organizada rede de campos se espalhou pela Europa. Esses campos eram locais de trabalho forçado onde grande parte dos prisioneiros morria devido à jornada exaustiva e às péssimas condições de alimentação.

No entanto, como a eliminação dos judeus era uma missão moral com a qual os nazistas estavam comprometidos, o trabalho de aniquilamento precisava ser feito de modo mais eficaz; por isso, a partir de 1941 as câmaras de gás começaram a ser empregadas para realizar o extermínio em massa de judeus. Uma complexa e eficiente rede de transportes e de deportações permitia que a população judaica das áreas ocupadas fosse mandada para a morte nesses locais.

Já na chegada aos campos, os prisioneiros passavam por um humilhante processo de desumanização: tinham um número tatuado no braço, recebiam uma sopa aguada e fervente, eram lavados em água fria e tinham a cabeça raspada. Depois, recebiam um uniforme e eram encaminhados ao desconfortável dormitório. As mulheres tinham os pelos púbicos raspados e eram obrigadas a ficar nuas sob o pretexto de uma inspeção médica. Os guardas faziam-nas abrir as pernas alegando que procuravam moedas em suas vaginas e no ânus (OVERY, 2009).

Sobre a sua experiência de prisioneiro em Auschwitz, o químico italiano Primo Levi escreveu que:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo do poço. Mais para baixo não era possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (LEVI, 1988, p.32).

O plano de exterminar todos os judeus do mundo não foi bem-sucedido graças a um detalhe: a Alemanha perdeu a guerra. Grã-Bretanha, Estados Unidos e, em menor proporção, França derrotaram a Alemanha na Frente Ocidental. Na Oriental, a União Soviética demonstrou seu poderio ao aniquilar o exército alemão. O mundo estava livre do Nazismo, mas não de seu legado ou de suas cicatrizes: o discurso antissemita de Hitler, que desumanizava os judeus e lhes imputava uma série de defeitos, traumatizou e para sempre as populações judaicas ao redor do mundo, sempre receosas de um possível retorno desse tipo de intolerância.

4. Os judeus e o antissemitismo nos Estados Unidos

No capítulo anterior, apoiados em *História dos Estados Unidos* (KARNAL ET AL, 2015), mencionamos alguns aspectos da história estadunidense que tencionamos relembrar para melhor analisar a situação do judeu no país: o fato de ter sido uma democracia baseada na supremacia do cristão branco protestante e o de ter recebido um grande fluxo de imigrantes entre o final do século XIX e o início do XX.

Nesse período, surgiram bairros marcados por concentração étnica, em que um grupo de imigrantes fixava residência. Em 1890, pelo menos 80% das populações de Chicago, Nova York, Milwaukee e Detroit era de imigrantes¹²². Esses bairros de população estrangeira, no início, tinham construções com condições de higiene e de saneamento básico demasiado precárias. Outro problema enfrentado pelos imigrantes foi o desinteresse dos sindicatos em ajudá-los¹²³ (KARNAL ET AL, 2015).

¹²² Para sermos exatos: 87% da população de Chicago, 80% da de Nova York e 84% das de Milwaukee e Detroit (KARNAL ET AL, 2015, p.179).

¹²³ Esse desinteresse também abarcava mulheres e negros, demonstrando a faceta racista, xenofóbica e misógina do movimento operário nos Estados Unidos. Aproveitando-se dessa dificuldade de integração, os patrões se valiam de imigrantes para furar greves e frustrar os objetivos dos movimentos trabalhistas (KARNAL ET AL, 2015).

Os últimos anos do século XIX também foram marcados pelo recrudescimento da xenofobia e pela criação de estereótipos para caracterizar algumas populações alienígenas, que viviam em um movimento ambíguo de assimilação e segregação:

Frequentemente, imigrantes não tinham outra escolha senão adaptar sua dieta, roupa, língua e estilo de vida ao padrão americano para tentar evitar maiores discriminações, inclusive no mundo do trabalho. Muitos chegavam motivados pelos sonhos sobre as possibilidades de sucesso nos Estados Unidos e, conscientemente, tentaram se integrar na sociedade. Alguns líderes comunitários e religiosos aconselhavam a adoção do *American Way of Life*, enquanto outros procuravam combater certos valores da cultura dominante distintos dos seus. (KARNAL ET AL, 2015, p.180).

Preocupado com o número de pessoas que rumava para o país, o governo dos Estados Unidos decretou o Ato de Imigração de 1924 que limitava o número de imigrantes a 150 mil por ano, muito pouco, em comparação com o que os Estados Unidos já receberam.

Alguns imigrantes foram mais bem-sucedidos em comparação a outros. Os alemães, por exemplo, integraram-se de modo mais fácil do que os irlandeses. Os judeus também tiveram mais êxito econômico do que a maioria. Mesmo assim, alguma estabilidade econômica não lhes permitiu escapar dos preconceitos e das garras do antissemitismo. A Ku Klux Klan, por exemplo, renasceu nos anos 1910 e 1920, pregando ódio aos negros, aos imigrantes, às mulheres do movimento feminista, aos católicos e aos judeus (KARNAL ET AL, 2015).

Em mídias como o cinema, por exemplo, os judeus tampouco tiveram representações lisonjeiras. Filmes da primeira década do século XX, como *Levitsky Insurance Policy* (de 1903) e *Cohen's Advertising Scheme* (1904) tendiam a retratá-los como trapaceiros, gananciosos, inconfidentes, sedentos de dinheiro e providos de uma corcunda e um nariz adunco. Mesmo na década de 1920, quando muitos judeus controlavam os principais estúdios de Hollywood (Universal, Paramount, MGM, Columbia e Warner Brothers¹²⁴) e havia muitos judeus como diretores, atores, técnicos ou demais trabalhadores da indústria cinematográfica, o receio do antissemitismo perdurou: os filmes dos anos 1920 e 1930 tendiam a mostrar uma imagem dos Estados

¹²⁴ Segundo Benschoff e Griffin, a Warner Brothers foi o primeiro estúdio a criticar abertamente a Alemanha Nazista, mesmo antes da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. O filme *Confessions of a Nazi Spy* (1939) gerou até mesmo uma audiência no Senado que acusava a produtora de induzir os Estados Unidos a entrarem na guerra. Os outros estúdios se abstiveram de criticar a Alemanha Nazista ou de denunciar o antissemitismo para evitar o comprometimento de seus contratos de distribuição de filmes para a Alemanha (BENSCHOFF, GRIFFIN, 2004, p.70).

Unidos como uma nação branca e cristã; raramente havia personagens judias; e atores de origem judaica foram instados a adotar um nome artístico mais americanizado – Danielovitch Demsky e Bernard Schwartz apareciam nos créditos das produções de que participavam como Danny Kaye e Tony Curtis, respectivamente¹²⁵ (BENSHOFF, GRIFFIN, 2004, p.68-69).

Outro caso emblemático é o do *The New York Times*, talvez o mais famoso jornal dos Estados Unidos e um dos mais proeminentes do mundo. Comprado pelo descendente de alemães Adolph Ochs, que também era judeu, em 1896 e alçado ao posto de um dos pilares da imprensa americana no século XX, o jornal era particularmente delicado ao tratar de questões concernentes ao judaísmo e ao antissemitismo. Coincidência ou não, na década de 1930, mesmo com forte presença de judeus, o jornal nunca tivera um diretor de redação proveniente da comunidade judaica. Coincidência ou não, o veículo, nesse período, permitia a seus repórteres apenas assinarem seus textos com as iniciais e o último sobrenome; dessa maneira, jornalistas com nome judaico, como Abraham Henry Raskin viam suas matérias assinadas como A. H. Raskin¹²⁶. Dizia-se, à época, que o *The New York Times* era um jornal de judeus, editado por católico para protestantes. Segundo Gay Talese, a linha editorial do veículo tinha bastante clareza quanto ao desejo de não ser visto como um meio de comunicação dos judeus:

O New York Times não quer ser visto como um “jornal judeu”, o que de fato não é, para provar isso às vezes assume posições de compromisso, que parecem não naturais, contorcidas, tentando equilibrar os dois lados, cauteloso para não ofender, desejando ser aceito e respeitado pelo que é – um bom jornal feito para os cidadãos, obediente às leis e leal, apoiando solidamente os melhores interesses da nação na paz e na guerra. (TALESE, 2000, p.103).

¹²⁵Com a vitória dos Estados Unidos e de seus aliados na Segunda Guerra Mundial, bem como com a divulgação dos horrores do Holocausto, o antissemitismo no país começou a se atenuar. O primeiro filme sobre o antissemitismo nos Estados Unidos, *Gentleman's Agreement*, de 1947, foi produzido justamente por um estúdio que não era controlado por judeus, a 20th Century Fox, e, em 20 de março de 1948, foi laureado com três Oscars: Melhor Filme, Melhor Atriz Coadjuvante e Melhor Diretor. Já na década de 1950, alguns filmes de Hollywood representavam judeus como minorias oprimidas em narrativas bíblicas. Havia, sim, uma denúncia ao preconceito, mas que era atenuada pelo distanciamento histórico. Já na década de 1960, uma nova geração de atores e diretores judeus emergiu: Woody Allen, Dustin Hoffman, Barbra Streisand e Elliot Gould. No entanto, diferentemente das estrelas cinematográficas dos anos 1930, eles não precisaram adotar um nome artístico (BENSHOFF, GRIFFIN, 2004, p.70-71).

¹²⁶Nascido em 26 de abril de 1911, Raskin entrou no *The New York Times* em março de 1934, entre algumas idas e vindas, deixou a publicação em 1977 apenas. Ele foi um importante jornalista da história da publicação. Curiosamente, seu obituário, publicado em 23 de dezembro de 1993, teve como título *A. H. Raskin, 82, repórter e editor do Times, morre*. O texto, assinado por Richard Severo (exatamente assim, com nome e sobrenome), só informou o nome completo de Raskin em uma única ocasião, no décimo segundo parágrafo. Até então, Severo o tratou por A. H. Raskin (na primeira linha do texto) e por Mr. Raskin (no restante da notícia)

Um exemplo dessas posições de compromisso que não parecem naturais foi do publisher do jornal, Arthur Sulzberger, genro de Ochs, que, em 1939, se opôs à nomeação do jurista judeu Felix Frankfurter para a Suprema Corte, pensando que isso poderia alimentar o antissemitismo nos Estados Unidos (TALESE, 2000, p.102).

Se dentro da redação do *The New York Times*, sobretudo nas décadas de 1930, 1940 e 1950, a questão do antissemitismo preocupava a direção do jornal, é porque fora dela essa prática era uma realidade que impactava em graus diferentes a vida de muitos judeus, dentre os quais a de um rapaz nascido em 1933, na cidade de Newark, Nova Jérsei: Philip Roth.

Herman Roth, pai de Philip, nas décadas de 1930 e 1940, trabalhava seis dias por semana na corretora de seguros Metropolitan Life. O filho via o pai sair às 7 horas da manhã e voltar às 22. Herman era feliz por ter um emprego à época da Grande Depressão. Ele ocupava o cargo de diretor-adjunto em uma sucursal da companhia. Subira tanto quanto possível – pois havia uma enorme dificuldade de que judeus ocupassem cargos executivos em empresas. As exceções eram raras. (ROTH, 2014, p.33-35).

Quando criança, o menino Philip, durante férias de verão em Bradley Beach, no litoral de Nova Jersey, testemunhou uma faceta mais violenta do antissemitismo também: jovens que gritavam “Cães judeus!” ou “Judeus infectos!” e agrediam os que não conseguiam correr para longe deles (ROTH, 2014, p.36).

Mesmo assim, a hostilidade antissemítica que Philip Roth vivenciou não foi a mesma que seus pais e avós, estes imigrantes da Galícia polonesa, tiveram de enfrentar, de acordo com a biógrafa do autor, Claudia Roth Pierpont:

Mas, de um modo geral, sua experiência de antissemitismo não foi a de uma perseguição brutal fluindo diretamente de sua fonte gentia, não foi o tipo de antissemitismo que moldara a vida de seus avós e ainda ecoava na mente de seus pais. O mais comum era presenciar em primeira mão as deformações que esse tipo de perseguição provocara nas gerações mais antigas de judeus ao seu redor: o rígido cumprimento de normas, a necessidade de causar boa impressão, o medo de sair da linha e implicar um povo inteiro em qualquer opróbio pessoal. Se o hábito de seu pai cumprimentar e puxar conversa com todo mundo que encontrava fora motivo de embaraço quando garoto, Roth esclarece que acabou reconhecendo nesse comportamento não só a tarimba do vendedor mas também o desejo de “atenuar o antissemitismo e mostrar a todos que ele era uma pessoa simpática e normal”. (PIERPONT, 2015, p.34-35).

Esse “medo de implicar um povo em qualquer opróbio pessoal” também se refletia nas relações familiares. Quando um tio de Philip Roth, a quem este chama de Bernie, decidiu divorciar-se para casar-se com uma mulher mais jovem, teve de enfrentar a

desaprovação dos parentes mais próximos, pois atentara contra a indissolubilidade da família judaica (ROTH, 2014, p.26-27).

O desejo de transmitir uma imagem positiva aos gentios ficou ainda mais agudo com a representação do judeu na propaganda e no cinema nazista. A força dessa mentalidade pode ajudar a entender como a publicação do conto *O Defensor da Fé*, escrito por Philip Roth, em abril de 1959 na revista *The New Yorker*, recebeu tantas críticas no seio da comunidade judaica. A história versava sobre um inescrupuloso soldado judeu que, aproveitando-se do fato de o sargento de seu regimento também ser judeu, tentava manipular este para conseguir favores. O texto trazia dois problemas: a representação de um judeu manipulador e o fato de ter sido publicado em uma prestigiosa revista de circulação nacional, muito popular entre os não-judeus. As reações ao conto foram bastante agudas na comunidade judaica (ROTH, 2014, p.140).

No ensaio *Writing About Jews*, publicado na revista *Commentary* de dezembro de 1963 e presente no livro *Reading Myself and Others*, Roth expôs fragmentos de algumas das cartas que ele e a direção da revista receberam:

Senhor Roth:

Apenas com o seu conto “O Defensor da Fé”, o senhor causou tanto dano quanto todas as organizações antisemitas causaram fazendo as pessoas acreditarem que todos os judeus são trapaceiros, mentirosos e coniventes. Seu conto faz as pessoas – o público em geral – esquecerem todos os bons judeus que viveram, todos os rapazes judeus que serviram bem as Forças Armadas, todos os judeus que têm vidas honestas e duras ao redor do mundo...¹²⁷. (ROTH, 2001, p.203).

Prezado Senhor,

Nós discutimos esse conto de todos os ângulos possíveis e não conseguimos fugir da conclusão de que ele causará um irreparável dano ao povo judeu. Sentimos que esse conto apresenta uma imagem distorcida do soldado judeu médio e nos custa entender como uma revista de boa reputação como a sua publicaria um esse texto, que fornece combustível para o antissemitismo.

Clichês como “isso é Arte” não serão aceitáveis. Uma resposta será apreciada¹²⁸. (ROTH, 2001, p.203).

¹²⁷No original: “Mr. Roth:

With your one story, “Defender of the Faith, you have done so much harm as all the organized anti-Semitic organizations have done to make people believe that all Jews are cheats, liars, connivers. Your one story makes people – the general public – all the great Jews who have lived, all the Jewish boy who served well in the armed services, all the Jews who live honest and hard lives the world over”. Tradução minha.

¹²⁸No original: “Dear Sir:

....We have discussed this story from every possible angle and we cannot escape the conclusion that it will do irreparable damage to the Jewish people. We feel that this story presented a distorted picture of average Jewish soldier and are at a loss to understand why a magazine of your fine reputation should publish such a work which lends fuel to anti-Semitism.

Cliché like “this being Art” will not be acceptable. A reply will be appreciated”. Tradução minha.

Prezado –,
 O que está sendo feito para silenciar esse homem? Judeus medievais teriam sabido o que fazer com ele...¹²⁹. (ROTH, 2001, p.204).

O Defensor da Fé e outros cinco contos foram publicados em livro, intitulado *Adeus, Columbus*, em maio de 1959. Na visão do autor, alguns círculos judeus consideraram o seu livro uma espécie de *Mein Kampf* (ROTH, 2001, p.134). A obra recebeu o National Book Award for Fiction de 1960 e o Daroff Award do Jewish Book Council of America. Após a publicação do livro, Roth passou a ser convidado para dar palestras sobre seus contos em universidades, centro comunitários judaicos e em outras instituições. Em um desses eventos, em 1962, na Universidade de Yeshiva, em Nova York, o mediador perguntou a Roth se este teria escrito os mesmos contos se vivesse na Alemanha Nazista. A indagação deixou o autor estupefato. Ao longo do debate, a plateia foi ficando cada vez mais hostil a ponto de quase ter agredido o escritor. Já no final da noite, quando era preciso conter a parte da audiência que queria agredir Roth, um ouvinte gritou que o escritor fora alimentado com literatura antissemita, a literatura inglesa (ROTH, 2014, p.153-154).

O incidente deixou Roth extremamente abalado. Tanto que, na mesma noite, o escritor prometeu para si mesmo que nunca mais escreveria sobre judeus.

Nada mais distante da verdade.

Em fevereiro de 1969, Philip Roth publicou *O complexo de Portnoy*, obra que vendeu 400 mil exemplares naquele ano, permitindo ao autor viver exclusivamente da escrita e garantindo-lhe estabilidade econômica. O *best-seller* foi classificado pelo professor Gershom Scholem, um dos mais eminentes estudiosos do misticismo judaico e notório professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, em texto publicado no jornal *Há'aretz*, como o livro pelo qual todos os antissemitas do mundo estavam esperando. Scholem ainda profetizou que os judeus pagariam caro pela publicação de uma obra como aquela (REMNICK, 2006).

5. Fatores que inibem a sexualidade de Portnoy

Nos tópicos precedentes, examinamos que o Holocausto teve efeitos contraditórios na comunidade judaica. Por um lado, a divulgação das nefandas ações de

¹²⁹ No original: “Dear –,
 What is being done to silence this man? Medieval Jews would have known what to do with him...”. Tradução minha.

Hitler e os depoimentos de sobreviventes tiveram o efeito de atenuar e até tornar impopular o antissemitismo no país; por outro, levaram os judeus a desenvolver um forte senso de autovigilância, exortando a comunidade judaica a ter uma conduta irrepreensível, para não ter atitudes que ensejassem a ressurreição dos estereótipos criados pelos nazistas. Vícios eram recriminados. Se expostos diante da comunidade não-judaica, eram motivo de vergonha.

No entanto, em 1969, os judeus já haviam obtido a aceitação da sociedade americana. Tão profunda foi essa aceitação que a sensibilidade judaica se tornara parte da cultura popular dos Estados Unidos, com símbolos, anedotas, histórias e fábulas. Havia, pois, uma dualidade na geração de Roth: o horizonte de possibilidades de que dispunha um rapaz judeu e o legado de estigmatização que a geração anterior sofrera. Roth foi muito hábil ao descrever como esse legado poderia impactar a vida de um homem (ISRAEL, 2012).

O menino Alexander Portnoy é criado na época da Segunda Guerra Mundial. Portanto, a sua família ainda convive com manifestações de antissemitismo: seu pai, por exemplo, conquanto seja um incansável e eficiente trabalhador, não consegue ser nomeado gerente regional na Boston & Northeastern, a companhia de seguros em que trabalha. Este, no entanto, não chega a ser o episódio mais grave. O desenho de uma suástica no antigo lar dos Portnoy os leva a mudarem-se de Jersey City para Newark.

Vivendo em um bairro judeu e estudando em uma escola judaica, não chega a ser surpresa o fato de a primeira distinção aprendida em sua vida é entre judeus e góis (como aqueles chamam os que não seguem o judaísmo). Portnoy observa uma lógica dual norteando a sua infância: se algo é ruim, é proveniente do mundo góis; se é bom, do judeu¹³⁰. Nesse ambiente, que coloca barreiras tão claras entre judeus e não-judeus, no qual existe um rol de pequenas regras de comportamento, de proibições e de superproteção, que Alexander Portnoy é criado.

A mãe de Alexander representa a força, o poder e o ciúme do deus de Israel. Ela é a pessoa de cujas infinitas exigências Alex não consegue se livrar. A percepção da ubiquidade da progenitora provoca a primeira ansiedade moral em Alexander: sabendo ser observado pela mãe de alguma forma, ele é impelido a ser honesto. A estrutura do relacionamento de Alex e sua mãe é similar à de Deus e Israel. A onisciência de Sophie

¹³⁰ O grau de segregação é tamanho que Alexander Portnoy só se recorda de duas pessoas que não fossem judias que tenham pisado na casa de seus pais: uma colega de trabalho de seu pai e a faxineira, mas esta, por ser negra, não entra na contagem.

lembra a divina: está sempre assistindo, observando (ISRAEL, 2012, p.251). Ele qualifica os pais, Jack e Sophie, como “...os maiores produtores e vendedores de culpa do século¹³¹” (ROTH, 2004, p.40). Se os pais produzem e vendem, Alexander Portnoy absorve; ele se diz marcado dos pés até a cabeça por suas repressões.

É nesse contexto de vigilância, proteção, proibições e culpa que, com um movimento ambíguo, Alexander Portnoy desenvolve a sexualidade. Se, por um lado, ele deseja “liberar a libido desse bom menino judeu” (ROTH, 2004, p.120) e não considera liberdade sexual um crime, por outro, é totalmente marcado pela culpa. As primeiras manifestações de sua sexualidade começam com um ímpeto masturbatório quase irreprimível, conforme indicam os excertos abaixo:

Não obstante, eu era de todo incapaz de manter as patas longe do pau no momento em que ele começava a subir em direção à barriga. No meio da aula, eu levantava a mão e pedia licença para sair, ia correndo até o banheiro e, com dez ou quinze sacudidas desesperava, gozava em pé diante do mictório. Nas tardes de sábado, no cinema, eu me levantava dizendo aos amigos que ia comprar balas – e ia parar numa poltrona remota, no balcão, vertendo minha semente dentro de um embrulho vazio de barra de chocolate. (ROTH, 2004, p.23)¹³².

Se ao menos eu pudesse me contentar com uma punheta por dia, ou no máximo duas, até mesmo três! Mas, como meu destino parecia selado, comecei a estabelecer novos recordes. Antes das refeições. Após as refeições. *Durante* as refeições. Em pleno jantar, me levanto de um salto, apertando o ventre num gesto trágico – diarreia! Exclamo, estou com diarreia! – e, tendo trancado a porta do banheiro, coloco na cabeça uma calcinha que roubei da gaveta de minha irmã e levo dobrada dentro do lenço no bolso¹³³. (ROTH, 2004, p.24-25).

Eu não podia nem pensar em tomar um copo de leite junto com um sanduíche sem cometer uma ofensa grave contra Deus Todo-Poderoso. Imagine o quanto não me pesava aquela punhetaria desenfreada! Quanta culpa, quantos medos – o terror me corroía os ossos¹³⁴! (ROTH, 2004, p.39).

¹³¹ No original: “*outstanding producers and packagers of guilt in our time*”. (ROTH, 2005, p.36).

¹³² No original: “*I was wholly incapable of keeping my paws from my dong once it started the climb up my belly. In the middle of a class I would raise a hand to be excused, rush down the corridor to the lavatory, and with ten or fifteen savage strokes, beat off standing up into a urinal. At the Saturday afternoon movie I would leave my friends to go off to the candy machine – and wind up in a distant balcony seat, squirt my seed into the empty wrapper from a Mounds bar*”. (ROTH, 2005, p.18).

¹³³ No original: “*If only I could cut down to one hand-job a day, or hold the line at two, or even three! But with the prospect of oblivion before me, I actually began to set new records for myself. Before meals. After meals. During meals. Jumping up from the dinner table, I tragically clutch at my belly – diarrhea! I cry, I have been stricken with diarrhea! – and once behind the locked bathroom door, slip over my head a pair of underpants that I have stolen from my sister’s dresser and carry rolled in a handkerchief in my pocket*”. (ROTH, 2005, p. 19-20).

¹³⁴ No original: “*I couldn’t even contemplate drinking a glass of Milk with my salami sandwich without giving serious offense to God Almighty. Imagine then what my conscience gave me for all that jerking off! The guilt, the fears – the terror bred into my bones!*”. (ROTH, 2005, p.34-35).

Alexander Portnoy tem um grande receio: ser pego se masturbando e macular a sua imagem do bom menino judeu detentor das melhores notas na escola. Além disso, segundo o próprio Roth, a última coisa que se esperaria dos judeus seria a perda do controle de sua libido em público:

Em resumo: perder o controle em público é a última coisa que se espera de um judeu. Seja por ele mesmo, por sua família, pelos outros judeus e pela larga comunidade de cristãos, cuja tolerância frequentemente é tênue e cujo código de respeitabilidade ele ostenta ou viola por sua própria conta e risco, talvez arriscando o bem-estar físico e social dos outros judeus. (...) Não se espera que ele faça um espetáculo acerca de si próprio, seja espalhando seus segredos ou espalhando seu sêmen¹³⁵. (ROTH, 2001, p.258).

Novamente, permanece a ideia de que um pecado pessoal pode implicar todo um povo.

Pecado? Sim, pois, para ele, a masturbação era uma “infâmia¹³⁶” (ROTH, 2004, p.23).

5.1. Discursos da ciência e da religião sobre a masturbação

Aliás, não só para ele, mas para a tradição judaica, cujos rabinos, líderes espirituais, ao interpretar a lei de Niddah no Talmude Babilônico, um dos livros sagrados do Judaísmo, avaliaram que a mão masculina que descesse abaixo do umbigo com frequência deveria ser cortada. O Rabino Eliezer condenava até mesmo que os homens segurassem seus pênis durante o ato de urinar. Ademais, o Pentateuco (ou Torá), os cinco primeiros livros do Velho Testamento, a base da religião judaica, com a história de Onan, condenava o “desperdício das sementes” (LAQUEUR, 2003).

No entanto, a ideia da masturbação como algo inaceitável do ponto de vista moral não repousava apenas no discurso religioso. A Medicina, ao longo dos séculos XVIII, XIX e início do XX¹³⁷, ajudou a reforçar esse discurso. Como a causa de muitas doenças era desconhecida nesse período, atribuíram a etiologia delas à masturbação. Pulularam

¹³⁵No original: “*In brief: going wild in public is the last thing in the world that a Jew is expected to do – by himself, by his Family, by his fellow Jews, and by the larger community of Christians whose tolerance for him is often tenuous to begin with, and whose code of respectability he flaunts or violates at his own psychological risk, and perhaps at the risk of his fellow Jews’ physical and social well-being. Or so history and ingrained fears argue. He is not expected to make a spectacle of himself, either by shooting off his mouth, or by shooting of his semen, and certainly not by shooting off his mouth about shooting out his semen*”. Tradução minha.

¹³⁶No original: “*loathsomeness*” (ROTH, 2005, p.18).

¹³⁷ Segundo Laqueur, até o século XVIII, a Medicina e a religião não se preocupavam muito com o tema.

tratados nas Ciências Médicas nos quais a prática masturbatória era considerada como causa da cegueira, deformações no corpo, insanidade e morte (LAQUEUR, 2003).

Na Inglaterra, eram comercializados cintos de castidade, alguns dos quais com pequenos sinos, que ressoavam quando o menino tocava os genitais ou quando atingia a ereção (TALESE, 2002, p.55).

Em algum momento, entre o final do século XIX e a terceira década do século XX, o discurso da medicina deixou de tratar a masturbação como problema. Círculos de especialistas já na década de 1930 consideravam-na como atividade benigna. No entanto, a cultura popular da década de 1950 ainda reproduzia os discursos que difundiam que a masturbação poderia causar cegueira e paralisia¹³⁸ (LAQUEUR, 2003).

O desenvolvimento de ciências como a Química, a Biologia e Farmácia, por exemplo, contribuiu, de modo significativo, para a derrubada desses mitos. Uma doença cuja causa deixou de ser atribuída à masturbação na década de 1900 foi a Tuberculose. Alguns médicos de áreas específicas também contribuíram para a superação desses discursos: o internista Hermann Nothnagel declarou que a masturbação era insignificante na causa de epilepsia; Eduard Hitzig, neurologista pioneiro no estudo da excitação elétrica de cérebro, concluiu que a masturbação não causava atrofia cerebral; Albert Eulenburg, também neurologista, determinou que a masturbação não era a causa de atrofia muscular. Os três eram alemães (LAQUEUR, 2003).

Na Psicanálise, Freud avaliou a masturbação como um estágio do desenvolvimento social do ser humano. No entanto, a persistência da masturbação após a infância se constituiria em um desvio no desenvolvimento da personalidade e do caráter de um homem civilizado (LAQUEUR, 2003).

Alexander Portnoy ecoa o discurso médico de que a masturbação é a causa de diversos males, bem como o religioso de que é um pecado. Pensa que seu órgão sexual vai sangrar porque se masturba quatro vezes em um dia. Vê uma mancha em seu pênis e conclui que é câncer, causado pelas excessivas sessões de sexo solitário. A consequência do câncer é a morte, o que, para ele, é melhor do que ser apanhado se masturbando, uma vergonha suprema. Por isso, ele sempre procura limpar cuidadosamente os vestígios de seu ato. Ademais, para ele, um masturbador é um companheiro de vício.

5.2. Sexualidade impura

¹³⁸ Para Laqueur, um livro como *O Complexo de Portnoy* só poderia ter sido escrito depois da década de 1930 (LAQUEUR, 2003, p.361).

Se a masturbação era impura, associada à sujeira e à insalubridade, o sexo, na obra, também é retratado dessa forma em diversas ocasiões:

Eu, por mim, jamais teria chegado perto daquela piscina, nem que me pagassem – é um viveiro de poliomielite e meningite, para não falar em doenças da pele, do couro cabeludo e do cu –; dizem até que um garoto de Weequahic uma vez pisou no lava-pés entre o vestiário e a piscina e saiu do outro lado sem as unhas dos pés. E no entanto é lá que a gente encontra garotas que trepam. Tinha que ser lá, não é? É justo lá que a gente acha o tipo de shikse que Topa Tudo! Assim, é preciso correr o risco de pegar poliomielite na piscina, gangrena no lava-pés, ptomaína no cachorro-quente e elefantíase no sabonete e nas toalhas para talvez conseguir comer alguém¹³⁹. (ROTH, 2005, p.157).

Aqui vemos que, para Portnoy, somente em lugares infectados seria possível encontrar alguma garota que concordasse em realizar o ato sexual. Não era, contudo, qualquer garota: era uma *shikse*, pois uma menina judia, submetida a tantas restrições e subserviente a códigos morais, não faria esse tipo de coisa. A piscina da qual Portnoy não quer se aproximar é a do Olympic Park, o local onde seu amigo Smolka conhece Bubbles Girardi, descendente de italianos, a *shikse* que “topa tudo”.

Em um momento futuro na obra, Portnoy recebe a notícia do assassinato de Girardi, uma ação justa, de acordo com o ponto de vista dele:

Eis aí um caso de causas e efeitos que confirma minhas crenças a respeito das vidas humanas! Uma menina má, depravada, que vivia chupando tudo que era garoto, terminou assassinada por um crioulo. Era assim que o mundo deveria ser!¹⁴⁰ (ROTH, 2004, p.167).

Por outro lado, causa-lhe espécie que seu amigo Smolka, um rapaz que manifestava sua sexualidade sem tantos pudores, seja docente em Princeton. Para Portnoy, o lógico seria que Smolka estivesse na cadeia.

Além disso, embora Portnoy queira liberar a própria libido e vivenciar a sexualidade desprovido de culpa, quando relaciona-se com uma mulher que explora plenamente a própria sexualidade (Mary Jane Reed, apelidada de Macaca), a condena com veemência. Tudo é motivo para críticas e sanções: o modo como a conhece; as

¹³⁹No original: “For myself, I wouldn’t go near that pool if you paid me – it is a breeding ground for polio and spinal meningitis, not mention diseases of the skin, the scalp, and the asshole – it is even rumored that some kid from Weequahic once stepped into the footbath between the locker and the pool and actually came out at the other end without his toenails. And yet that is where you find girls who fuck. Wouldn’t you know it? That is the place to find the kinds of shiksas Who Will Do Anything! If only a person is willing to risk polio from the pool, gangrene from the footbath, ptomaine from the hot dogs, and elephantiasis from the soap and the towels, he might possibly get laid”. (ROTH, 2005, p.165).

¹⁴⁰No original: “There’s a case of cause and effect that confirms my ideas about human consequence! Bad enough, rotten enough, and you get your cock-sucking head blown off my boogies. Now that’s the way the world’s supposed to be run!” (ROTH, 2005, p. 176).

peripécias que realizam na cama (quando diz a ela, após vê-la prestes a pegar um taxi, que gostaria de fazer sexo oral na moça e ela aceita); a vida sexual dela anterior a ele (o fato de já ter se prostituído, de já ter sido casada e de já ter participado de sexo a três); as roupas que ela usa, o tamanho das nádegas da moça; a falta de domínio de ortografia e gramática; a ignorância literária, entre outros fatores. Portnoy se pergunta como seria possível continuar com ela, uma vez que é incapaz de respeitar o comportamento dela (ROTH, 2004, p.202). O seguinte fragmento é bastante elucidativo acerca de como ele enxerga a parceira:

É uma mulher que eu peguei na rua! Que me chupou antes mesmo de saber meu nome! Que já se vendeu em Las Vegas, quem sabe até em outros lugares! Olhe só para ela – uma autêntica mulher de gângster! O Comissário adjunto de Recursos Humanos com uma mulher de gângster! Mas em que espécie de sonho estou vivendo? Para mim, andar com uma pessoa assim é um *equivoco total!* Não faz nenhum sentido! Um desperdício de energia, tempo e dignidade para todas as pessoas envolvidas!¹⁴¹ (ROTH, 2004, p.198).

Ao se incomodar com o comportamento de Mary Jane Reed, Portnoy está ecoando os discursos de moralidade sexual e das restrições com os quais tem contato desde a infância. Ao considerar Reed uma prostituta – não uma mulher de qualidade (ROTH, 2004, p.203) – um ser ineducável e inaproveitável (ROTH, 2004, p.195) e ao frisar a necessidade de ser discreto na vida pública, Portnoy está simplesmente transpondo os discursos decorrentes do legado de estigmatização para a companheira. Ele perpetua a práxis de oprimir, o que muda é apenas o ser oprimido: antes os judeus; agora uma mulher. Por achar que a simples aparência dela revelaria ao mundo o fato de Portnoy ser um judeu que gosta de fazer sexo, ele reluta em apresentá-la aos pais, conforme fica claro no seguinte excerto:

Essa garota é do tipo que a gente vê pendurada no braço de um mafioso ou de um astro do cinema, e não do primeiro aluno da turma de Weequahic High School! Nem do diretor da Columbia Law Review! Nem de um ilícito defensor dos direitos civis! Falando às claras: mesmo não sendo puta, no mínimo piranha ela é, não é? Quem vê a Macaca comigo sabe perfeitamente qual o meu objetivo na vida. É o que meu pai chamava de ‘assanhada’. É claro! E eu posso levar uma assanhada para casa, doutor? ‘Mamãe, papai, esta assanhada aqui é a minha esposa. Ela é um pedaço de mau caminho, não é?’ Se eu a assumir por completo, o senhor compreende, o bairro inteiro vai finalmente ficar sabendo que no fundo eu quero mesmo é sacanagem. O suposto gênio

¹⁴¹ No original: “*This is somebody whom I picked up off the streets! Who sucked me off before even knew my name! Who once peddled her ass in Las Vegas, if not elsewhere! Just look at her – a moll! The Assistant Human Opportunity Commissioner’s moll! What kind of dream am I living in? Being with such a person a person for me is all wrong! Mean-ing-less! A waste of everybody’s energy, character and time!*” (ROTH, 2005, p.210).

vai se revelar um porco imundo, cheio de desejos indecentes¹⁴² (ROTH, 2005, p.190).

5.3. A conquista da América

Temos, pois, o discurso religioso recriminando as práticas masturbatórias, a persistência do discurso científico agindo na mesma direção, a necessidade de moralidade imposta pelos próprios judeus, temerosos do retorno de estereótipos criados pelo discurso nazista, tudo isso inibe a sexualidade de Alexander Portnoy. Com todas essas restrições na mente, podemos concluir que a referida “punhetaria desenfreada” pesava muito sobre ele.

Não chega a causar surpresa, portanto, o fato de Portnoy querer ter relações pessoais e sexuais fora do círculo judaico. Ele quer as *shiksas* (ou *shikses*), garotas não-judias. Um relacionamento com uma gentia, no entanto, dificilmente seria aceito por sua família. Já houvera um caso nos Portnoy em que o pai subornou a namorada não-judia do filho para que ela rompesse a relação¹⁴³.

Assim, Portnoy sente-se atraído apenas por mulheres gentias. No entanto, não é qualquer tipo de moça que lhe desperta interesse: ele tem preferência pelas loiras, pois os “cristãos loiros são os moradores legítimos, os verdadeiros proprietários deste lugar¹⁴⁴ [os Estados Unidos]” (ROTH, 2004, p.140). Portnoy admite que esse desejo por uma americana loira e cristã foi construído e mediado por estrelas de cinema, como Ann Rutherford e Alice Faye. O cinema é o espaço no qual ele descobre a garota americana estereotipada, imagem indelevelmente marcada em seu imaginário (GROSS, 1981, p.84).

Portnoy deseja ter relações sexuais com garotas de 48 dos 50 estados do país, menos as do Alasca e do Havaí, mulheres com as quais ele diz não ter contas a acertar, pois são, para ele, esquimós e orientais (ROTH, 2004, p.222), não são loiras; talvez não sejam protestantes, não são americanas. Assim como para os chineses, para as alaskianas

¹⁴² No original: “*This is the kind of girl ordinarily seen hanging from the arm of a Mafiosa or a movie star, not the 1950 valedictorian of Weequahic High! Not the editor of the Columbia Law Review! Not the high-minded civil-libertarian! Let’s face it whore or no whore, this is a clear-cut tootsie, right? Who looks at her with me knows precisely what I am after in this life. This is what my father used to call ‘a chippy’ And can I bring home a chippy, doctor? ‘Momma, Poppa, this is my wife, the chippy. Isn’t she a wild piece of ass?’ Take her fully for my own, you see, and the whole neighborhood will know the truth about my dirty little mind*” (ROTH, 2005, p.200-201).

¹⁴³ Quem teve essa atitude foi Tio Hyme. Ele disse à então namorada do filho que este tinha uma doença grave, instou a moça a romper o relacionamento e ainda deu-lhe dinheiro por isso.

¹⁴⁴ No original: “*...these blond-haired Christians are the legitimate residents and owners of this place...*” (ROTH, 2005, p.146).

e havaianas, Portnoy – e os judeus em geral – devem apenas parecer “uma variedade mais nariguda de WASP¹⁴⁵” (ROTH, 2004, p.89).

Ao entrar na universidade, Portnoy, já longe do olhar repressor dos pais, tem a chance de conhecer e se relacionar com garotas que não-júdiás. A primeira namorada dele é justamente uma típica garota dos Estados Unidos: Kay Campbell. Natural de Iowa, Meio-Oeste do país, a moça tem algumas características que Portnoy prezava: nome e sobrenome americanizados, cabelos loiros, ascendência protestante, beleza, excelência acadêmica (era a melhor da turma de literatura inglesa) e bons modos (nunca alteia a voz ao argumentar). O único defeito, para Portnoy, são os seios, que são demasiado pequenos. “Eu a apelidei de Abóbora, por causa da cor da pele e do tamanho do traseiro. E também por sua solidez: rígida como uma cabaça em questões de princípios morais, de uma teimosia linda, que eu não podia deixar de invejar e adorar¹⁴⁶” (ROTH, 2004, p.205).

Em 1950, no seu primeiro feriado na universidade, em lugar de voltar a Newark para visitar a família, Portnoy aceita o convite de Kay Campbell para passar o feriado do Dia de Ação de Graças em Iowa, na casa dos pais dela. Nesse feriado, Portnoy vivencia emoções contraditórias, com um choque de discursos em seu próprio âmago. Por um lado, ele fica fascinado por estar distante de Newark (apenas geograficamente), em uma casa típica de uma família americana branca e protestante; por outro, ele ainda mantém a paranoia de higiene e de estigmatização:

Até o mês de setembro daquele ano eu nunca estivera a oeste do lago Hopatchong em Nova Jersey – e eis que agora estou em Iowa! E com uma loura! Cristã! Quem terá ficado mais estarecido com essa deserção, minha família ou eu? Que ousadia! Ou será que era uma ousadia de sonâmbulo¹⁴⁷? (ROTH, 2004, p.208).

Em seguida, tenho de decidir se forro ou não o assento. Não é uma questão de higiene, tenho certeza de que o lugar é limpo, impecável, lá a sua maneira anti-séptica góí: a questão é se ainda está quente do contato com uma bunda Campbell – a da mãe dela! Mary! Maria, mãe também de Jesus Cristo! Em respeito à minha própria família, eu bem que podia colocar um pouco de papel em volta; não custa nada, e ninguém vai ficar sabendo, não é? *Eu* vou ficar sabendo! *Eu!* Assim, sento sem nenhuma proteção – e não é que está mesmo quente? Ih, aos

¹⁴⁵ No original: “...some variety of WASP” (ROTH, 2005, p.90).

¹⁴⁶ No original: ““The Pumpkin” is what I called her, in commemoration of her pigmentation and size of her can. Also her solidity: hard as a ground on matters of moral principle, beautifully stubborn in a way I couldn’t but envy and adore”. (ROTH, 2005, p.216).

¹⁴⁷ No original: “Till September I had never been farther than Lake Hopatcong in New Jersey – now I am of to Ioway! And with a blondie! Of the Christian religion! Who is more stunned by this desertion, my family or me? What daring! Or was I more daring than a sleepwalker?” (ROTH, 2005, p.219-220).

dezessete anos de idade já estou roçando na bunda do inimigo¹⁴⁸ (ROTH, 2004, p.213-214).

Tão preso está Portnoy à vida, às tradições e às restrições do mundo judaico que, depois mais de dois anos de namoro, o motivo pelo qual ele e Kay Campbell terminam, após cogitar até mesmo o casamento, foi o fato de ela não estar disposta a converter-se ao Judaísmo (embora Portnoy não tenha dito isso ao romper com a moça).

A outra moça com quem Portnoy relata ter se envolvido mais seriamente é Sarah Maulsby. Ele a conhece em 1959, em Washington, onde ela atua como recepcionista no gabinete de um senador de Connecticut, seu Estado natal. Ela é alta, bonita, republicana e herdeira de uma família rica cuja ascendência ela conhece por inteiro, o que lhe rende a alcunha de Peregrina.

A vida sexual do casal não chega a ser muito excitante, segundo o relato de Portnoy. Um dos motivos é o fato de a moça não querer regalar o companheiro com sexo oral. De diversas maneiras, Portnoy insiste com veemência por três meses; ela acaba por aceitar. No entanto, para o jovem, ela termina demasiado rápido. Frustrado, Portnoy pede a Maulsby para continuar. Ela reluta, diz conseguir respirar, pois, com o pênis dele na boca, a moça estava em vias de sufocar. Portnoy, então, com rispidez, ordena-lhe fingir estar nadando.

Para Portnoy, receber sexo oral de Maulsby não estava ligado apenas à realização de uma fantasia, mas era uma maneira de demonstrar poder e de purgar ressentimentos acumulados ao longo da vida:

[...]apesar de sua inúmeras qualidades e encantos – sua dedicação, sua beleza, sua graça de corça, o lugar por ela ocupado na história dos Estados Unidos –, eu jamais poderia sentir ‘amor’ pela Peregrina. Eu era intolerante com as fraquezas dela. Tinha inveja de suas realizações. Sua família me inspirava ressentimentos. Não, ali não havia muito espaço para o amor.

Não, Sally Maulsby foi apenas uma coisa simpática que um filho fez pelo pai. Uma pequena vingança, dirigida contra o sr. Lindabury, por conta de todas aquelas noites e aqueles domingos que Jack Portnoy passou fazendo cobranças no bairro dos negros. Um pequeno abono arrancado da Boston & Northeaster, em paga de tantos anos de trabalho – e exploração¹⁴⁹ (ROTH, 2005, p.227).

¹⁴⁸ No original: “*Next I have to decide whether or not to line the seat. It isn’t a matter of hygiene. I am sure the place is clean, spotless in its own particular antiseptic goy way: the question is, what if it’s warm yet from a Campbell behind – from her mother! Mary! Mother also of Jesus Christ! If only for the sake of my family, maybe I should put a little paper around the rim; it doesn’t cost anything, and who will ever know? I will! I will! So down I go – and it is warm! Yi, seventeen years old and I am rubbing asses with the enemy!*” (ROTH, 2005, p.226).

¹⁴⁹ No original: “*...despite all her many qualities and charms – her devotion, her beauty, her deerlike grace, her place in American history – there could never be any love in me for The Pilgrim. Intolerant for her frailties. Jealous of her accomplishments. Resentful of her family. No, not much room there for love.*”

Ao observar os relacionamentos de Portnoy, é possível notar que, apesar de sua posição profissional obrigá-lo a garantir a igualdade de tratamento e a combater políticas discriminatórias, ele trata todas as mulheres com quem se relaciona de modo discriminatório, privando-as até mesmo dos nomes e atribuindo-lhes apelidos depreciativos (RODGERS, 1981, p.92). Ele as desumaniza, concebendo-as apenas como seres cuja única serventia é dar-lhe prazer.

Ademais, esse receio de se relacionar com mulheres que compartilhem da sua religião é em parte, culpa das inibições e das paranoias veiculadas por Sophie Portnoy. Por outro lado, ele é incapaz de se casar com uma moça cristã, conforme sugere Halio:

Portnoy se vê incapaz de ligar-se significativamente com uma mulher judia. Parcialmente, ou talvez principalmente, isso talvez seja devido à sua mãe dominadora, Sophie Portnoy. A caricatura da típica mamãe ídiche. Mas por mais atraentes que julgue as gentias, é incapaz de conceber o casamento com elas.¹⁵⁰ (HALIO, 2014, p.5).

A sexualidade de Portnoy, assaltada por um discurso moralizante no qual está presente o legado da estigmatização do povo judeu nos Estados Unidos e na Alemanha e o medo de o estereótipo nazista do judeu como conspirador racial emergir novamente, é, a um só tempo, reprimida, revoltada e violenta. Portnoy não é passivo; sua sexualidade tampouco. A conquista de moças não-judias seria uma maneira de transpor o legado da estigmatização para a sua libido e de consubstanciar a violência simbólica que os judeus vivenciam:

...ele não responde com resignação, como ele imagina que seu pai tenha respondido por todos esses anos. Ele responde com vingança. Mas sua vingança não é uma correção a um passado de injustiças do tipo que Kay Campbell inspiraria; não é um cálculo moral comprometido com confiança e virtude. É, em vez disso, um ato barato e degradante contra uma inocente e vulnerável jovem. É dessa maneira que ele carrega o legado de estigmatização herdado de seu pai.

(...)

Alex parece ter atribuído ao seu pênis a tarefa de vencer o legado de estigmatização¹⁵¹. (ISRAEL, 2012, p.258).

No, Sally Maulsby was just something nice a son did for his dad. A little vengeance on Mr. Lindabury for all those nights and Sundays Jack Portnoy spent collecting down in the colored district. A little bonus extracted from Boston & Northeastern, for all those years of service, and exploitation".(ROTH, 2005, p.240-241).

¹⁵⁰ No original: "Portnoy finds himself unable to connect meaningfully with a Jewish woman. Partly, or perhaps even mainly, this may be because of his domineering mother, Sophie Portnoy. Roth's caricature of the typical 'Yiddishe Momma'. But however attractive he finds gentile women, he is also unable to conceive a marriage to them". Tradução minha.

¹⁵¹No original: "...he does not respond with resignation like he imagines his father to have responded for all those years. He responds with vengeance. But his "vengeance" is not a corrective to past injustice of the sort Kay Campbell would inspire; it is not a moral reckoning undertaken with confidence and virtue. It is, instead, a cheap and degrading act undertaken on an innocent and vulnerable young woman. This is

Philip Roth, ao comentar uma de suas mais famosas criações, considera que, embora a família e a religião sejam forças coercivas nesta obra (e em toda a sua ficção), o maior opressor de Portnoy é ele mesmo (ROTH, 2001, p.8). O criador tem razão acerca de suas considerações sobre sua criatura: as ações de Portnoy são iluminadas ideologicamente não apenas por um discurso, mas por múltiplos, os quais lutam, se digladiam, se entrecrocaram, terminando por oprimir a personagem.

Portnoy é, portanto, um campo de batalha dialógico, em que o discurso religioso judaico de moralidade e moderação (assombrado pelos horrores do Holocausto e pelas práticas pré-existentes de antisemitismo nos Estados Unidos) se choca com o da liberdade sexual. O choque, no entanto, é *interno*. Portnoy absorve todos esses discursos, que estão em luta pelo controle das suas ações. Dessa maneira, ele é capaz de realizar sexo com a namorada e uma prostituta italiana ao mesmo tempo, mas, culpado, vomita depois. Ele é capaz de abordar uma mulher na rua e dizer-lhe que quer fazer sexo oral, mas questiona se, uma vez satisfeita a libido, deve continuar no apartamento da moça. Vê-se, pois, como Roth sintetiza os discursos de uma época e de um povo, de forma intrincada, confusa, hilária e irônica, na mente de um personagem prestes a começar a sua análise.

6. O diagnóstico de Dr. Spielvogel

A epígrafe de *O complexo de Portnoy* é um dos elementos mais icônicos do livro. O narrador oferece uma definição do quadro do paciente, como se fosse um verbete de enciclopédia e/ou de um pequeno dicionário psicanalítico, descrevendo um caso clínico:

Complexo de Portnoy (PÓRT-nói) *subs*, [de Alexander Portnoy (1933-)] Quadro mórbido caracterizado por fortes impulsos éticos e altruísticos em constante conflito com anseios sexuais extremos, muitas vezes de natureza pervertida. Segundo Spielvogel, “atos de exibicionismo, voyeurismo, fetichismo, auto-erotismo e coito oral são abundantes; em consequência da ‘moralidade’ do paciente, porém, nem as fantasias, nem o ato geram gratificação genuína, mas sim sentimentos avassaladores de vergonha e temor de punição, em particular sob a forma de castração” (O. Spielvogel, “O pênis perplexo”, *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. XXIV, p.909). Spielvogel propõe que muitos dos sintomas remontam aos vínculos que se formam no relacionamento entre mãe e filho¹⁵². (ROTH, 2004, s.n).

how he carries the legacy of stigmatization that he has inherited from his father. (...) Alex seems to have tasked his penis with the overcoming legacy of stigmatization”. Tradução minha.

¹⁵²No original: “**Portnoy’s Complaint** (pôrt’-noizkəm-plānt’) *n.* [after Alexander Portnoy (1933 -)] A disorder in which ethical and altruistic impulses are perpetually warring with extreme sexual longings, often a perverse nature. Spielvogel says: ‘Acts of exhibicionism, voyeurism, fetishism, auto-eroticism and

Nossa interpretação é a de que esse texto é um turno de fala (uma instância dialógica, portanto) da personagem Dr. Spielvogel, silencioso durante quase todo o monólogo e, apenas quando Portnoy para de falar, sugere-lhe comecem a sessão. É como se, após escutar as lamúrias do protagonista, o terapeuta fosse capaz de diagnosticar o quadro da personagem. As aspas alusivas à citação de um suposto artigo publicado em um periódico de psicanálise permitem-nos fazer essa afirmação. Trata-se de um texto do próprio analista sobre o quadro clínico/psiquiátrico paciente¹⁵³.

Ao analisar, apenas de modo panorâmico, os termos da descrição, é possível notar que os termos “ético” e “altruístico” estabelecem relação de oposição com a expressão “anseios sexuais, muitas vezes de natureza pervertida”. A mensagem que subjaz é: a sexualidade pronunciada é incompatível com altruísmo e ética. A seguir, o verbete, citando o psicanalista, delimita quais pervertidos são esses anseios: “atos de exibicionismo, voyeurismo, fetichismo, auto-erotismo e coito oral são abundantes”.

Na sequência, Spielvogel afirma que, devido à “moralidade” de quem tem esse distúrbio, os atos não causam prazer, “mas sim sentimentos avassaladores de vergonha e temor de punição, em particular sob a forma de castração”. No entanto, essa moralidade é posta entre aspas, o que dá a entender que um ser humano libidinoso e cheio de fetiches não possa ser bom. A citação é concluída e a fonte, citada: um suposto artigo de Spielvogel intitulado “O pênis perplexo”, publicado em suposto jornal de psicanálise, como mecanismo de reforçar a autoridade da fala. Por fim, a descrição do quadro é concluída com a ressalva de que a raiz do problema remonta aos vínculos de mãe e filho.

Essa epígrafe estabelece uma relação dialógica de proximidade com os textos da Medicina e da Ciência dos séculos XVIII, XIX e início do XX. O pensador francês Michael Foucault, em *História da sexualidade v.1* (1999), defende que, a partir do período supramencionado, moralistas e médicos passaram a adotar um vocabulário de abominação das sexualidades. A Ciência e a Legislação passaram a determinar aquilo que era permitido e o que era proibido, o que era saudável e o que era doentio no campo sexual, classificando o que não era tido como aceitável como doença ou quadro clínico:

oral coitus are plentiful; as a consequence of the patient's "morality", however, neither a fantasy nor act issues in genuine sexual gratification, but rather in overriding feelings of shame and the dread of retribution, particularly in the form of castration.' (Spielvogel, O. "The Puzzled Penis," Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse, Vol. XXIV p.909) It is believed by Spielvogel that many of the symptoms can be traced to the bonds obtaining in the mother-child relationship". (ROTH, 2001, s/n).

¹⁵³O autor, Philip Roth, vivenciou situação correlata. Na década de 1960, seu terapeuta publicou um artigo em um periódico científico no qual, sem citar o nome de Roth, apresentava considerações sobre os problemas por que o escritor passava. Roth sentiu-se “psicologicamente nu” (PIERPONT, 2015, p.76).

Entretanto, a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais incompletas; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações” do instinto; empreendeu a gestão de todos eles (p.41).

Para Foucault, a ciência que abordou a sexualidade era totalmente dominada pelos imperativos da moral. Assim é a epígrafe de Roth, uma descrição de quadro psicanalítico que constrói uma oposição sexualidade versus moralidade. Se ambas coexistem, só há um desfecho possível: um distúrbio de comportamento. Esses dois elementos seriam incapazes de conviver em uma pessoa avaliada como *normal*. O personagem, pois, é construído no tripé sexualidade-moralidade-culpa. Portnoy está doente e, por meio da confissão, vai buscar a cura.

SEXUALIDADES TRANSGRESSIVAS

1. Considerações iniciais

Neste trabalho, investigamos os contextos históricos nos quais estavam inseridos os discursos que oprimiam as sexualidades de Lady Chatterley e Alexander Portnoy, analisamos como esses discursos operavam nas obras e como as personagens supracitadas reagiam diante dessa batalha discursiva, inerente ao romance. Gerados social e historicamente, os discursos se materializam em forma de enunciado (BAKHTIN, 2014).

Neste capítulo, compararemos como as duas personagens reagem a esses discursos e avaliaremos a dimensão transgressiva das sexualidades de Lady Chatterley e Portnoy, com o fito de identificar semelhanças e diferenças, bem como pontos em que estabelecem relações dialógicas, que, relembramos, são:

[...]relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objeto e não como exemplos lingüísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2015, p.323).

Mesmo dois enunciados distantes e que nada saibam um do outro podem manter algum tipo de relação dialógica, desde que tenham algum tipo de convergência temática ou de pontos de vista (BAKHTIN, 2015, p.331). Assim, para avaliar a extensão das semelhanças e diferenças entre as duas personagens, tomamos a sexualidade, os tabus concernentes a ela e a pecha de livros obscenos atribuída aos romances como território comum a ambas as histórias.

2. Enfrentando discursos

Como vimos, a sexualidade de Lady Chatterley e a de Alexander Portnoy são oprimidas por diversos discursos. Aquela personagem é sufocada pelos discursos da opressão de classe e de gênero. Já Portnoy tem de enfrentar o discurso da Medicina dos séculos XVIII e XIX sobre a masturbação, o religioso sobre padrões de comportamento, o familiar sobre a moral e o legado do discurso antissemita, fortalecido no Nazismo e traumático para os judeus de todo o mundo.

À primeira vista, podemos afirmar que são sexualidades transgressivas porque, de algum modo, desafiam e contestam esses discursos. Porém, precisamos avaliar a dimensão e a intensidade da transgressão.

Começemos por Alexander Portnoy. A sexualidade e o remorso que esta lhe causa decorrem não apenas de um, mas de múltiplos discursos em sua mente. O discurso da liberdade sexual, presente no movimento feminista e no estudantil, e o discurso de igualdade racial, bandeiras do Movimento dos Direitos Civis dos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960, se digladiam contra os discursos mencionados no primeiro parágrafo do tópico. As ações e culpas de Portnoy são iluminadas ideologicamente pela coexistência desses discursos em sua consciência. Ele carrega diversas vozes sociais em seu âmago. Ele é polifônico e um campo de batalha discursivo. Da dificuldade de lidar com a convivência dessas vozes advêm tanto sua comicidade como seu aspecto trágico.

A personagem não está nem em um lugar nem em outro. Portnoy parece preso entre a segunda e a terceira geração de imigrantes judeus dos Estados Unidos. Para aquela geração, o antissemitismo em terras americanas ainda era uma realidade e o medo de que esse preconceito velado se transformasse em racismo institucionalizado, capaz de furtar os direitos, a cidadania e a humanidade dos judeus, como acontecera na Alemanha Nazista, era enorme. Já a geração de Portnoy, por um lado, desfrutava das liberdades intelectuais de crescer em uma democracia na qual o antissemitismo fora desacreditado e desprestigiado; mas, por outro, ainda convivia com a herança da perseguição nazista e americana, tão presente no cotidiano de seus pais. Assim, depois do holocausto, a comunidade judaica fez grandes esforços para que ter um comportamento moralmente irrepreensível, de modo a não ensejar a criação de nenhum dos estereótipos desenvolvidos pelo Nazismo.

No entanto, Portnoy não quer ser moralmente perfeito. Ou melhor: a libido de Portnoy não quer que ele o seja. Uma parte dele quer saciar seus desejos e fantasias sexuais, quer ter a possibilidade de dormir com diversas mulheres e não se casar com nenhuma. Já a outra deseja agradar aos pais, casando-se e sendo um respeitável menino judeu. O problema é que um matrimônio não lhe traria felicidade, conforme sugere o excerto:

Está bem, tenho desejos, sim – só que eles são insaciáveis. Insaciáveis. E isso não pode ser uma boa coisa, se adotarmos por um momento o ponto de vista psicanalítico. Esta aqui tem uma bela bunda, mas fala demais. Por outro lado, esta outra não fala nada, ou pelo menos não diz nada que se aproveite – mas como sabe chupar! Vá entender de pica assim! Já esta outra é um amor de menina, com os mamilos mais macios, mais rosados, mais encantadores que meus lábios já tocaram, só que se recusa a me chupar. Não é estranho? E no entanto – vá entender as pessoas – ela gosta, quando está sendo comida, que eu enfie um ou dois dedos no ânus dela. Que coisa mais misteriosa! O inesgotável fascínio de todas essas aberturas e buracos! Como o senhor

vê, eu não consigo parar! Nem me prender a *uma apenas*. Tenho casos que chegam a durar um ano, um ano e meio, meses e meses de amor, ao mesmo tempo terno e voluptuoso, mas no fim – é uma coisa tão inevitável quanto a morte – o tempo marcha e o desejo murcha. No final, não consigo dar o último passo e me casar. Mas por que tenho que me casar? Por quê? Existe alguma lei que diz que Alex Portnoy tem de se tornar marido e pai de alguém? [...] Imagine só: digamos que eu me case com A, a dos peitinhos lindos etc. O que vai acontecer quando aparecer B, que tem peitos ainda mais lindos – ou, pelo menos, novos? Ou C, que sabe mexer o rabo de uma maneira especial, que nunca provei antes; ou D, ou E, ou F. Estou tentando ser sincero com o senhor, doutor – porque em matéria de sexo a imaginação humana vai até Z, e além! Peitos, bocetas, pernas, lábios, bocas, línguas, cus! Como posso abrir mão do que nem cheguei a provar, em troca de uma garota que, por mais provocante que tenha sido, vai acabar se tornando algo tão conhecido para mim quanto um pão?¹⁵⁴ (ROTH, 2004, p.101-102).

Fica, pois, evidente que, conforme mencionamos no capítulo anterior, a família e a religião são forças coercivas no romance. Além disso, Portnoy também está em uma zona cinzenta no que diz respeito à moralidade e aos costumes. Por um lado, ele questiona se, no tempo em que vive, a década de 1960, liberdade sexual é um crime. Conforme vimos, diversos movimentos contestavam o cerceamento dos costumes e práticas ditas permissivas já eram mais toleradas. Além disso, obras antes proibidas, por serem consideradas obscenas, eram facilmente encontradas em livrarias. Para cidadãos de gerações anteriores (judeus ou não-judeus), aquilo era uma infâmia. Discursos liberalizantes e conservadores, portanto, chocam-se em Portnoy.

Esse conflito entre discursos, internalizado na personagem, perpassa todo o livro e gera situações bizarras, como quando Portnoy reluta em apresentar Mary Jane Reed aos pais. Ele avalia que a moça, que tem um corpo muito bonito, mas é pouco letrada e não tem domínio da ortografia, pode constrangê-lo na presença dos pais. Ou melhor, pode

¹⁵⁴No original: “*But then all the unconscious can do anyway, so Freud tells us, is want. And want! And WANT! This one has a nice ass, but she talks too much. On the other hand, this one here doesn’t talk at all, at least not so that she makes any sense – but, boy, can she suck! What a cock know-how! While here is a honey of a girl, with the softest, pinkest, most touching nipples I have ever drawn between my lips, only she won’t go down on me. Isn’t that odd? And yet – go understand people – it is her pleasure while being boffed to have one or the other of my forefingers lodged snugly up her anus. What a mysterious business it is! The endless fascination of these apertures and openings! You see, I just can’t stop! Or tie myself to any one. I have affairs that last as long as a year, a year and a half, months and months of love, both tender and voluptuous, but in the end – it is as inevitable as death – time marches and lust peters out. In the end, I just cannot take that step into marriage. But why should I? Why? Is there a law saying Alex Portnoy has to be somebody’s husband and father? (...)Imagine it: suppose I were to go ahead and marry A, with her sweet tits and so on, what will happen when B appears, whose are even sweeter – or, at any rate, newer? Or C, who knows how to move her ass in some special way I have never experienced; or D, or E, or F. I am trying to be hones with you, Doctor – because with sex the human imagination goes to Z, and then beyond! Tits and cunts and legs and lips and mouths and tongues and assholes! How can I give up what I have never even had, for a girl, who delicious and provocative as once she may have been, will inevitably grow as familiar to me as a loaf of bread?*” (ROTH, 2005, p.103-104).

denunciá-lo. Afinal, se alguém o vir com ela, vai ter certeza de que a única coisa em que Portnoy está interessado é sexo. E isso para ele, um personagem construído sobre o tripé sexualidade-moralidade-culpa, é motivo de vergonha.

O episódio supramencionado expõe uma faceta opressiva da sexualidade de Portnoy: uma ligeira misoginia. Já aludimos a isso no capítulo anterior, o fato de ele desumanizar as moças com quem sai, criando apelidos depreciativos. Com Mary Jane Reed, no entanto, o machismo de Portnoy é mais agudo. Ele a condena pelo fato de já se ter prostituído e fica mortificado com as peripécias sexuais do passado da personagem. A postura de Portnoy demonstra sua incapacidade de manter um relacionamento estável com uma mulher que já vivenciou e desfrutou da própria sexualidade. Isso parece ser um direito apenas de Portnoy – ou, quando muito – um direito dos homens. Expõe-se, assim, uma ambiguidade interna no discurso da liberdade sexual tão defendido por Portnoy.

Não é apenas a vida sexual de Reed que incomoda Portnoy. As origens da moça também o desgostam. Com frequência, ele repete que a moça é uma garota da Virgínia Ocidental, filha de um mineiro pobre, como se isso, de algum modo a desabonasse. Ele, morador de Newark, na Costa Leste, se coloca em posição superior. Não é, portanto, *qualquer* garota americana que Portnoy aceita. O aspecto irônico da situação é que ele é comissário adjunto da Comissão de Recursos Humanos da Prefeitura de Nova York. Sua principal função consiste em combater práticas discriminatórias, proteger aqueles que são oprimidos. Portnoy se orgulha de seu trabalho e de sua atuação na luta por direitos civis e contra o preconceito, conforme indica o fragmento: “Passei toda a minha vida adulta protegendo os direitos dos indefesos! Militei cinco anos na American Civil Liberties Union, lutando pela justiça praticamente de graça. E antes disso fui membro de uma comissão parlamentar!¹⁵⁵” (ROTH, 2004, p.193).

Assim, na vida particular, em seu relacionamento com as mulheres, Alex Portnoy tem atitudes que o comissário Alexander Portnoy consideraria discriminatórias e julgaria com severidade. A ambiguidade da personagem aumenta, portanto, pois o seu discurso na vida pública condena as práticas e os discursos que perpetra na privada.

Outro aspecto interessante da sexualidade de Portnoy: seu maior pavor é ser descoberto. A personagem frisa a necessidade de ser discreto na vida pública e ficaria mortificado se alguém soubesse de suas peripécias e perversões:

¹⁵⁵No original: “*I have spent my whole adult life protecting the right of defenseless! Five years I was with the ACLU, fighting the good fight for practically nothing. And before that a Congressional committee!*” (ROTH, 2005, p.204).

“Você ainda tem contato com a velha turma?”, perguntou Ba-ba-lu.
 “Você se casou?”
 “Não, não”.
 Apesar de não usar mais costeleta, continua sendo o mexicano sonso de sempre. ‘E então, como é que você se arruma em matéria de mulher?’
 ‘Tenho casos, Arn, e bato bronha’
 Um erro, penso na mesma hora. Um erro! E se ele abrir o bico para o *Daily News*? COMISSÁRIO ADJUNTO DE RH É PUNHETEIRO. E também vive em pecado, segundo ex-colega.
 Sempre as manchetes, revelando meus segredos sórdidos a um mundo escandalizado e indignado¹⁵⁶. (ROTH, 2004, p.166)

Qualquer indício capaz de denunciar a libido pronunciada de Alexander Portnoy é suficiente para deixá-lo mortificado. No capítulo anterior, citamos um comentário de Roth no qual o autor considera como inesperada a perda de controle em público em um judeu. Portnoy faz todo esforço possível para manter sua sexualidade circunscrita à vida privada. Todos os espaços nos quais ele expõe sua sexualidade são privados: o consultório psicanalítico, resguardado pela ética do segredo e da cumplicidade entre terapeuta e paciente; os diálogos com as mulheres com quem sai, as conversas com amigos de infância. Um dos grandes temores que Portnoy tem em relação a Reed é que a moça não consiga perceber a dissonância existente entre a vida dionisíaca do casal entre quatro paredes e a imagem pública pela qual ele precisa zelar. À luz do receio dessa presumida incapacidade da moça, Portnoy lhe faz a seguinte advertência:

“Só uma coisa, pelo Amor de Deus”, digo a ela, não vá falar em boceta com a Mary Lindsay!”
 “O quê!?”
 “É isso mesmo que você ouviu. Quando a gente chegar lá, não vá dizer que está com a boceta molhadinha à primeira pessoa que abrir a porta! Não vá agarrar o *shlongdo* prefeito logo de saída, espera ao menos uma meia hora, está bem?¹⁵⁷” (ROTH, 2004, p.199).

Aliás, o espaço psicanalítico (privado) é o único lugar em que Portnoy é capaz de *falar plenamente* da sua sexualidade. Ele expõe culpas, agruras e desejos de maneira

¹⁵⁶No original: “*You still see any of the guys?*” Ba-ba-lu asked. “*You married?*”

“*No, no*”

Inside the new jowls, the old furtive Latin American greaser comes to life. ‘So, uh, what do you do for pussy?’

‘I have affairs, Arn, and I beat my meat’

Mistake, I think instantly. Mistake! What if he blabs to the Daily News? ASST HUMAN OPP’Y COMMISH FLOGS DUMMY. Also Lives in Sin, Reports Old School Chum.

The headlines. Always the headlines revealing my filthy secrets to a shocking and disapproving world” (ROTH, 2005, p. 174-175).

¹⁵⁷No original: “*Only for Christ’s sake*”, I tell her, “*don’t say cunt to Mary Lindsay!*”

“*What?*”

“You heard right. When we get there don’t start talking about your wet pussy to whoever opens the door! Don’t make a grab for Big John’s shlong until we’ve been at least half an hour, okay?” (ROTH, 2005, p.210-211).

desinibida, mas dolorosa. Somente protegido por um código de ética de segredo, Portnoy é capaz de relatar a utilização de um bife de fígado (o mesmo que sua família comeria no jantar), uma maçã e uma embalagem de chocolate para se masturbar. Somente lá, ele consegue confidenciar a realização de sexo a três na Itália e a incapacidade de ficar excitado em Israel. Em entrevista à revista *The New Yorker*, Roth avalia: “O ambiente do consultório psicanalítico diz que a regra é não haver regras, que a regra lá é a desinibição, que a regra lá é não haver decoro” (REMICK, 2006, p.147).

O receio de levar a sexualidade a público é um dos aspectos em que Alexander Portnoy difere de Lady Chatterley: ela não tem esse medo. No entanto, o modo como ela expõe a sexualidade é diferente, a um só tempo, mais sutil e mais direto. Embora não conte detalhes de sua vida sexual com Oliver Mellors (nesse aspecto ela é muito discreta, afinal o que eles vivenciam na cama possui uma dimensão sagrada e é algo a ser resguardado na intimidade do leito do casal), ela não hesita em admitir à irmã e ao pai que tem um amante. Quando reluta em contar a gravidez a Sir Clifford e admitir que a paternidade é do guarda-caça, ela não o faz por pudor ou vergonha, mas em uma tentativa de poupar os sentimentos do marido. Como este recusa-se a lhe conceder a separação, a solução que ela encontra é contar-lhe toda a verdade. É interessante observarmos que a resolução de pedir o divórcio e o anúncio da gestação, sem temer a exposição de seu relacionamento ou de sua imagem enquanto uma lady, demonstram como, de fato, ela não receia expor sua sexualidade transgressiva (se pensarmos no dever de fidelidade imposto pelo contrato matrimonial) para buscar a própria felicidade, algo de que Portnoy não parece capaz.

Outro aspecto no qual Lady Chatterley é muito diferente de Alexander Portnoy é que na consciência dela não coexistem discursos conflitantes que inibem a sua sexualidade. Existe, sim, na obra de Lawrence o discurso do preconceito de classe, veiculado por Sir Clifford, Hilda Reid, Sir Malcolm Reid, pela Senhora Bolton e até por Oliver Mellors. No entanto, esses discursos são externos a ela. Lady Chatterley não é um campo de batalha discursivo. A personagem, agindo de sua perspectiva particular, com um ponto de vista social fortemente marcado, é capaz de se opor aos preconceitos de classe e de defender a sua vivência sexual com o empregado de seu marido.

Como vimos em capítulos anteriores, ela não sente o menor vestígio de remorso ou de culpa. Eis aí outra diferença fundamental entre os dois: para Portnoy, devido à sua incapacidade de escapar dos discursos que oprimem sua libido, o sexo é o espaço da imundície, da sordidez, da sujeira e da culpa (isso fica bem claro no excerto que trata da

piscina, mostrado no capítulo anterior); já para Lady Chatterley, a sexualidade bem vivenciada é um espaço sagrado, único e especial (haja vista o episódio em que, após fazer sexo com o amante, a personagem não toma banho, com o fito de prolongar a sagrada sensação do toque dele em sua pele).

Outro aspecto em que a sexualidade dos protagonistas difere é o da dimensão opressiva. Portnoy, no que concerne à vida sexual, vivencia um movimento de repressão, transgressão e opressão dupla. Dessa maneira, uma miríade de discursos reprime a sua sexualidade, mas mesmo assim Portnoy dá vazão à sua libido e se sente culpado por isso. Esta é uma faceta da opressão, que se poderia denominar auto-opressão. A outra é que, conforme mostramos, ele, com a sua posição de homem e prestigiado funcionário público (em uma sociedade patriarcal), oprime as suas parceiras. A sexualidade de Lady Chatterley não possui a dimensão da opressão dupla. Ela não oprime ninguém (muito menos a si própria) com a satisfação dos seus desejos. Em lugar disso, a plena experiência de sua sexualidade é, para ela e para o amante, *libertadora*.

Chega a ser interessante observar que Lawrence, com o romance, tem uma intenção clara:

Quero que homens e mulheres sejam capazes de *pensar* o sexo de maneira total, integrada, honesta e limpa. Mesmo que não consigamos *agir* sexualmente de maneira satisfatória, devemos pelo menos pensar sexualmente de maneira integrada e limpa.¹⁵⁸ (LAWRENCE, 2010, p.477).

O aspecto irônico para a nossa comparação é que, embora Portnoy consiga agir sexualmente de modo mais ousado do que Lady Chatterley, ele é absolutamente incapaz de pensar o sexo de “maneira total, integrada, honesta e limpa”. Enquanto ela, com um comportamento sexual um pouco mais recatado, consegue conceber o sexo da maneira desejada por Lawrence.

O discurso machista de opressão de gênero também está presente nos dois romances. Pensamos já ter demonstrado como Portnoy age de modo misógino. Já Lady Chatterley tem de lidar constantemente com o machismo, mas não levanta a voz de modo ativo contra esses discursos (como faz com os da opressão de classe).

Vemos, pois, que a dimensão do aspecto transgressivo da sexualidade em Lady Chatterley é muito maior do que em Alexander Portnoy. Enquanto este ainda é

¹⁵⁸No original: “I want men and women to be able to think sex fully, completely, honestly, and cleanly. Even if we can’t act sexually to our complete satisfaction, let us at least think sexually, complete and clean”. (LAWRENCE, 2006, p.308).

atormentado por tabus oriundos da religião, da família e até da Ciência, ela se liberta das amarras opressivas e vivencia, desprovida de remorsos, com plenitude, a sua vida sexual, sem o choque de discursos conflitantes em sua consciência. Lady Chatterley não é um campo de batalha discursivo; fica perfeitamente claro quais discursos norteiam as suas ações e a quais ela se opõe. Existe harmonia e coerência entre discurso e ação.

3. Duas personagens obscenas

Não é difícil encontrar palavras ou expressões chulas em *O complexo de Portnoy*. No afã de expressar angústias e frustrações, o protagonista, verborrágico e irrequieto, parece empregar todo o léxico de pornografia que conhece para descrever vivamente suas ações e traumas.

Com tantos detalhes sobre as sessões de masturbação, com tantas minudências sobre as relações sexuais de Portnoy e Reed, com tantos comentários sobre os casos de Portnoy, o livro foi considerado obsceno. Esta foi uma intenção de Roth: usar a obscenidade deliberadamente, elevando-a ao posto de tema. O autor tinha em mente o estilo da personagem que estava criando – e não se importava com o fato de que Portnoy poderia chocar os valores de seu público leitor:

A obscenidade não é apenas o tipo de linguagem que é usado n’*O complexo de Portnoy*, é quase o tema propriamente dito. O livro não está cheio de palavras porque “esse é o jeito como as pessoas falam”, essa é uma das razões *menos* persuasivas para utilizar o obsceno na ficção. Além disso, poucas pessoas, na verdade, falam do jeito que Portnoy fala no livro – ele é um homem falando abertamente de uma poderosa obsessão: ele é obsceno porque quer ser salvo. Uma estranha, e talvez até louca, forma de começar a buscar sua salvação pessoal; mas, apesar disso, a investigação dessa paixão, e do combate que esta precipita com sua consciência, é o que está no centro do romance. A dor de Portnoy advém de sua recusa de não ser mais forçado por tabus que, correta ou incorretamente, ele considera enfraquecedores e castradores. A piada em Portnoy é que, para ele, quebrar tabus acaba sendo tão enfraquecedor quanto respeitá-los. Que piada.

Então, eu não estava simplesmente buscando verossimilhança aqui; eu queria elevar a obscenidade ao posto de tema. Talvez você se lembre de que, no final do livro, a garota israelense (contra cujo corpo Portnoy estava lutando no chão do seu quarto de hotel em Haifa) diz a ele com nojo: “Diga-me, por favor, por que você tem de usar essa palavra [o verbo foder] o tempo todo?”. Eu coloquei essa questão na boca dela – e no fim do livro de modo totalmente deliberado: O porquê de ele usar essa palavra é sobre o que o livro versa¹⁵⁹. (ROTH, 2001, p.16-17)

¹⁵⁹ No original: “*Obscenity is not only a kind of language that is used in Portnoy’s Complaint, it is very nearly the issue itself. The book isn’t full of dirty words because ‘that’s the way people talk’; that’s one of the least persuasive reasons for using the obscene in fiction. Besides, few people actually talk the way Portnoy does in this book – this is a man speaking out of an overwhelming obsession: he is obscene because*”

Pensamento similar norteou a escrita de *O amante de Lady Chatterley*. Já mencionamos a justificativa para a escolha de um vocabulário obsceno (ele defendia que a realidade fálica necessitava de uma linguagem fálica própria, as palavras obscenas). Lawrence desejava que as pessoas fossem capazes de pensar em sexo e falar acerca do tema de maneira desprovida de culpa ou remorso. Por isso, não hesitou em empregar vocábulos, para a época, obscenos. Talvez o leitor nascido no final do século XX ou no início do XXI não considerasse a obra de Lawrence obscena. No máximo, a avaliaria como sensual, ligeiramente erotizada, mas não obscena e pornográfica. Caso comparasse *O amante de Lady Chatterley* com *O complexo de Portnoy*, poderia avaliar este romance como obsceno e, se tivesse de apontar qual dos dois havia sido proibido por mais de três décadas, não hesitaria em escolher a obra de Roth. E erraria. Como o livro muito menos chocante chegou a ser banido e o outro não?

Ora, a definição daquilo que é obsceno pode se alterar de acordo com duas variáveis: o espaço e o tempo (EICH, 1970, p.155). Ora, vimos em capítulos precedentes que, nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial (e sobretudo nas décadas de 1950 e 1960), com a fundação da revista Playboy, a legalização de livros outrora banidos, o Movimento dos Direitos Civis e o estudantil (este mais focado no combate à Guerra do Vietnã e na exigência de uma maior liberalização dos costumes), a aceitação de materiais de conteúdo sexual se tornou maior. Haja vista que, conforme mencionamos no início deste trabalho, no ano em que foi publicado, o livro vendeu cerca de 400 mil exemplares.

Também mencionamos um pouco do contexto político e social na Inglaterra das primeiras décadas do século XX. Ainda que às mulheres tenha sido permitido votar em fevereiro de 1918 e que algumas leis tenham lhes garantido mais direitos e maior espaço na sociedade, não é possível dizer que ventos liberalizantes sopravam no país.

Conforme identificamos, a Inglaterra seria capaz de cortar a pensão de guerra de uma mulher que fosse descoberta traindo o marido combatente. Assim, o choque com

he wants to be saved. An odd, maybe even mad, way to go about seeking his personal salvation; but nonetheless, the investigation of this passion, and of the combat that it precipitates with his conscience, is what's at the center of the novel. Portnoy's pains arise out of his refusal to be bound any longer by taboos which, rightly or wrongly, he experiences as diminishing and unmaning. The joke on Portnoy is that for him breaking the taboo turns out to be as unmaning in the end as honoring it. Some Joke.

So, I wasn't simply after very similitude here; I wanted to raise obscenity to the level of a subject. You may remember that, at the conclusion of the novel, the Israeli girl (whose body Portnoy has been wrestling her on the floor of his Haifa hotel room) says to him, with loathing, "Tell me, please, why must you use that word all the time?" I gave her this question to ask him – and to ask at the end of this novel – altogether deliberately: Why he must is what the book is about". Tradução minha.

uma personagem que trai o marido nobre e ferido na guerra com um empregado, com o qual explora, ainda que de modo cândido, as potencialidades do sexo foi enorme. Lady Chatterley, para o seu tempo, acaba por ser mais transgressiva e obscena do que Portnoy é para o dele.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, procuramos partir do texto ao contexto, descobrindo as tonalidades e as camadas dialógicas das personagens Lady Chatterley e Alexander Portnoy; avaliando quais discursos inibiam sua sexualidade e em que medida suas respectivas ações se insurgiam contra esses discursos.

Para investigar de onde surgiram esses discursos e como as personagens dialogavam com suas respectivas épocas, situamo-las no plano histórico e social. Assim, investigamos, no caso de *O amante de Lady Chatterley*, as mudanças históricas, urbanísticas e sociais causadas pela Revolução Industrial; o papel da mulher e o do homem no universo e no lar burguês e cristão; as classes da sociedade industrial; o morticínio da Primeira Guerra Mundial e o impacto desta nas relações de trabalho; aspectos do movimento feminista e curiosidades acerca da legislação britânica. Isso nos ajudou a avaliar o campo de batalha dialógico no qual Lady Chatterley estava inserida. Assim, foi possível analisar como, com seu discurso, ela se posicionou, agiu e em qual medida o seu comportamento foi transgressivo.

Fizemos algo correlato com *O complexo de Portnoy*: investigamos a formação histórica dos Estados Unidos, os pressupostos e a legislação racistas e o grande fluxo de imigrantes; o antissemitismo velado que os judeus sofriam lá (expondo reflexos dessa prática na indústria cinematográfica e na redação do *The New York Times*); o impacto do holocausto na comunidade judaica; o discurso da Ciência e da Religião sobre a masturbação; o movimento dos Direitos Civis e a liberalização dos costumes nas décadas de 1950 e 1960. Assim, conseguimos observar como diversos discursos se articulavam no interior do verborrágico monólogo de Alexander Portnoy.

Posteriormente, iniciamos o diálogo entre as duas obras. Identificamos no aspecto transgressivo da sexualidade de ambas as personagens e nos discursos que lhes tolham a libido as relações de sentido entre os livros. Ao analisar a transgressão, demonstramos como Lady Chatterley tem uma dimensão transgressiva maior do que a de Alexander Portnoy, pois ela consegue se libertar mais plenamente dos discursos que oprimem a sua sexualidade. Enquanto ele é transpassado por diversos discursos que se digladiam dentro de si, Lady Chatterley se opõe aos preconceitos de classe e consegue vivenciar sua sexualidade com plenitude. Já Portnoy, ainda tem uma relação ambivalente com o discurso religioso, que impõe uma moralidade estrita aos judeus.

Esse foi nosso objetivo até aqui: produzimos uma interpretação dos dois romances, de duas épocas, de arenas em que se digladiavam múltiplos discursos. Bakhtin nos ajudou a pensar nos espaços discursivos que cercavam Lady Chatterley e Portnoy; na dimensão responsiva presente nos enunciados dessas personagens; na ausência de neutralidade, na necessidade de escolher um lado e de se opor a outro. Em lugar de restringir nosso olhar, Bakhtin o ampliou: fez-nos pesquisar sobre a industrialização, a misoginia na Inglaterra, a mentalidade burguesa, a Primeira Guerra Mundial, o Holocausto, o antissemitismo nos Estados Unidos, o discurso científico acerca da masturbação. Em suma, nos fez investigar as mais diversas variáveis históricas, culturais e sociais que nos permitissem entender melhor os enunciados das personagens, seres localizados em um local e época específicos. Além disso, ao conceber as relações dialógicas como relações de sentido possíveis entre quaisquer textos, Bakhtin nos permitiu estabelecer as conexões entre a sexualidade de Lady Chatterley e a de Portnoy.

O teórico russo também nos incentivou a pensar no aspecto combativo do diálogo e das vozes sociais. A palavra pressupõe luta. É possível, com enunciados, combater opressões, machismo, misoginia e antissemitismo, por exemplo. Talvez, como certa feita poetizou Drummond, lutar com palavras seja a luta mais vã e pareça até sem fruto. Entretanto, a beleza de Lady Chatterley, Portnoy e tantas outras personagens da literatura está na capacidade de lutar com essas armas. E sobretudo na capacidade de não se renderem.

Assim como o herói do romance, ancorado em um lugar e uma época, age em sua perspectiva particular dentro da arena discursiva, nós, pesquisadores, também o fazemos dentro do espaço acadêmico. Portanto, até aqui não escrevemos a interpretação dos discursos que permeiam esses romances, mas uma interpretação desses discursos, sempre aberta a bem-vindos comentários, sugestões e contestações. Este trabalho é apenas mais um elo na corrente de enunciados sobre os dois livros. Prestamos nossa deferência aos que pesquisaram essas obras no passado e esperamos as respostas vindouras com ansiedade.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9ª ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 3ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *Questões de literatura e de estética*. 3.ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP, 2014.

BENSHOFF, GRIFFIN. *America on Film: Representing Race, Class, Gender and Sexuality at the Movies*. Padstow: Blackwell Publishing, 2005.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EICH, William. *From Ulysses to Portnoy: a Pornography Primer*. v.53, p.155-171. Marquet L. Rev. 155 (1970). Disponível em: <http://scholarship.law.marquette.edu/mulr/vol53/iss2/1>. Acesso em 08 de maio de 2015.

FIORIN, José Luiz. Intertextualidade e interdiscursividade. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014.p.161-194.

_____. Polifonia Textual e Discursiva. In: DE BARROS, Diana Pessoa e FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.p.29-37.

_____. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. BRAIT, Beth (org). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.p.218-234.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade v.1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRANCO, Dean. Portnoy's Complaint: it's About Trace, Not About Sex (Even Sex Is About Race). *Prooftexts*. Indiana, v. 29, n.1, p.86-115, 2009. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/ptx/summary/v029/29.1.franco.html>. Acesso em: 01 mai. 2015.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Viver para contar*. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, José Roberto. *Hollywood no front: a Segunda Guerra Mundial sob a ótica do cinema americano*. São Paulo: Giostri, 2014.

GROSS, Barry. Seduction of the Innocent: Portnoy's Complaint and the Popular Culture. *MELUS*. New York, v.8, n.4, p. 81-92, 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/pdf/467391.pdf?acceptTC=true>. Acesso em: 01 mai. 2015.

GUTERMAN, Marcos. *A moral nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler*. 2013. 297f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

HALIO, J. L. Reverse and Anti-Semitism in the fiction of Bellow and Roth. *CLCWeb: Comparative Literature and Culture*. West Lafayette, v. 16, i.2, p. 1-8, a.4, jun.2014. Disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2410&context=clcweb> Acesso em: 23 abr. 2015.

HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (org). *História da vida privada v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras 1991.p.53-87.

HOBBSAWM, Eric. *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. Tradução de Donaldson Magalhães. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Era dos extremos: O breve século XX*. 2. ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *A era do capital, 1848-1875*. 15ª ed. Tradução de Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. *A era das revoluções: Europa, 1789-1848*. 12. ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *A era dos impérios: 1875-1914*. 5.ed. Tradução de Maria Sieni Campos et al. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. *Pessoas Extraordinárias – Resistência, Rebelião e Jazz*. 3.ed. Tradução de Irene Hirsch e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOLQUIST, Michael. *Dialogism: Bakhtin and his World*. London: Routledge, 2005.

ISRAEL, JJ. Why Portnoy's complaints matters. *Social Research from New York School University*. New York, v.79, ed.1., p 247-270,. 2012. Disponível em: http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl41?url_ver=Z39.88-2004&url_ctx_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:ctx&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&rft.atitle=Why%20Portnoy%27s%20Complaint%20Matters&rft.aufirst=Jeffrey%20I%2E&rft.aulast=Israel&rft.date=2012&rft.epage=270&rft.genre=article&rft.issn=0037-783X&rft.issue=1&rft.jtitle=SOCIAL%20RESEARCH&rft.pages=247-270&rft.part=SI&rft.spage=247&rft.stitle=SOC%20RES&rft.volume=79&rft_id=info:sid/www.isinet.com:WoK:UA. Acesso em: 01 mai. 2015.

KAPLAN, Fred. The Day Obscenity Became Art. In: *The New York Times*. Disponível em: http://www.nytimes.com/2009/07/21/opinion/21kaplan.html?_r=0. Acesso em 09 de agosto.

KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2015.

KEN, Jordan. The Art of Publishing. In: *The Paris Review*. Disponível em: <http://www.theparisreview.org/interviews/1187/the-art-of-publishing-no-2-barney-rosset>. Acesso em 20 de agosto.

LANDA, Dora. *O judaísmo em Philip Roth: um conceito às avessas*. 2010.236f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

LAQUEUR, Thomas. *Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation*. Zone Books: New York, 2004.

LAWRENCE, D.H. *O amante de Lady Chatterley*. Tradução de Sérgio Flaksman; introdução de Doris Lessing. São Paulo: Penguin Books, 2010.

_____. *Lady Chatterley's Lover*. New York: Penguin Books, 2006.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* 2. ed. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

LOPES, Edward. Discurso Literário e Dialogismo em Bakhtin. In: DE BARROS, Diana Pessoa e FIORIN, José Luiz (orgs). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.p.64-80.

MARCHEZAN, Renata. Diálogo. IN: BRAIT, Beth (ORG). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MOURA, Fabíola. *Serpente em espiral: o movimento do erotismo em Avalovara*. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

NAZARIO, Luiz. A propaganda do crime em filmes policiais nazistas. In: *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out. 2009*. p. 51-72. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1700/pdf>. Acesso em 04 de agosto.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*.3ª ed. São Paulo: Edusp, 2010.

OVERY, Richard. *Os ditadores: a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

PERROT, Michelle (org). *História da vida privada v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottman e Bernarndo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

PIERPONT, Claudia Roth. *Roth libertado: o escritor e seus livros*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PLON, Michael; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PUZO, Mario. *O poderoso chefão*. Tradução de: Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Editora Best Bolso, 2008.

RAVITS, A. Martha. The Jewish Mother: Comedy and Controversy in American Popular Culture. *MELUS*. New York, v.25, n.1, p. 3-31, 2000. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/468149?Search=yes&resultItemClick=true&&searchUri=%2Faction%2FdoAdvancedSearch%3Ff1%3Dall%26amp%3Bf2%3Dall%26amp%3Bf6%3Dall%26amp%3Bc4%3DAND%26amp%3Bisbn%3D%26amp%3Bdc.anthropology-discipline%3Don%26amp%3Bf5%3Dall%26amp%3Bc1%3DAND%26amp%3Bq3%3D%26amp%3Bq5%3D%26amp%3Bc5%3DAND%26amp%3Bdc.sociology-discipline%3Don%26amp%3Bq4%3D%26amp%3Bq0%3Dportnoy%26amp%3Bdc.literature-discipline%3Don%26amp%3Bed%3D%26amp%3Bf3%3Dall%26amp%3Bla%3D%26amp%3Bdc.americanstudies-discipline%3Don%26amp%3Bq6%3D%26amp%3Bc6%3DAND%26amp%3Bc2%3DAND%26amp%3Bc3%3DAND%26amp%3Bdc.jewishstudies-discipline%3Don%26amp%3Bgroup%3Dnone%26amp%3Bpt%3D%26amp%3Bdc.arts-discipline%3Don%26amp%3Bf0%3Dall%26amp%3Bf4%3Dall%26amp%3Bsd%3D%26amp%3Bwc%3Don%26amp%3Bacc%3Don%26amp%3Bq1%3D%26amp%3Bq2%3D&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 04 mai. 2015.

REMNICK, David. Em campo aberto: Philip Roth: In: _____. *Dentro da floresta: perfis e outros escritos da revista The New Yorker*. Tradução de: Ivo Korytowski, Celso Nogueira e Álvaro Hattnher. São Pulo: Companhia das Letras, 2006. p.135-161.

ROBERSTON, Geoffrey. Trial of the Century. *History Today*. London, v.60, ed. 11, novembro de 2010, p. 41-44. Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/807439493?OpenUrlRefId=info:xri/sid:primo&accountid=8112#>. Acesso em: 08 mai. 2015.

ROSENFELD, Anathol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem da ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p 9-51.

ROTH, Philip. *Adeus, Columbus e cinco contos*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Entre nós: um escritor e seus colegas falam de trabalho*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O complexo de Portnoy*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Os Factos: Autobiografia De Um Romancista*. Tradução de Francisco Agarez. Alfragide (Portugal): Publicações Dom Quixote, 2014.

_____. *Portnoy's Complaint*. London: Vintage Books, 2005.

_____. *Reading Myself and Others*. New York: Vintage International, 2001.

RUSSEL, Bertrand. *O casamento e a Moral*. Tradução de. São Paulo: Editora Nacional, 1956.

RODGERS JR, Bernard. *In the American Grain*. Boston: Twayne Publishers, 1978.

SEGAL, Alan. Portnoy's Complaint and the Sociology of Literature. *The British Journal of Sociology*. London, v.22, n.3, September 1971, p. 257-268. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/588889?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 04 mai. 2015.

SCHWARZMANN, M. Georg. Marxism and Bolshevism in D. H. Lawrence's Lady Chatterley's lover. *South Atlantic Review*, v.73, n.2, Spring 2008, p.81-95. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27784780> Acessado em: 08 mai. 2015

SEVERO, Richard. A. H. Raskin, Times reporter and editor, dies. In: *The New York Times*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1993/12/23/obituaries/a-h-raskin-82-times-reporter-and-editor-dies.html?pagewanted=all>. Acesso em 22 de julho de 2016, às 17: 38.

SHIACH, Morag. Work and selfhood in Lady Chatterley's lover. IN: FERNILOUGH, Anne (org). *The Cambridge Companion to D. H. Lawrence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.p 87-102.

SOHN, Anne-Marie. Entre duas guerras: os papéis femininos na França e na Inglaterra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org). *História das mulheres no Ocidente – o século XX, V.5*. Tradução: Alberto Couto et al. Porto (Portugal): Edições Afrontamento. p.115-146.

TALESE, Gay. *O reino e o poder: a reportagem clássica que revelou a intimidade do jornal mais importante do mundo*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TALESE, Gay. *A mulher do próximo: uma crônica da permissividade americana antes da era da AIDS*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

THE NEW YORK TIMES. *Court Lifts Ban on 'Ulysses' Here*. <https://www.nytimes.com/books/00/01/09/specials/joyce-court.html>. Acesso em 09 de Agosto de 2016.

THÉBAUD, Françoise. A grande guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org). *História das mulheres no Ocidente – o século XX, V.5*. Tradução: Alberto Couto et al. Porto (Portugal): Edições Afrontamento, 1995. p.31-94.

UNITED STATES CONGRESS. *Declaration of Independence*. Disponível em: http://www.constitution.org/us_doi.pdf. Acesso em 31 de agosto de 2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Boycott of Jewish Business*. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005678>. Acesso em 20 de julho de 2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Nuremberg Laws*. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007902>. Acesso em 21 de julho de 2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Antisemitic Legislation 1933-1939*. <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007901> . Acesso em 21 de julho de 2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Nazi Camps*.

<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005144>. Acesso em 22 de julho de 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mora e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.